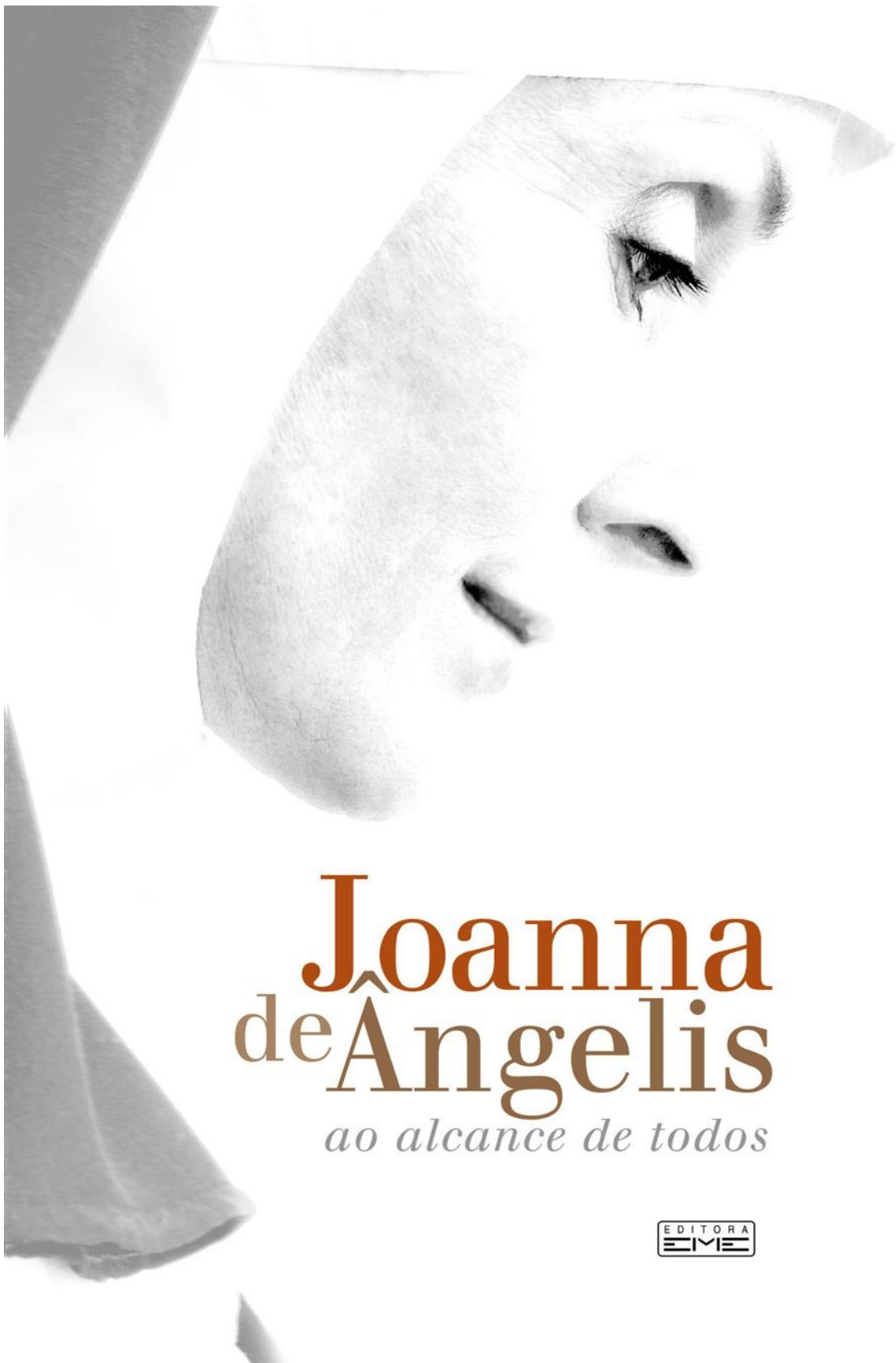


Joanna
de Angelis
ao alcance de todos

EDITORA
EVE



Joanna
de Angelis
ao alcance de todos

EDITORA
EVE

© 2015 Josué Douglas Rodrigues

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança – Casa da Criança, em Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: julho de 2017

Capa: André Stenico

Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br

Revisão: Editora EME

ISBN 978-85-9544-020-3

Joanna de Ângelis ao alcance de todos / Josué Douglas Rodrigues

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP

CEP: 13360-000

(19) 3491-7000

www.editoraeme.com.br

Apresentação

ATRAVÉS DO INCANSÁVEL TRABALHO do médium Divaldo Franco, o nobre espírito Joanna de Ângelis tem remetido ao plano terrestre inúmeras obras, repletas de ensinamentos e revelações de inestimável valor, no que se refere ao trabalho de ajuda na evolução espiritual da humanidade.

Ao longo de inúmeras encarnações na Terra, sempre como fiel servidora na seara do mestre Jesus, Joanna de Ângelis acumulou amplo e profundo conhecimento da alma humana e das dificuldades que se colocam a cada um de nós, em meio às infindáveis turbulências, que assolam o planeta. Ao considerar tais dificuldades e sofrimentos e a necessidade de superá-los, a mentora de Divaldo Franco ditou o livro *Em busca da verdade*, a cujo estudo e análise o presente trabalho convida seus leitores. Sendo um dos últimos livros da conhecida série psicológica, há nele certa convergência de muitos conteúdos das obras anteriores, daí a possibilidade de utilizá-lo como um roteiro para o estudo dos principais ensinamentos da autora espiritual.

Reconhecendo a dificuldade que a linguagem complexa da obra original impõe ao leitor não familiarizado com o jargão da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a qual é parte integrante dessa obra, pretendemos, na presente publicação, colocar tão importantes informações numa linguagem cuja compreensão esteja ao alcance de todos. O objetivo deste trabalho, assim como o da obra original, é auxiliar na conquista do tão almejado e urgente processo de autoconhecimento e autoaprimoramento espiritual, sempre com base nas máximas do amor a Deus, a partir do amor a si mesmo e ao próximo, ensinadas pelo mestre Jesus. Convidamos, pois, você, leitor, a participar conosco deste esforço de análise de uma das importantes obras da literatura espírita que, acreditamos, muito poderá contribuir para o sucesso da luta diária, rumo à nossa transformação íntima, *Em busca da verdade*.

Para melhor compreensão dos conceitos apresentados no presente trabalho são citadas diversas obras da série psicológica de Joanna de Ângelis. Todavia, a fim de tornar mais fluente a leitura, as citações do livro *Em busca da verdade* nem

sempre trazem a identificação da fonte ou da referida mentora, embora estejam impressas em fonte menor e com recuo ao longo do livro, como as demais citações.

Introdução

Conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres. (João 8:32)

A FRASE ACIMA, EXTRAÍDA do Evangelho de Jesus Cristo, segundo o apóstolo João, afirma com toda a autoridade do divino mestre, que se conhecermos a verdade nos tornaremos livres.

É sobre a conquista dessa liberdade e da alegria de viver que dela decorre, que nos fala o livro *Em busca da verdade*.

É importante que compreendamos, que a liberdade de que Jesus nos fala diz respeito à libertação de tudo que aflige e perturba nosso espírito, impedindo-nos de viver a presente encarnação de maneira serena e feliz. Refere-se ao bom combate de que fala Paulo de Tarso.

Para nos guiar pelo caminho que leva à conquista dessa serenidade do espírito e ao conhecimento dessa verdade que liberta, Joanna de Ângelis recorre, a três fontes de sabedoria: às parábolas de Jesus, a mais nobre e elevada de todas; à preciosa doutrina dos espíritos, codificada pelo dedicado e incansável Allan Kardec; e, por fim, à psicologia analítica, desenvolvida pelo neurologista e psiquiatra suíço Carl Gustav Jung.

Nas palavras da própria benfeitora Joanna de Ângelis:

A tarefa da psicologia espírita é tornar-se ponte entre os notáveis contributos dos estudos ancestrais dos eminentes psicólogos oferecendo-lhes uma ponte com o pensamento espiritista, que ilumina os desvãos e os abismos do inconsciente... os impulsos e tendências, os conflitos e tormentos, as aspirações de beleza.

O despertar do espírito – Introdução.

Relacionando e articulando a sabedoria colhida nessas fontes de luz com situações da vida cotidiana, a nobre mentora nos indica um caminho claro e eficaz, não apenas para que possamos entender as causas de nossos sofrimentos, mas também para que sejamos constantemente vigilantes, no sentido de impedirmos que tais sofrimentos se instalem em nossos espíritos. Vigiai e orai, orienta o mestre. O encontro de cada um de nós conosco mesmos e com a plenitude de Deus só será possível, quando abraçarmos com coragem e determinação, a trabalhosa opção de viver, ao longo de cada dia, esse precioso alerta de Jesus.

Capítulo 1

O ser humano e sua totalidade

Estrutura bipolar e o inconsciente

DESDE O INÍCIO DE sua jornada no planeta Terra até os dias atuais, o ser humano percorreu longo caminho. Sendo de origem divina, foi criado simples e ignorante conforme a questão 115 de O Livro dos Espíritos, prosseguindo em sua trajetória evolutiva ao longo de incontáveis milênios, nos quais vivenciou diversas fases até alcançar a consciência e inteligência humanas, o que lhe possibilitou conquistas grandiosas.

Concebeu e desenvolveu o conhecimento científico e sua decorrente tecnologia. Fez surgir as artes, a cultura, o pensamento filosófico e, pela necessidade de viver em sociedade fez brotar as leis morais, já inscritas por Deus no íntimo do seu coração.

Não obstante o imenso progresso alcançado e, algumas vezes até mesmo em decorrência deste, o ser humano provocou no planeta e em si mesmo desequilíbrios, que acabaram por deixar graves sequelas em ambos. No planeta, encontramos as diversas e amplas formas de destruição ambiental; no íntimo de cada ser, conflitos e perturbações dolorosas.

Guerras, abuso de poder, desigualdades sociais calamitosas, criminalidade, racismo e violência em suas mais diversas formas parecem contrastar com o progresso obtido. A origem dessa incoerência na história humana parece residir na profunda divisão ou fragmentação, que acontece no íntimo de cada ser humano.

A agressividade não controlada é um bom exemplo dessa fragmentação e de suas consequências desastrosas. Como parte da natureza humana, a agressividade tem sido ferramenta útil à preservação e sobrevivência da espécie, desde o homem primitivo, cujo habitat era repleto de ameaças físicas, até os dias atuais, em cuja realidade essa ferramenta natural ainda mantém papel relevante em circunstâncias específicas. Essa mesma agressividade, entretanto, irá tornar-se causa de sofrimento próprio e alheio toda vez que utilizada de maneira descontrolada e imatura. Algo acontece no interior do ser impedindo-o de

utilizar apenas de forma construtiva, inteligente e equilibrada esse recurso e muitos outros próprios de sua natureza. Quantas vezes nos arrependemos por termos tomado atitudes impulsivas ou precipitadas que contrariam tudo aquilo que acreditamos ser uma postura lógica e sensata? Por que isso ocorre de forma tão persistente? Por que com tanta frequência, não somos aquelas pessoas que gostaríamos de ser?

Essa cisão ou fragmentação ocorre, igualmente, em relação a outras potencialidades humanas, como a sexualidade, cujo emprego irresponsável sempre acarreta dor e sofrimento.

A respeito de tal cisão, Joanna de Ângelis nos ensina que:

Um eu opõe-se ao outro eu em interminável luta interior. Um é consciente, vigilante; o outro é inconsciente, adormecido, que desperta acionado pelo seu oposto. Um se encontra na razão; o outro no sentimento ou vice-versa. A não vigilância e a não saudável administração desse opositor se apresenta como desvario, que impede o raciocínio lúcido, a presença da razão.

Para que possamos entender melhor essa estrutura fragmentada do ser humano, a que Joanna de Ângelis se refere como estrutura bipolar, é conveniente que compreendamos os conceitos junguianos de inconsciente pessoal e coletivo, aos quais a autora espiritual frequentemente faz referências.

O próprio termo inconsciente já explica boa parte desses conceitos, pois define uma de suas principais características, que é a de estar oculto e relativamente fora de nosso domínio consciente. Numa linguagem desprendida de rigor científico, são como arquivos de experiências vividas aos quais, por diversos motivos, não temos acesso permanente, ou seja, permanecem quase sempre fora da nossa lembrança ou percepção consciente, embora influenciem de forma constante e intensa todas as nossas ações.

Para que tenhamos uma noção mais apurada da imensa dimensão do inconsciente, vamos recorrer às referências de Joanna de Ângelis:

O eminente psicanalista Carl Gustav Jung estabeleceu que o inconsciente é um verdadeiro oceano, no qual se encontra a consciência mergulhada quase totalmente. É como um iceberg, cuja parte visível seria a área da consciência, portanto, apenas cinco por cento do volume daquela montanha de gelo ainda pouquíssimo conhecida. A consciência, ainda segundo o mesmo estudioso, pode ser comparada a uma rolha flutuando no enorme oceano...

Indubitavelmente, nesse oceano encontram-se guardadas todas as experiências do ser, desde as suas primeiras expressões, atravessando os períodos de desenvolvimento e evolução, até o momento de lucidez do pensamento lógico, no qual hoje transita com vistas ao estágio mais elevado do pensamento cósmico para onde ruma...

Vida: desafios e soluções

Assim, segundo Jung, já nascemos herdando um conjunto imenso de experiências vividas por nós e por toda a humanidade ao longo dos tempos, que são acessados a partir de uma camada profunda de nossa psique. É a esse conjunto de experiências, que Jung denomina inconsciente coletivo.

A origem do inconsciente coletivo confunde-se com a própria origem do espírito humano que, ao longo de toda sua história, foi marcado com impressões profundas, decorrentes de situações que exigiram reações e respostas necessárias, por exemplo, à sobrevivência individual e à preservação da espécie. Uma forma simplificada de compreendermos ao menos parte desse conceito é atentarmos ao que comumente chamamos de instintos, embora existam outras manifestações do inconsciente coletivo que não são propriamente instintos, as quais Jung denomina arquétipos.

Existe, também, ainda segundo a teoria junguiana, um inconsciente pessoal resultante de experiências individuais que, por motivos diversos, ficaram inconscientemente arquivadas em nossa psique. O inconsciente pessoal ou individual reside numa camada menos profunda do psiquismo e seu marco

divisório com o consciente não é bem definido, uma vez que corresponde a aspectos da experiência individual que, em algum momento, foram incômodos, inadequados ou inúteis, sendo, por isso mesmo, arquivados numa camada logo abaixo do consciente. Trata-se, portanto, de conteúdos que ficam ocultos, porém, não de forma permanente.

Vejamos o que o próprio Jung esclarece sobre o inconsciente coletivo e pessoal:

... Daqui se segue que o inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes... Além destes conteúdos, devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal. Mas afora esses, no inconsciente encontramos também as qualidades que não foram adquiridas individualmente mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. Devemos incluir também as formas a priori, inatas, de intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessárias e a priori de todos os processos psíquicos. Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chamo-o “coletivo”, porque, ao contrário do inconsciente acima definido, não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é essencialmente um fenômeno de natureza coletiva, isto é, universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm esta mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos. No meu ponto de vista, a questão do instinto não pode ser tratada psicologicamente sem levar em conta a dos arquétipos, pois uma coisa condiciona a outra.

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique. Editora Vozes, 1984, capítulo VI, volume VIII/2 das Obras Completas.

Os exemplos de arquétipos são infindáveis, como são infindáveis as circunstâncias da vida humana, e compreendem mecanismos inconscientes de prontidão e ação, que incluem emoções e imagens correspondentes. O exemplo mais clássico é o “arquétipo materno” que representa a experiência, as imagens e as emoções da maternidade. É esse arquétipo que faz com que mãe e filho comunguem, por exemplo, a harmonia dos gestos e emoções próprios da amamentação sem que tenham que ser instruídos ou treinados a respeito.

A questão dos instintos, entretanto, já havia sido amplamente abordada, muito antes de Jung, pela doutrina dos espíritos:

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos à realização de atos espontâneos e involuntários, em vista à sua conservação. Nos atos instintivos, não há reflexão, nem premeditação... Quanto ao homem, o instinto domina com exclusividade, no começo da vida; é pelo instinto que o infante faz seus primeiros movimentos, que agarra seu sustento, que chora para exprimir suas necessidades, que imita o som da voz, que ensaia a fala e o andar. Mesmo no adulto, certos atos são instintivos: os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para se livrar de um desastre, para manter o equilíbrio...

A Gênese, de Allan Kardec, capítulo 3, O bem e o mal, item “O instinto e a inteligência”.

Assim, os registros do inconsciente coletivo e pessoal não estão inertes e podem vir à tona interagindo com nossas emoções e atitudes, não deixando muitas vezes, espaço para ponderações racionais e lógicas. Isso ocorre porque esses registros inconscientes, quando acionados por fatos de origem externa, agem automaticamente, sugerindo e induzindo-nos a padrões de reação.

A presença do inconsciente é de tal modo frequente e marcante em nosso cotidiano, que mereceu de Joanna de Ângelis, o seguinte alerta:

A grande maioria dos atos e comportamentos humanos, na sua expressão mais volumosa, procede do inconsciente, sem a interferência da consciência lúcida.

Especificamente quanto ao inconsciente coletivo, a mesma mentora esclarece:

No inconsciente coletivo, encontra-se arquivada toda a história da Humanidade, os diferentes períodos vivenciados, abrindo pequeno espaço ao inconsciente individual, encarregado dos registros atuais, desde a concepção até a atualidade.

Sabemos, por exemplo, que muitos de nossos medos são irracionais e que o próprio indivíduo que os experimenta mostra-se, não raro, incapaz de compreendê-los. Isso ocorre porque tais medos têm origem no inconsciente. O medo excessivo do escuro ou o medo de se estar só – mesmo quando não há riscos reais – podem ocorrer, porque estar no escuro ou estar só foram fatores de risco para nós e para nossos ancestrais quando, encarnados em épocas remotas, vivíamos circunstâncias repletas de perigos reais que eram agravados pela escuridão ou pelo fato de estarmos sós. Essa apreensão incorporou-se ao inconsciente como um alerta, que hoje nem sempre reflete uma ameaça real.

Em diversas oportunidades Joanna de Ângelis refere-se especificamente a essas experiências individuais e coletivas, vividas no passado longínquo, e sua transformação em arquétipos:

Remanescente das experiências animais, nas quais a dor feria a sensibilidade do instinto, produzindo desespero incontrolável, por falta do recurso da razão, tal atavismo transforma-se em arquétipo conflitivo ínsito no inconsciente coletivo, tornando-se gênese de fobias variadas, que se avultam e se transformam em estados patológicos.

Amor, imbatível amor, capítulo 9: Prazer e fuga da dor.

Esse inconsciente coletivo se encarrega de guardar todos os dados que podem ser acessados a qualquer momento por todas e quaisquer pessoas, superando as dimensões de tempo e de espaço, acumulados desde os primórdios do conhecimento do ser no seu processo evolutivo, abrangendo a fase primária e prosseguindo até o momento cultural em que se vive. Não apenas em relação a si mesmo, mas igualmente a respeito de tudo quanto haja ocorrido. Desse inconsciente coletivo surgiram os arquétipos primordiais, responsáveis por todos os fenômenos psicológicos, conscientes ou não...

Triunfo pessoal, capítulo 1: O cérebro e o espírito

Assim sendo, há arquétipos com raízes muito profundas e remotas no desenvolvimento coletivo da alma humana. A crença em Deus e na vida futura além-túmulo, por exemplo, representam arquétipos provenientes da origem da evolução e estão bem definidos e presentes em todas as culturas humanas, embora, como todo arquétipo, tenham em cada cultura e em cada indivíduo sua expressão e alegorias próprias.

As questões 958, 959 e 960 de O Livro dos Espíritos abordam especificamente esses arquétipos referentes à crença numa vida futura:

Por que o homem tem instintivamente horror ao nada? – Porque o nada não existe.

De onde lhe vem o sentimento instintivo da vida futura? – Já dissemos: antes de sua encarnação, o espírito conhecia todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga

lembrança do que sabe e do que viu no estado de espírito.

De onde vem a crença em penas e recompensas futuras que se encontra em todos os povos? – É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade trazida ao homem pelo espírito nele encarnado, pois deveis saber que não é à toa que uma voz interior voz fala. Vosso erro está em não escutá-la o bastante. Se pensásseis bem nisso, e com maior frequência, vós vos tornaríeis melhores.

A doutrina dos espíritos, portanto, completa e torna mais compreensível e consistente a psicologia analítica de Jung por conter em seus princípios a reencarnação e a comunicação entre os espíritos, encarnados ou não. O conceito de inconsciente coletivo, por exemplo, é mais facilmente compreendido considerando-se a intercomunicação constante e plena dos espíritos através do fluido cósmico universal, no decorrer das reencarnações e na amplitude de todas as experiências de todos os espíritos. Todavia, a comunicação e o acesso individual a esse imenso conjunto de experiências tem origem no pensamento, que é próprio do espírito e não do corpo físico. A interação recíproca e constante das inteligências humanas é descrita pelo próprio Kardec:

Um pensamento superior, bem pensado, se me é permitido servir-me desta expressão, pode, segundo a sua força e elevação, impressionar mais ou menos a homens que nenhuma consciência tenham de se achar sob a sua influência; e também, muitas vezes, aquele que o emite não tem consciência do efeito que o seu pensamento vai produzir. É um jogo constante das inteligências humanas, resultante da ação recíproca de uma sobre as outras. Juntai a isto a ação dos desencarnados e calculai, se puderdes, a alta potência desta força composta de tantas forças reunidas.

Se fosse possível pôr em evidência o imenso mecanismo que o pensamento põe em atividade, e os efeitos que produz, de um para outro grupo e, enfim, a ação universal dos pensamentos dos homens, uns sobre os outros, o homem ficaria deslumbrado, sentir-se-ia amesquinhado diante desta infinidade de

circunstâncias, diante dessa rede infinita; tudo ligado por uma poderosa vontade e agindo harmonicamente para um único fim: o progresso universal.

Obras Póstumas: Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento

Compreende-se mais facilmente o mecanismo dessa ação universal dos pensamentos, partindo-se do conceito de fluidos espirituais descritos em A Gênese:

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal são, falando de modo apropriado, a atmosfera dos seres espirituais; são o elemento do qual extraem os materiais sobre os quais operam; é o ambiente no qual se passam os fenômenos especiais, perceptíveis pela visão e audição do espírito, e que escapam aos sentidos impressionados unicamente pela matéria tangível; onde se forma esta luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária por sua causa e por seus efeitos; é enfim veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

A Gênese, capítulo XIV – Os fluidos, item 13

Uma descrição mais detalhada e profunda do fluido universal e de suas propriedades pode ser encontrada em O Livro dos Espíritos, capítulo II – Elementos Gerais do Universo e em toda a extensão do capítulo XIV de A Gênese.

Ainda sobre a necessidade dos conhecimentos revelados pela doutrina espírita para uma melhor compreensão do inconsciente coletivo, Joanna de Ângelis nos diz:

Nenhum cérebro teria condições de armazenar todas as formulações dos diversos períodos da evolução, considerando-se o limite da aparelhagem fisiológica, mesmo com sua incomum complexidade. Seria atribuir-lhe funções e possibilidades divinas. A visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extracerebral, formado por uma maquinaria energética centrada no self¹ ou espírito, cujo tamanho de informações é infinito, torna-se muito mais factível e racional, sem menosprezo pela conceituação do inconsciente coletivo, variando apenas de denominação e certamente de formação, no que resultaria a questão dos conteúdos emocionais e das possibilidades de conhecimentos.

Triunfo pessoal, capítulo 1: O cérebro e o espírito

A percepção prática da fragmentação

É possível, no entanto, interpormos um filtro racional aos impulsos gerados pelo inconsciente, de modo a impedir a realização imediata e irrefletida dos mesmos. Isso, na prática, equivale a dizer que nosso consciente tem a capacidade, muitas vezes ainda latente ou débil, de rejeitar essa submissão total ao inconsciente, na medida em que amadurecemos nosso discernimento e compreendemos o funcionamento da relação inconsciente/consciente, treinando nossa percepção para identificar os impulsos que fazem parte dessa relação.

A capacidade de identificar impulsos inconscientes e controlá-los cria a possibilidade de nos libertarmos de sofrimentos desnecessários. Pode haver, todavia, armadilhas perigosas na busca dessa libertação como alerta Joanna de Ângelis:

Pessoas inexperientes, quando se dão conta dos opostos no seu mundo interior, afligem-se desnecessariamente, formulando conceitos indevidos e punitivos, como se as manifestações do inconsciente significuem inferioridade, promiscuidade, dando origem a culpas injustificáveis pelo fato de existirem. [...]

Esses conflitos não devem ser combatidos como inimigos num campo de batalha, mas atendidos, orientados, esclarecidos, libertando-se deles pela sua conscientização, de forma que a autoconsciência experimente bem-estar pela conquista realizada interiormente.

Dar-se conta dos opostos significa ter a percepção das manifestações do inconsciente e da inconveniência de vivê-los de forma bruta, sem, no entanto, alimentar culpas rotulando-os como inferiores, impuros ou promíscuos.

Nada do que procede do inconsciente é inferior, ruim ou impuro, assim como nada do que chega ao consciente, através dos sentidos. Isso pode soar estranho num primeiro momento, se levarmos em conta milênios de recalques, suportados em total submissão a imposições de caráter religioso ou social. Urge nos darmos conta, finalmente, de que o que pode tornar algo nefasto é a maneira como lidamos com os estímulos ou impulsos. É importante que compreendamos que não é porque um impulso é rotulado externamente como inferior que o devemos reprimi-lo, mas sim, se a realização de tal impulso trazer danos para si mesmo ou para o próximo. Devemos sim controlá-los e canalizá-los, sem jamais negar a existência dos mesmos. Mais adiante, veremos que quem julga, rotula e transforma o impulso em reação, ao invés de ação refletida e sensata, é o ego imaturo e que, muitas vezes, os julgamentos por ele gerados são falhos e desastrosos, por partirem de pressupostos falsos.

É oportuno que não nos esqueçamos do que nos ensina o mestre a esse respeito:

Não é o que entra pela boca que faz imundo o homem, mas o que sai da boca é que faz imundo o homem... Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre e se lança depois num lugar escuso? Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e estas são as que fazem o homem imundo; porque do coração é que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias. Estas coisas são as que fazem imundo o homem. O comer, porém, com as mãos por lavar, isso não faz imundo o homem.

Mateus, XV: 1-20

O que sai do coração é aquilo que processamos, é o tratamento que nosso discernimento dá aos estímulos que nos chegam. O perdão e o ato de perdoar são exemplos disso. É comum nos deixarmos melindrar por palavras ou comportamentos de outrem, quer estes nos visem ofender ou não. A compreensão de que o sentimento de ofensa é sempre resultado da maneira como processamos tais fatos externos é essencial. Espíritos superiores sequer

experimentam a necessidade de conceder perdão, uma vez que não se sentem ofendidos ou atingidos. Já é tempo de aprendermos essa lição valiosa, a fim de preservarmos nossa saúde física e emocional, garantindo nossa evolução espiritual.

Se considerarmos nossa realidade presente, concluiremos que temos permitido que o que vem do mundo externo interaja com nossos arquivos internos, gerando sentimentos e atitudes determinados por essa interação que, por ser parcialmente inconsciente e conflituosa, pode ser inadequada e gerar sofrimento.

Diz Joanna de Ângelis:

O esforço consciente do indivíduo para autopenetrar-se, autoconhecer-se [...] induz o mesmo a um comportamento gentil, afável, compreensivo das dificuldades e limitações do seu próximo.

Enquanto, porém, permanece essa dissociação, essa fragmentação, esse desconhecimento da consciência, invariavelmente se tomba na cisão da personalidade, da qual irrompem os transtornos neuróticos que atormentam, aumentando a distância entre os atos conscientes e os inconscientes.

Portanto, ter consciência desses atos inconscientes, de sua origem e da forma como interagem com nosso cotidiano é condição indispensável, para atingirmos a serenidade desejada. Não basta, entretanto, conhecê-los; é necessário, ainda, harmonizá-los com nossas atitudes e sentimentos.

Quando nos sentimos tristes ou infelizes, vale a pena fazermos o esforço de, ao menos por um momento, ultrapassarmos essa sensação e tentarmos perceber o que está por detrás de sua causa aparente, ou desse motivo de superfície. Um modo prático de fazer isso é constatarmos que o motivo de superfície é, como o próprio termo indica, mero verniz, que de forma alguma explica racional e satisfatoriamente a razão do sofrimento. Trata-se, quase sempre, de um quadro mental constituído por ingredientes ilógicos, fruto de uma imaginação exacerbada, que acaba por levar o indivíduo a um interminável e inútil ressentir

de lembranças e projeções destrutivas.

A partir desse esforço de análise, poderemos perceber que, por detrás dessa criação mental desastrosa, existem impressões, provenientes do inconsciente. O conflito provocado por essas impressões e impulsos é a razão do sofrimento e da tristeza.

Algumas pessoas costumam se sentir infelizes, por exemplo, simplesmente por que, de alguma forma, desagradaram um, ou alguns membros de um grupo social a que pertencem, imaginando, de forma inconscientemente exagerada e trágica, que isso poderá provocar sua rejeição por parte de todo grupo, ou que ele próprio é inadequado ao convívio social. A não aceitação no meio social em que se vive pode afrontar o instinto – ou o arquétipo – gregário, que traz em si o horror à solidão e à rejeição.

É importante que compreendamos que não é conveniente negar ou reprimir reações tidas como inadequadas mas sim reconhecer sua natureza e origem. Esse reconhecimento será capaz de diluir e, até mesmo, eliminar a força de tais agentes de desconforto e, desse modo perceberemos que as projeções mentais construídas por nossa imaginação são, no mínimo, exageradas ou absurdas, e que os problemas reais são de pouca ou nenhuma gravidade. Em outras palavras, é importante que, após ter identificado tais reações, impeçamos que elas tomem conta de nosso campo emocional. Discordar ou discutir com alguém não nos tornará necessariamente indivíduos rejeitados pelo grupo, e ainda que alguém do grupo nos rejeite não seremos necessariamente rejeitados pelo mundo. É inevitável e até positivo para nossa autoestima considerarmos que, vez por outra, ao invés de nos sentirmos rejeitados, assumamos que fomos nós que rejeitamos esse ou aquele grupo com o qual não nos identificamos.

Em se tratando de agressividade ou medo é bastante conveniente sabermos que há um mecanismo inconsciente, instintivo e genético, que diante de uma situação de risco físico, deflagra uma reação fisiológica denominada pelos psicólogos de reação de luta ou fuga. Nessa reação instintiva, o organismo físico libera uma série de substâncias, particularmente a adrenalina e o cortisol, que preparam o corpo para fugir ou lutar, prontamente, contra a referida ameaça. O coração acelera, preparando o indivíduo para um esforço físico intenso, a respiração se torna ofegante e o suor brota na superfície da pele, proporcionando um resfriamento relativo e conveniente do corpo. A circulação sanguínea se intensifica nos músculos, objetivando dar-lhes mais força, retirando-se, por sua

vez, do sistema digestivo, inútil nesse momento. Os globos oculares, injetados, aumentam o campo visual periférico e as pupilas, dilatadas, aumentam a percepção visual na penumbra. Em outras palavras, corpo físico e mente se concentram inteira e exclusivamente na defesa da integridade e da sobrevivência do corpo físico.

Nos tempos atuais, a reação acima descrita, por sua natureza e características fisiológicas, mostra-se inadequada na maioria das situações, posto que incapacite temporariamente o ser para a reflexão e raciocínio equilibrados. Quando, por exemplo, numa tola discussão, pelo simples fato de haver opiniões em choque, os indivíduos envolvidos tudo fazem para que prevaleçam seus pontos de vista, estão dando oportunidade a que uma reação de luta ou fuga se estabeleça. Caso não se deem conta disso a tempo, poderão dar início a uma verdadeira batalha, por motivos irrelevantes. É bastante comum, também, que se deflagre uma reação de luta ou fuga, quando chega o momento de enfrentarmos um exame final ou uma entrevista de seleção para emprego. Em ambos os casos, corremos o risco de falharmos, pelo fato de permanecermos temporariamente incapacitados de raciocinar e agir com a calma e a lucidez necessárias para o êxito.

Existe, contudo, uma primazia do espírito sobre o corpo físico conforme ensina O Evangelho segundo o Espiritismo nos itens 9 e 10 do capítulo IX, que aborda e exemplifica a influência dos impulsos instintivos sobre o comportamento humano:

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos tornam semelhantes à besta, fazendo-vos perder o sangue frio e a razão. [...]

Certamente, há temperamentos que se prestam, mais que outros, a atos violentos. [...] Mas não acrediteis que esteja nisso a causa primeira da cólera; persuadi-vos de que um Espírito pacífico, mesmo em um corpo bilioso, sempre será pacífico, e um Espírito violento, em um copo linfático, não seria por isso mais dócil. Apenas a violência tomaria um outro caráter: não tendo um organismo apropriado a apoiar a sua violência, a cólera seria concentrada, e, no outro caso, seria expansiva. [...]

Mas aquele que quer se corrigir sempre o pode, pois de outra forma a lei do progresso não existiria para o homem.

Há, por fim, um segundo passo fundamental de maior profundidade e abrangência nesse processo libertador. É o que Jung denomina de individuação. O processo de individuação, que será explanado mais adiante, irá nos libertar não apenas da influência descontrolada dos conteúdos inconscientes, mas também das limitações decorrentes da relativa desconexão do nosso consciente com a realidade espiritual. Este passo é sempre, ou quase sempre, precedido por intuições ou insights, que fazem parte do que Joanna de Ângelis define como campos admiráveis extrafísicos da percepção, que levam à individuação e representam a superação da lógica apenas advinda do intelecto.

Persona e sombra

À medida que o indivíduo se afasta da infância, caminhando para a fase adulta, desenvolve em si mesmo posturas que viabilizam seu relacionamento com o meio em que vive. Tais posturas vão se tornando mais complexas com o passar do tempo, exigindo adaptações nas relações familiares, sociais, profissionais e de cidadania, tornando-o parte de uma coletividade impregnada de costumes, preconceitos, leis e cultura específicos.

Esse processo de adaptação consiste, em última instância, no resultado do esforço que o indivíduo vê-se obrigado a realizar, no sentido de não expor para a sociedade em que está inserido, características da sua individualidade que ameaçariam sua aceitação social ou o afeto daqueles que lhes são caros. Isso resulta no que a psicologia analítica denomina máscara ou persona:

Persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo.

Jung – O eu e o inconsciente, p. 305

Dessa forma, um indivíduo cria para si tantas máscaras quantos forem os papéis que deva desempenhar em sociedade. Em alguns momentos, será o profissional, em outros, cônjuge, filho(a), o pai/mãe, consumidor(a), esportista, e assim por diante.

Se por um lado a ação de desenvolver máscaras tem por objetivo fazer com que

o indivíduo se harmonize com a sociedade em que vive, por outro pode ser fonte de conflitos, uma vez que há em tudo o que é ocultado ou reprimido, uma energia que busca manifestar-se de algum modo. Essa vazão ocorrerá cedo ou tarde, seja de forma descontrolada e desastrosa, como numa represa sem comportas, que transborda, seja de forma controlada e dirigida, à semelhança da represa provida de comportas, capazes de controlar a vazão.

Quando uma criança percebe a desaprovação dos pais ao manifestar qualquer emoção, estará desenvolvendo já na infância uma máscara de frieza emocional que não corresponde a sua verdadeira natureza, afastando-se desse modo de viver sua individualidade. Por necessitar da aprovação daqueles que lhes são de extrema importância, adapta-se às expectativas dos mesmos.

O conjunto dos conteúdos reprimidos em função da construção da máscara forma o que a psicologia junguiana denomina sombra. Na situação citada, uma personalidade afetuosa e emotiva será inconscientemente reprimida e fará parte da sombra. Todos os conteúdos assim reprimidos são despejados no inconsciente, mas nem por isso deixam de existir, e de alguma forma irão se manifestar.

Em suma, para nos adaptarmos ao meio social, criamos a máscara, a qual provoca o surgimento da sombra, que pode ser fonte inconsciente de transtornos, quando composta de conteúdos, que tenham sido simplesmente reprimidos e não compreendidos, controlados e harmonizados, racionalmente. Mesmo traços positivos de uma personalidade são relegados à sombra impedindo manifestações edificantes e saudáveis de nossa individualidade, como atesta Jung:

A sombra não consiste apenas de tendências moralmente repreensivas, mas também demonstra várias boas qualidades, como instintos normais, reações apropriadas, insights realistas, impulsos criativos, etc.

Por isso, os conteúdos psíquicos não devem ser simplesmente reprimidos, mas encarados através da reflexão pessoal e transformados em ações positivas que, sem perder a natureza e a energia do impulso primário, sejam perfeitamente realizáveis no meio social.

Um exemplo desse redirecionamento de energias pode ser observado na prática esportiva, onde se dá o enfrentamento de um adversário, e não de um inimigo, numa competição que ocorre com o consentimento das partes, segundo regras que contemplem o respeito e a integridade física dos participantes – o denominado fair-play – na busca por uma vitória justa, que através do esforço e destreza canaliza toda a agressividade para um desfecho edificante na consumação de conteúdos psíquicos, a princípio grotescos e primitivos.

Outra via construtiva para o direcionamento de energias contidas na máscara é o uso da criatividade, manifestada nas artes em geral. A arte jamais seria concretizada de forma plena, se contasse apenas com o talento do artista. Há a necessidade do conteúdo motivacional, da ideia a ser externada e é essa energia, proveniente da sombra, que torna a obra expressiva e brilhante. Isso explica a razão pela qual tantos gênios da arte são indivíduos de postura rebelde e excêntrica. Há neles muita energia represada em busca de manifestação. Raivas, frustrações, mágoas e emoções negativas que poderiam extravasar através de comportamentos hostis e incompatíveis com uma vida social harmonizada são visíveis em telas, esculturas, músicas e em todo tipo de criação artística. Não é de se estranhar que depois de ter pintado várias telas e ser rejeitado pela Academia de Belas Artes de Viena, Adolf Hitler tenha se tornado o autor de tantos horrores.

Transtornos frequentes, advindos da máscara, podem dar-se quando há excessiva identificação do indivíduo com a mesma, a ponto de com ela se confundir como se fora parte de sua essência. Um exemplo disso é o indivíduo que, uma vez eleito senador, desempenha esse papel a cada hora do dia, todos os dias de sua vida, a ponto de pretender exercer sua autoridade de senador com todos que o rodeiam e imaginando-se digno de receber sempre o tratamento dispensado a um senador em todas as circunstâncias da sua vida. Agindo assim, o indivíduo em questão desequilibra-se, deixando de desempenhar satisfatoriamente outros papéis a ele igualmente inerentes, quais sejam, o de pai, filho, irmão, marido,

vizinho ou simplesmente de cidadão solidário. Incapaz de transitar naturalmente de um papel para outro de acordo com cada situação, perde a consciência de que está usando uma máscara, que pode e deve ser removível.

Cabe-nos então, a partir do que foi exposto e dos exemplos citados, desenvolver a capacidade de identificar esses conteúdos do inconsciente e lhes dar tratamento racional, sem liberá-los de maneira displicente, nem reprimi-los na sombra. Essa postura é indispensável para resguardar nossa verdadeira personalidade, nossa própria identidade, que podem ser ameaçadas pela criação desatinada de máscaras, como melhor explica nossa benfeitora:

No caleidoscópio do comportamento humano há, quase sempre, uma grande preocupação por mais parecer do que ser, dando origem aos homens espelhos, aqueles que não tendo identidade própria, refletem os modismos, as imposições, as opiniões alheias. Eles se tornam o que agrada as pessoas com quem convivem, o ambiente que no seu comportamento neurótico se instala.

Joanna de Ângelis, O homem integral, pág. 25

Vê-se assim que a massificação e os hábitos irrefletidos podem construir máscaras arraigadas que debilitam nossa individualidade.

Os transtornos decorrentes da sombra que não é resgatada do domínio inconsciente se caracterizam não somente pela explosão irracional daquilo que foi reprimido, mas também por efeitos colaterais penosos, na forma de angústia, depressão e problemas de saúde física, efeitos esses que simplesmente refletem os danos de um conflito não resolvido entre o indivíduo e sua própria sombra.

Jung observa que:

Ninguém pode, impunemente desembaraçar-se de si mesmo em troca de uma

personalidade artificial; até a tentativa de fazê-lo acarreta, nos casos comuns, reações inconscientes, sob a forma de mau humor, afetos, fobias, ideias obsessivas, vícios, etc.

O eu e o inconsciente, p. 307

Dentre esses transtornos, os psiquiatras diagnosticam uma doença da psique denominada distímia, a chamada doença do mau humor. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, 3% da população do planeta sofre desse mal. Trata-se de um distúrbio mental caracterizado por descontentamento e mau humor crônicos. O distímico padece de angústia, pessimismo, sentimentos de rejeição e inadequação, preocupação exacerbada, cansaço sem motivos aparentes, incapacidade de lidar com frustrações, e outros sintomas dolorosos. São pessoas mais suscetíveis a desenvolver outros distúrbios, como doenças cardiovasculares, câncer, disfunções sexuais, depressão e tantos outros males.

São muitas as dificuldades a serem superadas na tentativa de reconhecermos a sombra que há em nós. Um desses obstáculos que atinge praticamente a todos é o que a psicologia chama de projeção, que é o ato de atribuir aos outros tudo o que, inconscientemente repudiamos em nós mesmos. Sigmund Freud, o famoso pai da psicanálise, dizia que quanto mais João fala de Pedro, mais eu conheço João. Portanto, por mais inaceitável que possa parecer a princípio, todas as características que consideramos intoleráveis no próximo, provavelmente existem em nós, reprimidas na sombra. Assim, observar o que nos irrita com frequência nos outros pode ser a melhor pista para tornarmos conscientes os conteúdos da nossa sombra.

Joanna de Ângelis resume de forma incisiva os descaminhos percorridos pelo homem moderno para desembaraçar-se da própria inconsciência:

Buscando enganar sua realidade mediante a própria fantasia, o homem moderno procura a projeção da imagem sem o apoio da consciência. Evita a reflexão esclarecedora, que o pode desalgemar dos problemas, e permanece em contínuas

tentativas de negar-se, mascarando a sua individualidade.

O homem integral, pág. 86

Resta-nos admitir que aquilo que não nos deixa confortáveis e que nos irrita de forma frequente, está dentro de nós, na nossa sombra e não fora de nós. Só assim desenvolveremos nossa capacidade de trabalhar com essas energias e harmonizá-las.

O self e sua relação com o ego

O conceito de self é fundamental na psicologia analítica de Jung e amplamente referido por Joanna de Ângelis, porém, a compreensão do mesmo em toda sua profundidade e plenitude ultrapassa a capacidade intelectual humana. Conhecê-lo, todavia, até onde nos é possível, trará uma ajuda imensa em nossa jornada evolutiva, e para isso convém que primeiro nos aprofundemos um pouco mais na compreensão do ego.

O ego funciona como o centro da consciência, controlando e vigiando todos os conteúdos – lembranças, imagens e informações com suas respectivas cargas emocionais – permitindo, ou não, que os mesmos permaneçam no campo consciente. Tudo o que vier do mundo externo ou do inconsciente e for considerado importante para o ego é absorvido e torna-se consciente, e o que não for considerado importante fica no inconsciente. Conteúdos demasiadamente incômodos ou perturbadores ficam confinados no inconsciente e dessa forma o ego protege a psique, pois se os conteúdos do inconsciente invadissem a consciência de forma abrupta e indiscriminada, a mesma não daria conta e o indivíduo surtaria.

É graças ao ego que temos uma identidade, uma personalidade e uma história pessoal, alojadas no consciente, pois... O ego fornece à personalidade, identidade e continuidade, em vista da seleção e da eliminação do material psíquico... (Calvin Hall, Introdução à psicologia junguiana).

Por isso a natureza do ego – que é a estrutura que nos foi dada para que enfrentemos conscientemente as situações e desafios da vida – busca controlar tudo o que, de alguma forma, possa interagir com o indivíduo, garantindo ao mesmo segurança e bem-estar. Entretanto, o ego deve andar passo a passo com o amadurecimento físico e psíquico do indivíduo. Num processo de amadurecimento sadio, as motivações do indivíduo evoluem das meras necessidades de sobrevivência física e segurança, que predominam nas fases iniciais, para outras necessidades mais elevadas como autorrealização, a compreensão dos objetivos e sentido da vida, o amor fraterno e outras tantas

motivações superiores, culminando com o que podemos chamar de busca de Deus.

As etapas e a evolução desse processo de descoberta e amadurecimento são diretrizes que fazem parte da essência do espírito humano desde sua mais remota origem, e habitam em forma latente no mais íntimo de cada indivíduo como uma programação evolutiva, uma semente. A essa semente Jung denomina self, e a participação do ego no desenvolvimento dessa semente, desde sua germinação até a exuberância da árvore frondosa, é fundamental, no sentido de proporcionar uma evolução sadia ou um retardamento doloroso à mesma, já que é o ego que absorve e incorpora na consciência, tudo o que vem do inconsciente, inclusive os chamamentos do self, dessa forma,... embora o ego esteja para o self como o movido para o movedor, ou como o objeto para o sujeito... os dois grandes sistemas psíquicos necessitam um do outro. Isso porque, sem o poder analisador do ego e sua capacidade de facilitar uma vida independente... o self fica sem presença no mundo cotidiano. Com a ajuda do ego, as tendências do self para fomentar a vida em maior profundidade e em maior nível de integração tornam-se disponíveis para um homem ou uma mulher.²

Com o respaldo da doutrina espírita, Joanna de Ângelis acolhe e estende o conceito de Jung, conforme as citações seguintes:

O self, preexistente à composição física do ser humano, é possuidor dos símbolos e imagens que se encontram no arquétipo primordial, do qual se origina, conduzindo o embrião do ego e da consciência, que se exteriorizarão por meio das incontáveis experiências de transformação e de redenção na individualidade em que se expressará um dia.

Autodescobrimento, capítulo 7

A conceituação evolutiva do princípio espiritual que se transformará no self quando o ser se humaniza completa a proposta junguiana, alargando os

horizontes existenciais ao infinito, cujas origens perdem-se nos primórdios da Criação, correspondendo aos arquétipos primordiais, que se encontram em Deus de Quem tudo procede.

Triunfo pessoal, capítulo 1

O self não é apenas um arquétipo – aptidão, mas o espírito com as experiências iniciais e profundas de processos anteriores, nos quais desenvolveu os pródromos do Deus interno nele vigente, face à sua procedência divina desde a sua criação.

Triunfo pessoal, capítulo 4

Quando Joanna de Ângelis nos fala em arquétipo primordial, embrião da consciência e procedência divina remete-nos automaticamente aos conceitos de princípio inteligente do Universo e de fluido universal que criados por Deus, formam com Ele, o princípio de tudo o que existe, a trindade universal conforme nos descrevem mais detalhadamente as questões de 23 a 27 de O Livro dos Espíritos.

Assim o self é o mais importante arquétipo por que além de reger toda a psique, está intimamente ligado à própria criação do ser humano e traz em si o embrião da consciência e do ego. É de fato um projeto da Providência Divina para cada criatura humana, que indica, através dos arquétipos, dos instintos e de insights, as metas magníficas que o mesmo está destinado a alcançar através das muitas experiências reencarnatórias. As questões 132, 133 e 573 de O Livro dos Espíritos tratam explicitamente desses objetivos e suas implicações.

Embora o cumprimento do projeto seja inexorável e todas as almas atingirão algum dia o objetivo estabelecido, caberá a cada espírito escolher os caminhos.

Há caminhos sofridos e tortuosos, quando o ego demora a sintonizar-se com o self e caminhos mais retos e breves quando o espírito doma o ego convocando-o aos chamados do self.

O problema é assumirmos uma atitude egoica, ou seja, quando fixamos nossa identidade única e exclusivamente no ego o qual, sem ter acesso livre às influências do self, irá limitar-se somente à busca incessante e compulsiva de segurança e bem-estar. Existem, porém, horizontes mais amplos e elevados que só serão abraçados pelo ego sob a imposição do espírito no uso do seu livre-arbítrio. Um indivíduo imaturo que, comodamente, cede às pressões imediatistas do ego, não deixa espaço para os apelos do self. Assim sendo, somente renunciando à busca incessante da segurança a qualquer custo, conseguiremos galgar os degraus da evolução. Para evoluir precisamos mudar, para mudar é preciso ousar, pois não existem mudanças verdadeiras sem riscos, nenhuma mudança é totalmente segura.

A primazia do ego, no entanto, é defluente da construção dos interesses pessoais imediatos em detrimento daqueles de natureza geral, de maior amplitude social e humana. Em face da ilusão sobre a permanência do conjunto somático em que o espírito se movimenta na Terra, fixam-se-lhe equivocadas impressões de perenidade em torno de tudo quanto, afinal, é transitório.

Joanna de Ângelis – Atitudes renovadas – capítulo 20

Em outras palavras, as ocorrências da vida estão sempre coordenadas pelo self, objetivando dar ensejo a que se realize a plenitude do ser humano a cada encarnação, a cada experiência frustrante e a cada vislumbre de possibilidades mais amplas e nobres de construir a vida. Evidentemente esse caminho está repleto de escolhas e das suas respectivas consequências. Entretanto...

Os indivíduos normalmente se movimentam na vida em estado quase de sono,

sem dar-se conta do que acontece à sua volta, sem conscientizar-se das ocorrências nem dos seus mecanismos. Raramente se detém, na reflexão, considerando os objetivos e necessidades da vida em si mesma. Tudo se lhes sucede de maneira automática, fortuitamente, vitimados que se encontram pelos mecanismos fisiológicos. [...]

Em razão disso vivem inconscientemente, longe da realidade, dispersos, acumulando conflitos e deixando-se arrastar pelos instintos que neles são dominantes.

Joanna de Ângelis – Vida: desafios e soluções – capítulo 7

A percepção prática do self

Para que possamos perceber de forma palpável, ainda que superficial, a ação self, basta contemplarmos com mais atenção a maneira como o princípio inteligente, através do fluido universal e do princípio vital que dele derivam – conforme nos informam as questões de 60 a 87 de O Livro dos Espíritos – faz com que nosso corpo físico, após infindáveis eras de adaptação e evolução desempenhe adequadamente suas funções de sobrevivência no planeta Terra. É esse princípio inteligente que rege nosso corpo, fazendo com que nosso coração pulse no ritmo adequado, que nosso aparelho digestivo dê conta de todo mecanismo que envolve os processos digestivos, enfim, fazendo com que cada órgão de nosso corpo desempenhe a função que lhe cabe, sem nossa interferência consciente. Na maior parte do tempo, nem ao menos nos damos conta de que toda essa maquinaria fantástica está em pleno funcionamento.

Até mesmo um cristal adquire formas específicas, obedecendo a determinadas leis que transcendem infinitamente o conhecimento e a ciência humana. Uma árvore cria raízes para absorver nutrientes e água da terra, assim como folhas para retirar da luz solar meios para se desenvolver e se manter viva, gerando frutos que, por sua vez, fazem-se nutrientes de outras formas de vida, dentre elas, o corpo físico humano. Damo-nos conta, assim, de uma harmonia inteligente que rege a estrela Sol, o planeta Terra, a água, a terra, o fogo que vive nas entranhas de nosso orbe, os vegetais, os animais, minerais, enfim, todo o cosmo.

O mesmo princípio inteligente que, emanando diretamente de Deus, criou e estabeleceu essa evolução harmoniosa da natureza em todas as suas manifestações, como podemos observar e constatar extasiados, não deixou à parte a evolução espiritual do espírito humano que, participe de toda essa obra, também pode ser observada e constatada ao olharmos para dentro de nós mesmos. Vem daí o termo self ou, em português, si-mesmo.

A individuação e o estado numinoso

Ao observarmos o desenvolvimento da relação entre o ego e o self na história da evolução do espírito humano, fica claro que existe um caminhar em direção a um encontro harmonioso, ou seja, a evolução do espírito proporciona uma inclusão de valores do self, que são aceitos pelo ego, no consciente. Esse caminhar, entretanto, é individual, desenrolando-se no ritmo próprio de cada espírito e através da sua jornada em sucessivas reencarnações. Acerca do conhecimento advindo da vivência de todo esse processo, Joanna de Ângelis nos diz que:

Em face da grandiosidade e infinitude do conhecimento, uma existência corporal é insuficiente, em tempo e oportunidade, para abarcar-se as leis e informações que dizem respeito à grandeza da vida, sendo indispensável o mergulho na esfera carnal, inúmeras vezes, de modo que se desenvolvam os seus germes em latência no cerne do Self, depositário dos sublimes recursos de que se faz herdeiro.

A essa aproximação gradual entre o ego e o self, Jung denomina individuação. O termo provém da ideia de que, ao aproximar-se do self, o ser se vai tornando cada vez mais inteiro, íntegro, in dividido, ou seja, não dividido. Em contrapartida, a fragmentação causada pelo conflito entre ego e self vai diminuindo através da integração entre as partes. Sem o imediatismo do ego imaturo, o indivíduo experimenta sua totalidade, e gradualmente desaparecem os sofrimentos e desabrocha a paz.

A individuação, enquanto experiência concreta como encarnados, é descrita pelo próprio Jung em uma linguagem admiravelmente simples e acessível:

A individuação, em geral, é o processo de formação do Ser Individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do Conjunto Humano, da Psicologia Coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural, e uma coibição dela traria prejuízos para a atividade vital do indivíduo. A individualidade já é dada física e fisiologicamente, e daí recorre sua manifestação psicológica correspondente. Colocar-lhe sérios obstáculos significa uma deformação artificial.

É óbvio que um grupo social constituído de indivíduos deformados não pode ser uma instituição saudável e capaz de sobreviver por muito tempo, pois só a sociedade que consegue preservar sua coesão interna e seus valores coletivos, num máximo de liberdade do indivíduo, tem direito à vitalidade duradoura. Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente...

Em hipótese alguma pode a individuação ser o único objetivo da educação psicológica. Antes de tomá-la como objetivo, é preciso que tenha sido alcançada a finalidade educativa de adaptação ao mínimo necessário de normas coletivas: a planta que deve atingir o máximo desenvolvimento de sua natureza específica deve, em primeiro lugar, poder crescer no chão em que foi plantada.

A individuação está sempre em maior ou menor oposição à norma coletiva, pois é separação e diferenciação do geral e formação do peculiar, não uma peculiaridade procurada, mas que já se encontra fundamentada a priori na disposição natural do sujeito. Esta oposição, no entanto, é aparente; exame mais acurado mostra que o ponto de vista individual não está orientado contra a norma coletiva, mas apenas de outro modo. Também o caminho individual não pode ser propriamente uma oposição à norma coletiva pois, em última análise, a oposição só poderia ser uma norma antagônica. E o caminho individual jamais é uma norma.

A norma surge da totalidade de caminhos individuais, só tendo direito a existir e atuar em prol da vida se houver caminhos individuais que, de tempos em tempos, queiram orientar-se por ela. A norma nada serve se tiver valor absoluto. Só acontece um verdadeiro conflito com a norma coletiva quando um caminho individual é elevado à norma, o que é a intenção última do individualismo extremo. Consequentemente, nada tem a ver com individuação que, sem dúvida, toma seu próprio caminho lateral, mas que, por isso mesmo, precisa da norma para sua orientação perante a sociedade e para estabelecer o necessário relacionamento dos indivíduos na sociedade.

A individuação leva, pois, a uma valorização natural das normas coletivas; mas se a orientação vital for exclusivamente coletiva, a norma é supérflua, acabando-se a própria moralidade. Quanto maior a regulamentação coletiva do homem, maior sua imoralidade individual. A individuação coincide com o desenvolvimento da consciência que sai de um estado primitivo de identidade(v). Significa um alargamento da esfera da consciência e da vida psicológica consciente.

Tipos psicológicos, C. G. Jung, Editora Vozes

Joanna de Ângelis completa:

Mantendo-se o ego em harmonia com o self, equilibra-se o eixo que os liga, a sombra cede espaço ao discernimento, liberando toda a energia para o processo de individuação que deve constituir a grande meta.

Portanto, ao percebermos, com a participação do ego maduro, que conteúdos do

inconsciente interferem constantemente em nossos atos, e os canalizamos, estaremos alargando a esfera da consciência e da vida psicológica consciente aguçando assim o discernimento. Com mais discernimento, nos libertaremos dos impositivos inconscientes da máscara densa. A pessoa que realmente somos, a nossa individualidade, transparecerá na máscara que agora será consciente, harmonizada e útil, existindo simplesmente como uma adaptação voluntária e consciente às necessidades daqueles que nos rodeiam e em prol de um relacionamento harmonioso. Vivemos, assim, os tesouros da nossa individualidade. Por outro lado, quanto mais nos identificamos com nossa máscara, mais identificados com o papel social estaremos e mais massificados seremos, distanciando-nos do nosso verdadeiro eu, da nossa individualidade. Jamais nos esqueçamos, portanto, que atrás da máscara existe um ser real e individual.

Assim sendo, consciência e discernimento ampliados serão sempre causa e consequência de um ego maduro que se libertou do imediatismo na busca mesquinha de segurança e bem-estar. É nesse momento que o indivíduo fica... predisposto à intuição, aos flashes dos insights, campos admiráveis extrafísicos da percepção que leva à individuação.

Os flashes e insights acima referidos por Joanna de Ângelis são momentos extraordinários que nos põem em contato tangível com uma realidade que transcende de forma absoluta a normalidade do cotidiano. Pode-se dizer que se trata de um estado de consciência alterado, através do qual conseguimos perceber e sentir, em profundidade, um chamamento interno a algo superior, a uma plenitude, acompanhado de uma paz e um bem-estar profundo.

A percepção dessa plenitude, pode ser provocada através de inúmeras práticas de meditação conhecidas ou pela reflexão consciente e profunda acerca de nós mesmos, entretanto, os desafios, as dores e os sofrimentos da vida na crosta terrestre levam o ego a frustrações constantes e pungentes, obrigando-o a, cansado, considerar possibilidades que ultrapassem a busca já falida e fracassada, por satisfação perene e segurança plena. Surge daí, a ânsia de uma busca mais elevada, criando a predisposição propícia aos insights do self.

Muitos estudiosos da alma humana, incluindo Jung e nossa querida Joanna de Ângelis, denominam esses estados alterados de consciência de estado numinoso, expressão comumente empregada para descrever o êxtase místico-religioso, atingido por indivíduos tidos como iluminados.

A mudança profunda e radical de Francisco de Assis, após experiências frustrantes e extenuantes como a observação da exploração humana posta em prática pela classe dominante da qual fazia parte seu próprio pai, culminando com sua participação em uma das Cruzadas onde presenciou o despropósito de uma guerra sem sentido, levou-o a um choque de consciência que o fez perceber a futilidade da ganância egoica e do poder material assim como vislumbrar as maravilhas de um universo divino. Esse vislumbre representa bem o estado numinoso, que no seu caso ultrapassou o êxtase da descoberta e perpetuou-se por toda sua vida espiritual. É admirável como Francisco de Assis após a experiência numinosa assumiu seu verdadeiro eu e, chocando a sociedade em que vivia, rompeu com os privilégios sociais e econômicos que estavam ao seu alcance, renunciou às máscaras e entregou-se aos chamamentos divinos.

A relação entre os conceitos de comportamento egoico, máscara, consciência e individuação é demonstrada em poucas linhas por Joanna de Ângelis:

Buscando enganar sua realidade mediante a própria fantasia, o homem moderno procura a projeção da imagem sem o apoio da consciência. Evita a reflexão esclarecedora, que o pode desalgemar dos problemas e permanece em contínuas tentativas de negar-se, mascarando sua individualidade

O homem integral

Muito embora o processo de individuação seja inexorável e venha, portanto, a acontecer mais cedo ou mais tarde em todos os espíritos, como decorrência das experiências vividas ao longo das sucessivas encarnações, é facultada a cada espírito humano a possibilidade de se colocar mais disponível e atento aos insights e aos seus chamados. Porém, tanto essa disponibilidade quanto a busca propriamente dita pelos insights pede esforço pessoal e determinação. Caso contrário, a caminhada em direção ao self e à individuação será mais longa e penosa.

1. O conceito de self será abordado mais adiante nesta obra.

2. Dicionário crítico de análise junguiana -Andrew Samuels, Bani Shorter e Fred Plaut – Edição Eletrônica 2003, Rubedo – www.rubedo.psic.br

Capítulo 2

Fragmentações morais

A parábola do filho pródigo

O MESTRE JESUS, CONHECENDO e compreendendo em profundidade os conflitos internos da alma humana, criou parábolas de impressionante eficácia que, em quaisquer tempos e culturas, despertam os homens para os elevados valores do espírito. Por tratarem de fatos e enredos simples da vida cotidiana sobre a Terra, as parábolas de Jesus são facilmente compreensíveis, residindo, porém, seu mais alto valor, na profundidade da reflexão que as mesmas suscitam.

Na parábola do Filho Pródigo, a seguir reproduzida, podemos verificar a capacidade que as mesmas têm de tocar a alma humana, convidando-a à reflexão.

Um homem tinha dois filhos – narrou Jesus: – Disse o mais moço a seu pai: – Meu pai, dá-me a parte dos bens que me toca. Ele repartiu seus haveres entre ambos. Poucos dias depois o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para um país longínquo e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome e ele começou a passar necessidades. Foi encontrar com um dos cidadãos daquele país e este o mandou para seus campos guardar porcos. Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lh’as dava. Caindo, porém, em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui estou morrendo de fome! Levantar-me-ei, irei a meu pai e dir-lhe-ei. Pai, pequei contra o céu e diante de ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros. Levantando-se, foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele e, correndo, o abraçou e o beijou. Disse-lhe o filho:

– Pai, pequei contra o céu e diante de ti. Já não sou digno de ser chamado teu

filho. O pai, porém, disse aos seus servos: – Trazei-me depressa a melhor roupa e vesti-lh'a, e ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também o novilho cevado, matai-o, comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho era morto e reviveu. Estava perdido e se achou. E começaram a regozijar-se. Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltou e foi chegando à casa, ouviu a música e a dança e chamando um dos criados, perguntou-lhe o que era aquilo. Este lhe respondeu: – Chegou teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar; e saindo seu pai, procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: – Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir uma ordem tua e nunca me deste um cabrito para eu regozijar com os meus amigos, mas quando veio este teu filho, que gastou teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado. Repliou-lhe o pai: – Filho, tu sempre estás comigo e tudo o que é meu é teu; entretanto, cumpria regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou. (Tradução segundo o original grego pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Rio de Janeiro, Londres, Nova Iorque)

Está claro que qualquer indivíduo de boa vontade, independentemente do seu nível de escolaridade, tem nas parábolas de Jesus, oportunidades imensas de aprendizado e reflexão, entretanto, os conhecimentos sobre a psique humana, à luz da doutrina dos espíritos, que nos são trazidos pela benfeitora Joanna de Ângelis, possibilitam enxergar nas parábolas informações preciosas que reforçam e aprofundam esses conhecimentos.

O ego do filho ingrato, por exemplo, na ânsia pela satisfação imediata de seus desejos, compele o rapaz a buscá-los a partir da posse, igualmente imediata, da herança a que faria jus após a morte do genitor. Eis, aí, o ego primitivo do espírito, que se manifesta com suas principais características e que, quando ainda não chamado ao desejo sincero de viver os valores elevados do espírito, surdo aos apelos do self, despreza tudo o que estiver fora de seus interesses rasteiros de sobrevivência e prazer. As palavras de Joanna de Ângelis confirmam essa constatação:

Herdeiro dos instintos agressivos, que lhe predominam em a natureza íntima, o

ser humano jornada entre revoltado e temeroso por efeito das condutas ancestrais.

A necessidade da preservação da vida impele-o ao imediatismo, à volúpia do prazer, ao significativo desconhecimento dos valores ético-morais, ou mesmo quando os conhece, desconsiderando aqueles que podem representar sacrifício, luta nobre, abnegação...

Propelido para esse prazer sensorial, asselvajado, as emoções elevadas, defluentes dos sentimentos da beleza, do idealismo, são deixadas à margem, pela pouca significação que lhes é atribuída ou pela falta de hábito de as vivenciar.

Identificamos, nessas palavras, o desprezo pelos insights do self, contidos nas emoções elevadas, difluentes dos sentimentos da beleza, do idealismo, que foram deixados à margem pelo filho pródigo. Já, aqui, podemos perceber o caráter educativo das parábolas do mestre Jesus, uma vez que o mesmo ego primitivo, que moveu o filho pródigo à sua ação ousada, e os mesmos insights do self, que o trarão de volta ao lar paterno, atingem a nós que, frequentemente e do mesmo modo, fechamos os ouvidos aos chamamentos divinos.

O predomínio da sombra

A máscara também surge na narrativa com toda intensidade, quando o filho pródigo, de posse de sua herança, viaja para um país longínquo. Melhor seria dizer que ele foge, já que lhe seria insuportável gozar as aventuras selvagens do ego bruto nas proximidades da casa paterna e do irmão mais velho, visto que ficaria evidente seu egoísmo e sua ingratidão. Assim, a justificativa inapropriada de querer desfrutar a juventude, assinalada por Joanna de Ângelis, seria uma máscara viável somente longe da casa paterna e de tantos quantos conhecessem o que ali se passara. A fuga espetacular sempre ocorre quando tentamos contornar o conflito entre o ego e o self. Usamos, via de regra, uma máscara que nos esconda não só dos olhares de reprovação dos que nos circundam, o que implicaria obstáculo à nossa integração social, mas também dos assédios sutis, ainda que incômodos, dos valores elevados do espírito que se manifestam com insistência. Todavia, não há máscara sem sombra.

A sombra aflige e persegue o filho pródigo desde seu abandono da casa paterna, manifestando-se através da dor semioculta por detrás da máscara. Tal dor decorre da percepção, igualmente semioculta, de estar alimentando seu ego perverso e ingrato em detrimento dos sentimentos enobrecedores de amor ao pai amoroso, que permanecem adormecidos.

A sombra, porém, cedo ou tarde se torna insuportável ou, ao menos, perceptível, mediante a constatação de que pode haver alternativa mais vantajosa, buscando-se o alívio do reencontro com o genitor, que encerraria o conflito entre o ego e a natural necessidade do espírito por elevação, o que acabará por levar a individuação benfazeja e feliz. Entretanto, se por um lado essa seria a alternativa da paz, por outro seria a mais trabalhosa, pois supõe o esforço da retomada do caminho de volta, aliado à disposição de aceitar ser simples empregado do pai. É bem verdade isso tudo é melhor que chafurdar com os porcos, o que não deixa de ser uma percepção positiva, ainda que penosa. De qualquer modo, o filho pródigo se dá conta de sua escolha infeliz, uma vez que os apelos edificantes haviam sido desprezados.

Depreende-se, daí, que a mola propulsora de nossa evolução costuma ser o amor ou a dor, embora o processo de evolução seja inexorável a todos os espíritos. Ao não optarmos pelo caminho do amor, estaremos, obrigatoriamente, optando pela senda da dor, como alerta Joanna de Ângelis:

O indivíduo comum, ainda não iluminado, deambulante da ilusão, pode ser comparado ao Filho Pródigo, leviano e insensato, que somente convive com objetivos de prazer pessoal e interesse mesquinho, distante das propostas éticas e dos deveres morais.

Evitaremos o caminho da sombra sempre que a diluirmos antes que possa nos afastar demasiado da luz. É verdade que a máscara, de início relativamente cômoda, cumpre seu papel de viabilizar o convívio com os empecilhos decorrentes da luta entre nossas tendências egoicas e o chamamento do self e, por isso, eliminá-la é uma opção descartada por ser trabalhosa. A preguiça costuma imperar no espírito humano e, por consequência, acabamos por nos acomodar a ela. Chega, porém, para cada um de nós, inexoravelmente, o momento de se dar conta de que cuidar dos porcos é tarefa muito mais penosa que a de arrancar a máscara e enfrentar a sombra.

O despertar do self

A atitude mais adequada, a fim de que nos poupemos de trilhar o penoso caminho percorrido pelo irmão mais jovem da parábola será, portanto, mantermos olhos e ouvidos atentos aos chamamentos do self. Tal atitude implica reflexão e estudo com relação às propostas de vida baseadas em objetivos e sentimentos edificantes, coerência e determinação na troca do prazer imediato e da satisfação do ego primitivo pela aspiração a uma plenitude que, embora residindo no futuro de forma mais ampla, começa no presente, a partir da alegre certeza de se estar caminhando rumo ao lar paterno.

Observemos, então, que o mergulho de nosso próprio ego na frustração é o que irá nos induzir à reflexão e ao retorno aos valores elevados que, dessa forma, serão abraçados de dentro para fora e, não mais, como resultado de imposições externas e repressoras de normas e regras, que só fazem gerar a sombra torturante. O que acontece então é a verdadeira conscientização ou despertar para os valores do Alto, a individuação, a eliminação da luta entre ego e self, representada na cena do reencontro, abaixo comentada por Joanna de Ângelis:

O gesto do pai abraçando o filho de volta é a luz do amor que nele dilui a pesada sombra em que se debate.

É igualmente enriquecedor compararmos a atitude dos dois irmãos da parábola. O mais novo, chamado pródigo, ao tomar a decisão de partir para um país distante, carregado de valores materiais, rompe com o self, representado pela casa paterna e pelo amor do pai, a fim de viver a já conhecida aventura. O filho mais velho, por sua vez, não rompe com nada, ficando a administrar tristemente seu conflito interno, uma vez que não é o amor que o prende à casa paterna. Tal conflito se manifesta na revolta, que o invade no retorno do irmão, recebido com imensa alegria pelo pai. Apesar da inveja que desperta nele a recepção calorosa

ao recém-chegado, que cedeu aos loucos apelos do ego, ele próprio se debate, limitando-se a conviver amargamente com a máscara, numa obediência submissa, preguiçosa e interesseira. Apesar de haver permanecido junto ao pai, sua fuga foi dupla: furtou-se à ousadia de aceitar que possuía conteúdos egoicos em seu coração, e acomodou-se ao conforto material da posição de herdeiro, garantindo sua subsistência física na abundância. Sua atitude também é de opção preferencial pelos apelos do ego primitivo, e fica evidenciada na queixa: nunca me deste um cabrito para eu regozijar com meus amigos, entretanto é uma postura mais nefasta que a do seu irmão, pois tende a perpetuar-se na sombra, sem qualquer enfrentamento e sem despertar o desejo de reconciliação com o self.

Já foi dito que os chamados do self são frequentes e devem ser acompanhados pelo esforço de reflexão e estudo. A isso deve seguir a constatação de que, em nossa situação de espíritos encarnados na Terra, temos ao nosso alcance instrumentos e informações abundantes para podermos pôr mãos à obra e buscarmos nosso próprio despertar para o progresso espiritual. A lei natural, a lei do trabalho e as demais leis, descritas em O Livro dos Espíritos, assim como as ferramentas de pesquisa do conhecimento científico e filosófico, amplamente acessíveis nos dias atuais, compõem nosso campo de trabalho. Nele, o suor da labuta será sempre agraciado pela poderosa e inestimável ajuda do plano espiritual, através da intuição, da iluminação, da inspiração e da energia vitalizadora.

Além do trabalho braçal e intelectual de buscar informações e estudá-las, é essencial que abracemos o respectivo esforço moral e espiritual de colocarmos em prática, dentro de nosso cotidiano de espíritos encarnados, tudo aquilo que de boa vontade descobrimos, compreendemos e apreendemos. Vale a pena lembrar que, não raro, corremos o risco de abrir mão desse esforço, em decorrência do mau uso de nosso livre-arbítrio. Cedo ou tarde, porém, espíritos eternos que somos, seremos inexoravelmente compelidos a voltarmos aos braços do Pai, após termos convivido com porcos nas pocilgas malcheirosas da sombra.

A integração moral

Os símbolos utilizados por Jesus na parábola do filho pródigo, assim como em todas as outras que proferiu na Terra, foram empregados com o objetivo de transmitir lições de inigualável valor moral e espiritual aos corações sinceros e receptivos de todos os tempos, auxiliando-nos hoje, como no passado e no futuro, a vislumbrar o caminho que conduz à elevação do espírito. A esse respeito discorre Joanna de Ângelis:

A parábola [...] é um magnífico processo psicoterapêutico para os que sofrem imaturidade psicológica, para os que vivem dissociados no turbilhão dos Eus em conflito.

Enquanto se desconhecem as lutas e não se tem ideia das infinitas possibilidades de crescimento interior, transitando entre os hábitos sistemáticos e improdutivos, as aspirações fazem-se de pequeno alcance, não passando das necessidades fisiológicas, dos processos da libido, das parcas ambições imediatas: comer, dormir, gozar e suas consequências fisiológicas.

Os valores morais, embora em germe, permanecem desconhecidos ou propositadamente ignorados.

Normalmente aquele que se encontra perdido espera ser encontrado, quando o ideal é sair da sua solidão no rumo certo por onde deve prosseguir. [...]

É comum o indivíduo subestimar-se, acreditando que somente terá valor quando possuir coisas que brilham e que dão realce social, que produzem destaque na comunidade e despertam ambições, invejas e ciúmes. [...]

As conquistas de fora não conseguem preencher as perdas interiores.

O conflito é inevitável, porque somente quando se é capaz de viver conforme os padrões nobres da solidariedade e do equilíbrio moral, a saúde e o bem-estar se instalam no comportamento humano.

Joanna de Ângelis destaca, ainda, outros símbolos clássicos, que são, acima de tudo, recursos didáticos, que foram utilizados pelo mestre.

O caráter divino da receptividade do self, por exemplo, tem sua incondicionalidade representada no gesto do pai amoroso que, ao ver o filho que retorna roto e faminto, corre ao seu encontro e sem recriminações, abraça-o, beija-o e ordena a seus servos que o vistam com roupas novas, limpas e matem o novilho cevado, para o banquete de boas-vindas. Nenhuma imagem poderia ser mais clara, para falar da felicidade e alegria reservadas àqueles, que tomam a iniciativa firme e sincera de empreender a viagem de volta, de buscar seu encontro consigo mesmo e com o self. O anel, que o pai ordena seja posto no dedo do filho antes perdido, representa vínculo definitivo de amor, à semelhança da antiga aliança, que Deus estabelece com os homens no Velho Testamento. Joanna de Ângelis comenta que as sandálias rasgadas e imprestáveis do rapaz são substituídas por um novo par, porque os pés são as bases valiosas de sustentação do edifício fisiológico, que não pode ser mantido em segurança quando lhe falta alicerce. A mãe Terra oferece os recursos para o organismo e os transforma; o hálito da vida, porém, vem do Amor. Cuidar das bases é característica definidora de despertar da responsabilidade perante a vida.

Existe uma diferença enorme entre o filho pródigo, que parte carregado de ouro, dinheiro, joias e o mesmo, quando retorna faminto, roto, sujo e arrependido. O primeiro está repleto de valores materiais externos, incapazes de preencher a alma vazia de objetivos essenciais à existência. Todo o poder amealhado pelo

dinheiro cessa para o jovem, assim como aconteceria a qualquer um de nós, quando este se acaba ou, compulsoriamente, por ocasião da desencarnação. É essencial nos darmos conta dessa temporariedade. Toda e qualquer possibilidade de gozo proporcionada pela matéria, haverá de se desvanecer, cedo ou tarde, e nunca além do túmulo.

As palavras de Joanna de Ângelis são fortes, quando diz:

[...] a insatisfação sempre enche a taça repleta de prazer com o azedume e o tédio sorvendo sempre mais, e esvaziando-se muito mais por falta de valores edificantes e legítimos.

Por outro lado, o azedume e o tédio são eliminados com a mera decisão de retomar o caminho de volta, embora persistam por algum tempo resquícios superficiais da aventura malograda, representados pela aparência externa deplorável do filho pródigo ao retornar. Porém, internamente, no seu coração sofrido, traz a esperança de poder tornar-se criado do pai. Antes mesmo de ser recebido pelos braços amorosos do genitor, há nele uma satisfação interna que, embora inclua alguma incerteza, traz a intuição de estar buscando valores edificantes e legítimos.

Muitos de nós estamos imersos no espírito do primeiro eu, o do filho pródigo, que parte sob a ilusão egoica, buscando freneticamente atingir um status, que os bens materiais e a conquista de poder temporal asseguram. De certo modo, aquele que já alcançou a riqueza material, que o ego insensato denomina de sucesso, e que se está a embriagar na taça repleta de prazer, pode estar mais próximo de sentir-se impelido à busca dos valores elevados do espírito, uma vez que provará, cedo ou tarde, o intragável sabor do azedume e do tédio. Já presente que essa taça não sacia, pois a alma tem sede de valores essenciais, perenes, profundos e autênticos. Se a ruína está mais próxima pela debilitação da alegria e da saúde, ou pela falência material, a decisão do retorno à casa paterna também está. Longo caminho poderá ser ainda percorrido até o país distante, antes do momento da decisão pela volta.

É importante que se compreenda que empreender tal viagem é absolutamente

desnecessário, assim como a permanência mórbida no lar paterno por interesses rasteiros. O objetivo terapêutico da parábola em questão é, portanto, reverter o foco da vida. Quem quer que esteja a caminho do país longínquo poderá, a partir do mero vislumbre de valores do espírito, inverter o sentido da caminhada. Do mesmo modo, quem quer que se encontre mergulhado no marasmo depressivo de uma imobilidade estéril, deixando-se enganar pela fraude sedutora de um bem-estar material, pode mudar seu interior, conscientizando-se da possibilidade real de empreender a aventura mais plena e feliz que o espírito humano pode aspirar: a sua individuação em Deus.

O amor paterno e o sofrimento arrancaram o filho pródigo do sono do ego soberbo. A manifestação do amor autêntico costuma gerar, naquele que dele é objeto, percepções capazes de conduzir a sentimentos igualmente elevados.

Há certa ingenuidade no ego que não foi desperto para os verdadeiros valores da vida, pois ao se sentir infantilmente convencido de que é esperto e inteligente, afunda-se cada vez mais num tolo faz de conta, do qual não se apercebe. É como a criança que, ao vestir-se de super-herói, incorpora tão fortemente a fantasia, que não mais a distingue da realidade. Dar-se conta de que se está vivendo muito aquém das próprias possibilidades pressupõe, portanto, necessariamente, a constatação e a fé na existência de realidades que superam, infinitamente, o debilitante faz de conta sem fim.

Há motivações que retêm o indivíduo no sono do ego, ou que retardam seu despertar. Uma delas, como aponta Joanna de Ângelis, é que... O hábito arraigado de se ser infeliz, sob disfarces múltiplos, conspira contra a identificação dos valores morais e da conquista do “si mesmo”.

A ideia de que ser infeliz frequentemente é um hábito pode soar estranho, porém, é o que ocorre. É como se uma epidemia viesse assolando a humanidade há milênios, e compreender a maneira como isso acontece é o primeiro passo para que nos livremos de tão absurda realidade.

Todo hábito se estabelece como tal, a partir de repetições incontáveis de certos eventos na vida de cada indivíduo, até o ponto em que tais repetições assumem caráter automático, sem a necessidade de ato voluntário. O fato é que temos nos deixado arrastar repetida e exaustivamente a estados de infelicidade, a ponto de nos termos tornado infelizes por hábito. Cabe-nos, então, verificar se existe razão para esse estado de coisas.

Eliminando-se a infelicidade que tem origem no mero hábito, o que persistir só poderá ter origem na mesma mentira que levou o filho pródigo à sua busca insana e seu irmão ciumento ao marasmo triste. A mentira egoica, é a causa real e remota da infelicidade. O hábito é a causa atual.

A mentira encontra-se, portanto, na raiz de todos os males humanos. Não é à toa que ela brota da boca da serpente mitológica, causando a expulsão da humanidade do Éden. É a mentira, ou o faz de conta do ego imaturo, que nos leva ao estado habitual de ausência de felicidade, à perda do paraíso que, em última instância, equivale à perda do si-mesmo, ao distanciamento dos edificantes valores do espírito.

Somente a busca da verdade é capaz de desfazer esse estado de coisas, uma vez que é do encontro com a verdade que precisamos, para sermos felizes. Nossa tarefa será, pois, lançar mão do discernimento, a fim de distinguir entre o faz de conta e o real. Nada mais simples e maduro.

Frequentemente, a ilusão do ego ingênuo é posta em cheque por situações específicas, que acabam por levar a insights altamente eficazes. Indivíduos que vivenciam enfermidades de alto risco, assim como aqueles que sobrevivem a acidentes traumáticos são, não raro, tocados por uma percepção, ao mesmo tempo difusa e profunda, de realidades que transcendem o dia a dia, até então focado no ego e em suas propostas alienantes e limitadas. Abrem-se, para tais espíritos, novos horizontes e a vida passa a ter um sentido coerente com forças internas, que se harmonizam inclusive com as demandas do ego, agora controlado e pacificado. O mesmo ocorre com pessoas que se sabem às portas da desencarnação. Em todas essas situações-limite fica evidente a transitoriedade e a instabilidade dos objetivos egoicos, já que tudo o que ele sempre reivindicou mostra-se, agora, frágil e desprovido de importância. Realidades e valores, que pareciam de menor relevância, apresentam-se agora como referência estável e permanente, à semelhança de uma rocha, sobre a qual é seguro construir.

A sabedoria de edificar sobre a rocha é apresentada em outra parábola de Jesus, a seguir transcrita, e traz ensinamentos intimamente ligados aos da parábola do filho pródigo:

Todo aquele, pois, que ouve as minhas palavras e as observa, será comparado ao

homem sábio, que edificou a sua casa sobre a rocha. E veio a chuva, e transbordaram os rios, assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. E todo o que ouve estas minhas palavras, e não as observa, será comparado ao homem insensato, que edificou sua casa sobre a areia. E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela caiu, e foi grande a sua ruína.

Mateus, 7:24-27. Semelhante em Lucas, 6:46-49

Constrói sobre a areia, sem firmeza ou estabilidade, aquele que persegue somente os valores do ego, enquanto constrói sobre a rocha, aquele que percebendo a fragilidade da matéria como alicerce, busca base firme para dar sustentação à sua existência. O filho que volta do exílio voluntário se dá conta da fragilidade dos atrativos sobre os quais tinha fincado as bases de sua vida e inicia, a partir dessa constatação, a edificação sobre a rocha, a contar do momento em que assume a opção pelo retorno à casa do pai. São comuns os relatos médicos, que mencionam pacientes terminais, que se dão conta das construções do ego em ruínas, com a inevitável sensação de tempo desperdiçado em ações, cujas finalidades eram ilusórias e vãs. São comuns os sentimentos de tristeza, frustração e arrependimento naqueles que dedicaram suas vidas ao acúmulo de dinheiro e poder. Ao contrário, aquele que procurou edificar sobre a rocha, através do cultivo do amor, da verdade e da solidariedade e demais valores transcendentais, experimentará maior tranquilidade com relação ao que está por vir, seja ainda na esfera carnal, seja no mundo espiritual e em futuras encarnações.

Sobre essa percepção elevada da realidade, Joanna de Ângelis observa:

Não lhe será necessária a morte orgânica para desfrutar do Nirvana ou penetrar no Reino dos Céus, porquanto já os conduzirá no íntimo, em forma de autorrealização e de tranquilidade.

A doença, o infortúnio, a morte já não o impressionam, porque se dá conta de que esses acidentes de percurso fazem parte do processo de crescimento, e, à semelhança do diamante que reflete a luz da estrela, não lhe ficam as marcas do carvão bruto, que era antes da lapidação.

Sendo assim, tanto o moribundo, quanto o sobrevivente de tragédias físicas ou morais, tende a ampliar sua capacidade de distinguir o que é verdadeiro e perene, do faz de conta egoico, que domina os espíritos ainda imaturos.

A sabedoria está, justamente, em conquistarmos uma percepção elevada de nós mesmos e da realidade externa, sem que tenhamos de experimentar situações-limite para, só então, dar-mo-nos conta da fraude do ego. É importante que valorizemos o precioso testemunho de quem vivenciou tais situações, para que, assim inspirados, reflitamos sobre nossas próprias predisposições.

Qualquer inclinação ou ação fundamentada em objetivos falsos, no que tange a busca da felicidade, será desmascarada, se considerarmos a realidade implacável da morte física. Restaria, ainda, a possibilidade de se considerar a morte física como o final absoluto do ser, uma passagem para o nada, para o vazio existencial e, nesse caso específico, as demandas do ego primitivo fariam sentido e estariam coerentemente alinhadas. Tal pressuposto, todavia, é sabidamente falso, uma vez que a realidade da sobrevivência do espírito, com a manutenção de todas suas características individuais, é fato exaustivamente comprovado e constatado não só pela ciência, como também pela história humana e por uma reflexão pessoal desprovida de preconceitos.

Assim, pois, é feita a integração moral, que consiste no alinhamento dos atos e predisposições humanas com a natureza elevada do espírito, integrado no self e com o ego igualmente integrado e pacificado.

Capítulo 3

Encontro e autoencontro

Distorções históricas

JESUS, CONHECEDOR PROFUNDO DE nossos caminhos, enquanto espíritos individuais e, mais ainda, conhecedor dos mecanismos intrincados de nossa psique, propôs-se, com suprema caridade, a fazer-se nosso pastor, poupando-nos de percorrer tantas estradas desastrosas e de envolver-nos em aventuras sofridas e desnecessárias.

Para tanto, os ensinamentos que o mestre nos deixou têm finalidade terapêutica e são carregados não apenas de informações preciosas, mas também de energia libertadora, capaz de nos livrar das armadilhas do ego imaturo. Graves distorções nos registros e na interpretação do Evangelho de Jesus, porém, ocorreram ao longo dos séculos, inclusive no que diz respeito às suas parábolas, acarretando imensos atrasos na evolução da humanidade.

Ironicamente, os males que poderiam ter sido exterminados ou, ao menos, amenizados, através dos ensinamentos de Jesus, foram os mesmos que encobriram e distorceram esses ensinamentos. O desvario dos homens foi de tal modo exacerbado, que acabou por contaminar o remédio que o mestre havia oferecido para a cura de seus males. A sombra densa dos homens poderosos da época fez com que a Boa-Nova fosse vista como uma ameaça moral, pois trazia à tona conteúdos graves ocultos nas máscaras. Porém, passados os tempos iniciais da igreja nascente, distorções sem fim foram sendo anexadas às interpretações transtornadas e doentias do Evangelho.

Claro que jamais houve aspecto do comportamento humano, que não fosse conhecido e previsto por Jesus. Nada havia que pudesse escapar à luz de sua sabedoria e providência. Assim sendo, as distorções em relação à sua doutrina também foram previstas, tendo sido, até mesmo, educativas no contexto evolutivo, porquanto, uma vez debeladas, passam a realçar a consistência dos ensinamentos originais do mestre, evidenciando, assim, a motivação doentia dos que perpetraram tais distorções. Além disso o próprio mestre nos alertou que, no tempo propício, enviaria o Consolador, para esclarecer e corrigir o que até então não poderia ser entendido.

Joanna de Ângelis expressa, claramente, o ocorrido:

Durante muito tempo o Evangelho de Jesus recebeu interpretações doentias e perturbadoras, conforme o equilíbrio emocional e espiritual de seus tradutores, teólogos e pastores, mais interessados em projetar a própria sombra em que se debatiam do que as extraordinárias orientações de luz de que se revestia.

Propondo a humildade, levavam os seguidores a transtornos de conduta graves, estimulando o menosprezo à existência física, a desconsideração por si mesmos, o autodepreciamento, o culto ao masoquismo disfarçado de santificação como o caminho para a iluminação.

Por muitos séculos, seitas e religiões, que se declaravam seguidoras do Cristo, pregaram, encorajaram e, até, exigiram a prática de procedimentos, cujo objetivo é a autoaplicação de sofrimentos físicos, em nome da santificação. O silício, por exemplo, é instrumento até hoje utilizado por instituições supostamente cristãs. Trata-se de uma tira de malha metálica, provida de pontas agudas ao longo de toda a superfície e que, amarrada a certas partes do corpo, como braços, pernas ou tórax provoca grave incômodo, além de lesões cutâneas superficiais. A autoflagelo, o jejum prolongado, o isolamento permanente em claustros conventuais e outras formas de sofrimento físico e psíquico, completam as disposições de autodepreciação e autodesprezo, que pretendem afastar o demônio e suas tentações e, ao mesmo tempo, garantir a aproximação de Deus.

Nesse contexto, o contraste flagrante de tais rituais expiatórios com o... ama teu próximo como a ti mesmo, com o... meu fardo é leve e meu jugo é suave, passa despercebido, oculto na sombra dos conflitos não resolvidos, que atormentam tantas almas. O... ama a ti mesmo foi silenciosamente amputado das almas ingênuas, tomado por sinal de egoísmo e raramente compreendido como condição necessária e parâmetro bendito para o amor ao próximo.

Não faz sentido maltratar e vilipendiar um corpo físico, amorosamente criado por Deus, sob a justificativa de que, por ser meu, tenho o direito de fazê-lo.

Como se pode considerar a vida, esse incomparável tesouro por Deus concedido ao ser humano, como desprezível, digna de ser desrespeitada nos seus mais nobres significados: alegria, bem-estar, utilização saudável do sexo, solidariedade e convivência, como negativos, impondo o isolamento, a severa abstinência sexual, o sofrimento, em nome da boa-nova?

O pai amoroso da parábola de Jesus não impôs qualquer punição ao filho ingrato, não dando margem à manifestação de qualquer sentimento, por parte deste, que não o arrependimento sincero. A alegria e o júbilo por seu retorno foram claramente demonstrados. O conforto das sandálias e da roupa nova, o anel da reconciliação e a festa de boas-vindas foram as marcas do amor, que sempre recebe de braços abertos e coração pleno de felicidade aqueles que têm o sincero desejo de emenda. O filho andrajoso e ferido foi imediatamente transformado em homem limpo, confortado e curado.

Com que clareza nos fala O Evangelho segundo o Espiritismo, no trecho abaixo transcrito, sobre a inutilidade de autoflagelos da carne e do isolamento voluntário, conclamando-nos à vivência plena do amor, no caminho para a transformação íntima!

Há uma grande distinção a fazer. Quanto a vós, pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda, não aumenteis a carga já por vezes bem pesada; aceitai-as sem queixas e com fé, eis tudo o que Ele vos pede. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem propósito, porque tendes necessidades de todas as vossas forças, para cumprir vossa missão de trabalho na Terra. Torturar voluntariamente, martirizar o vosso corpo, é infligir a lei de Deus, que vos dá os meios de sustentá-lo e de fortalecê-lo. Debilitá-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis: tal é a lei. O abuso das melhores coisas traz as suas punições, pelas consequências inevitáveis.

Bem outra é a questão dos sofrimentos que uma pessoa se impõe para aliviar o próximo. Se suportardes o frio e a fome para agasalhar e alimentar aquele que

necessita, e vosso corpo sofrer com isso, eis um sacrifício que é abençoado por Deus. Vós, que deixais vossos toucadores perfumados para levar consolação aos aposentados infectos; que sujais vossas mãos delicadas curando chagas; que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que é vosso irmão em Deus; vós, enfim, que aplicais a vossa saúde na prática das boas obras, tendes nisso o vosso cilício, verdadeiro cilício de bênçãos, porque as alegrias do mundo não ressecaram o vosso coração. Vós não adormecestes no seio das voluptuosidades enlanguescedoras da fortuna, mas vos transformastes nos anjos consoladores dos pobres deserdados.

Mas vós que vos retirais do mundo para evitar suas seduções e viver no isolamento, qual a vossa utilidade na Terra? Onde está a vossa coragem nas provas, pois que fugis da luta e desertais do combate? Se quiserdes um cilício, aplicai-o à vossa alma e não ao vosso corpo; mortificai o vosso espírito e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho; recebei as humilhações sem vos queixardes; machucaí vosso amor próprio; insensibilizai-vos para a dor da injúria e da calúnia, mais pungente que a dor física. Eis aí o verdadeiro cilício, cujas feridas vos serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus.

O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo V, item 26

O sopro consolador dos ensinamentos do divino mestre induz-nos, portanto, à sublimação serena das tribulações inevitáveis e providenciais, revertendo-as em nobres instrumentos de progresso espiritual e psicológico.

Retornos ao país longínquo

É, portanto, enfrentando os embates e tribulações da jornada terrestre que nos conheceremos e cresceremos em espírito, todavia as características primitivas do ego não se modificam num piscar de olhos. Na verdade, incontáveis são as viagens de ida e volta que empreendemos dentro de cada reencarnação. As próprias reencarnações são jornadas que incluem reencontros e amadurecimento.

Quantas vezes, desapontados, surpreendemo-nos em atitudes infantis ou grotescas, que nos levam ao arrependimento e a propósitos de emenda? Quantas vezes presenciamos ou somos alvo de um gesto de solidariedade, que nos incita a um retorno a posturas mais desprendidas do ego primitivo e mais próximas da maturidade evolutiva? Quantas perdas afetivas, a princípio trágicas, levam-nos, com o passar do tempo, a superações e descobertas, que nos fazem mais ponderados e serenos, ensinando-nos a reconhecer e valorizar aspectos da vida, que até então desprezávamos ou condenávamos?

Cada uma das viagens ao país longínquo provoca efeitos específicos em nossas almas. Por vezes, a ansiedade provocada pela percepção da pocilga sórdida em que nos encontramos pode agravar-se, transformando-se em desespero sufocante, capaz de desencadear um mal maior, como a perda do discernimento. É nesse estado de incapacidade para ponderar e discernir, que muitas almas permanecem por tempo indefinido. A falta de discernimento passa a ser, aqui, causa e efeito de um estado de espírito deplorável. Todos conhecemos irmãos perturbados, que se debatem por anos a fio em pensamentos e atitudes insanos e autodestrutivos, que acabam por reprimir o despertar de talentos preciosos.

Caso o desespero ocorra, é preciso compreender que sempre existe a animadora perspectiva de uma viagem de volta ao estado de harmonia. Essa é uma percepção eficaz, por trazer esperança imediata e palpável, capaz de pôr fim aos tormentos da alma aflita.

A falta de discernimento é, invariavelmente, consequência do conflito entre o ego e o self e da decorrente sombra provocada por esse embate. Em outras

palavras, os apelos do ego desarmonizado parecem embaçar a percepção de valores transcendentais, fazendo com que permaneçamos na tristeza e no desânimo, incapazes de refletir. O indivíduo confunde-se diante de forças aparentemente irreconciliáveis que o assediam, dificultando a decisão serena. Ocorre, então, uma distorção da realidade, que impede o uso ponderado do raciocínio e qualquer caminho a ser tomado parece deixar rastros de frustração na alma.

O self, entretanto, como pai amoroso nunca deixa de trazer à psique uma luz, uma chamada que traga a alma o vislumbre de que há a possibilidade do uso da razão mesmo em meio a tantas tribulações. Uma atitude decidida pode resgatar as forças e o discernimento, pois a vontade é um impulso que nasce da razão e se transforma em força que deve ser direcionada de maneira adequada para resultados relevantes de dignidade e de crescimento intelecto-moral no processamento dos valores da existência terrestre. Será, portanto, a vontade bem dirigida que impulsionará o ego a vencer cada fase...

Essa atitude interior pressupõe esforço persistente. Para retornar ao lar paterno é necessário levantar-se e percorrer com determinação o caminho de volta que, certamente, incluirá desafios e percalços. Isso inclui um trabalho de reflexão sobre nossas motivações mais íntimas, sobre nossas inquietações e suas respectivas origens. Essa investigação interna leva-nos, obrigatoriamente, a reconsiderar objetivos de vida, relacionamentos afetivos e familiares, aflições que nos corroem o ânimo, dúvidas incômodas e questionamentos quanto ao pós-túmulo, coisas que, não raro, varremos para baixo do tapete.

Em todo esse esforço podemos contar sempre com a infatigável contribuição dos amigos da espiritualidade, que não cessam de trazer os mais preciosos esclarecimentos quanto às questões de importância para nossa vida na Terra e para uma volta feliz à pátria espiritual. Claro, entretanto, que qualquer ajuda externa só surtirá efeito quando secundada pelo empenho do socorrido em transformar-se, incorporando o aprendizado na prática do cotidiano, uma vez que a individuação, como já vimos, não depende somente de informações e convicções, mas também e, principalmente, da vivência das mesmas. Estarmos conscientes, por exemplo, de que sentir raiva só nos traz prejuízos é uma convicção, mas conseguir manter a calma e a serenidade diante da afronta é transformação.

Ainda assim, a investigação das informações disponíveis e a reflexão íntima são

meios ao nosso alcance e a eles devemos dirigir nossa vontade. É esse o escopo de toda a doutrina dos espíritos, codificada por Allan Kardec e desdobrada, incansavelmente, até os dias de hoje por espíritos abnegados, através do auxílio de médiuns dedicados, que se expressam, em ampla literatura. Portanto, arregaçar as mangas e pôr mãos à obra, sem postergações preguiçosas, é a parte que nos cabe.

A alegria da volta para casa

A volta para casa em quaisquer circunstâncias costuma ser um crescente de alegria, de expectativas e de lembranças felizes. Entretanto, a alegria natural de quem busca o encontro com os valores espirituais é muitas vezes embotada por condicionamentos inconscientes, conforme nos esclarece Joanna de Ângelis:

As criaturas tendem a manter posturas de tristezas, melancolias prolongadas, conflitos em torno do existir. Mesmo quando tudo convida à reflexão da alegria, desde um botão singelo de rosa, que desabrocha aos beijos cálidos do sol, até a magnitude gloriosa do nascer do dia.

A sombra densa dos atavismos reencarnacionistas nelas permanece perturbadora, patológica, anulando a alegria natural da experiência de viver e de crescer, sendo cultivada em forma de transtorno masoquista e afligente.

A sombra densa dos atavismos reencarnacionistas, referida pela mentora, compreende a repulsa e a culpa, que trazemos em nosso inconsciente, em decorrência dos estágios evolutivos, que experimentamos em encarnações passadas. A crença mentirosa, cristalizada por inúmeras encarnações, através das religiões e das culturas, de que o peso das faltas só pode ser extinto pela punição e de que punição significa sofrimento, tende a perpetuar a existência do sofrimento como remédio para culpa. A própria legislação penal, vigente na maioria dos países, reforça a necessidade do sofrimento e, não da educação moral, como solução para os delitos cometidos. Assim a sombra permanece sorradeira na alma humana, mesmo após a decisão de se romper com as exigências primitivas do ego.

Para diminuir o sentimento de culpa, próprio da sombra densa, surge no indivíduo o desejo consciente ou inconsciente de ser punido, aplacando assim a rejeição do grupo social a que pertence, ou então, para redimir-se de seus pecados, como se o sofrimento fosse a moeda de resgate das próprias culpas. Acrescente-se, a isso, a crença de que será admirado e amado por seus sofrimentos, uma vez que o sentimento de solidariedade para com os que sofrem é traço característico da alma humana. Dessa forma, doenças, males físicos e sofrimentos morais, tais como a injustiça, a ingratidão e o desprezo passam a ser inconscientemente desejados, buscados e fomentados.

Libertarmo-nos da sombra implica, portanto, alcançarmos a alegria de viver. Para que tal aconteça, é imprescindível que não mais nos identifiquemos com ela, que compreendamos que ela existe em nós, mas não é o que somos. Ao compreendermos que a sombra é algo externo à nossa essência, estaremos prontos para dar os primeiros e decisivos passos ao encontro da felicidade perene.

A própria mensagem do carpinteiro galileu é um hino de júbilo, porque ele não possuía sombra, era todo númen, convidando à satisfação do desenvolvimento psicológico e social, de forma que todos pudessem desfrutar de felicidade, conforme a preconizava e vivia.

O filho mais jovem da parábola, quando retorna ao lar, está quase desprovido de sombra, uma vez que o sofrimento o levou à reflexão humilde, trazendo-lhe uma semente de discernimento. Assumindo seus erros, ele pôde vislumbrar e sentir na pele a mentira do ego, com suas reivindicações grosseiras, diluindo a máscara e, conseqüentemente, a sombra. Somente uma festa alegre de boas-vindas poderia estar de acordo com o júbilo triunfante dessa volta.

Amar para ser feliz

Nem todos se entregam aos apelos egoicos de forma tão desmedida quanto o filho pródigo, até porque, para tal, é necessário que se disponha de recursos materiais abundantes, saúde, juventude, tempo, além de boa dose de ousadia, para arriscar-se por paragens desconhecidas, repletas de salteadores e oportunistas, que costumam acercar-se de quem ostenta fortunas. O jovem da parábola fez o que muitos deixaram de fazer, simplesmente por não disporem das mesmas condições. Jesus, trouxe a todos nós a possibilidade de aprender, através da experiência do jovem da parábola, quão frustrantes, desgastantes e perturbadores podem ser os caminhos por ele percorridos.

Joanna de Ângelis revela-nos um aspecto, ao mesmo tempo sutil e profundo da referida história. Pouco percebido e abordado, ele desmascara sentimentos de inveja e hipocrisia, ainda alojados, com frequência, em nossos corações:

Não seja de estranhar que alguém seja censurado por uma atitude, veementemente combatido porque quebrou algum tabu social, não porque se permitiu a leviandade, mas porque seu censor gostaria de estar no seu lugar e não tem as forças para fazê-lo, vindo, no entanto, mais tarde, a viver de maneira equivalente, demonstrando o conflito em que vivia, a exulceração oculta superficialmente, mas igualmente pútrida.

Por isso convém viajarmos com o filho pródigo e refletir sobre suas experiências e as de tantos outros personagens das parábolas. Com isso, podemos aprender o que só aprenderíamos, a duras penas, no decorrer de muitas reencarnações. Através do estudo cuidadoso e profundo do evangelho, e da reflexão, com discernimento, sobre as lições ali contidas, poderemos descobrir a felicidade, advinda dos chamamentos divinos.

As aspirações nobres, desde sempre latentes na alma do filho pródigo, apresentam-se, com a recepção amorosa do pai, despertas sob a forma de gratidão, discernimento e alegria. Podemos dizer, então, que expressões genuínas do amor, no seu sentido amplo e incondicional, são verdadeiras fontes de felicidade e saúde integral. Em outras palavras, seremos mais felizes e saudáveis, na medida em que formos capazes de amar, com honestidade, a nós mesmos e ao nosso próximo. Amar a si mesmo equivale a amar ao Pai e ao próximo. O amor verdadeiro e maduro não é seletivo, é um transbordar, um dom intrínseco da alma.

É relativamente recente, na história da ciência humana, essa constatação de saúde, como decorrência do amor. O amor, em todas as suas manifestações autênticas, é capaz de preservar a saúde física, emocional e espiritual e curar enfermidades de toda sorte. A ternura contida na solidariedade, a alegria do abraço por ocasião do reencontro com aqueles que nos são particularmente queridos, a magia pura do enamorar-se, assim como a paz decorrente da consciência tranquila têm a capacidade de expulsar e manter longe a enfermidade e os distúrbios debilitantes.

Capítulo 4

Experiências de iluminação

A existência terrena

A RAZÃO POR QUE reencarnamos, por tantas vezes, reside na necessidade de reeditarmos, em nossa alma, a saga do filho pródigo, promovendo nossa própria evolução. Os relacionamentos que vivenciamos, assim como a experimentação das situações e dificuldades próprias da vida humana na Terra, trazem o aprendizado que dá sentido a tudo.

A existência terrena tem uma finalidade primordial e impostergável, que é a unificação do ego com o inconsciente, onde se encontram adormecidos todos os valores jamais experienciados e capazes de produzir a individuação.

Unificar o ego com o inconsciente equivale a tornar claras todas as estruturas psíquicas inconscientes que, não estando unificadas ao ego, manifestam-se de forma velada, durante toda nossa vida, sendo fonte de conflitos intermináveis. Significa, em outras palavras, conquistar a paz e a alegria de uma vida sem os tormentos da sombra densa e, acima de tudo, atingir a individuação, na percepção e vivência do self.

Todo aprendizado, entretanto, pode se dar sem os sofrimentos, que nos debilitam e desanimam. É fruto da conquista de certo grau de discernimento, a consciência de que se pode evoluir com alegria. O dismantelamento do círculo vicioso culpa-punição-sofrimento, exposto no capítulo anterior, torna possível o aprendizado com contentamento, ainda que esse longo processo demande muito trabalho, conforme Joanna nos ensina, abaixo:

A experiência libertadora é essencial ao crescimento interior e pessoal, podendo ser realizada, no entanto, sem traumas, sem culpas, sem danos.

A neurologia moderna constatou que o ato de aprender, assim como a capacidade para autossuperar-se constitui fonte de satisfação e bem-estar pessoal. Em outras palavras, saber-se em processo de crescimento, não somente pela aquisição de conhecimentos, mas também pela incorporação dos mesmos à vida cotidiana, fará com que nos tornemos pessoas mais felizes e serenas. A situação inversa é, também, verdadeira, pois seremos vítimas de sentimento de frustração e tristeza, toda vez que nos negarmos ao convite do self a novos desafios.

Perceber o si-mesmo

Para que tenhamos boa saúde e bem-estar, é necessário também que aprendamos a nos comunicar de maneira satisfatória com o mundo externo sem reprimir nossa verdadeira individualidade, assim como é imprescindível que aprendamos a nos comunicar com nossa própria essência de espíritos imortais, no silêncio de nosso mundo íntimo, isentos de culpa, medo e ansiedade.

Como já vimos anteriormente, a persona (ou máscara) pode inibir características próprias de nosso temperamento, tendências e habilidades, ainda que de forma circunstancial. Tal persona, circunstancial e consciente, e a sombra que dela decorre, raramente necessitarão de maiores cuidados. O comportamento coerente com o que se espera de um profissional confiável, por exemplo, é nobre e adequado. A sombra problemática, que deve ser objeto de análise criteriosa, é aquela que se incorpora, de forma dominante, na psique do indivíduo, ficando fora de seu controle consciente, embotando o próprio discernimento e anulando as manifestações autênticas da individualidade.

Em 1945 Jung deu uma definição muito simples de sombra: aquilo que a pessoa não tem o desejo de ser. Seguem abaixo outros esclarecimentos do mestre suíço:

Todo mundo carrega uma sombra, e quanto menos ela está incorporada na vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é. Se uma inferioridade é consciente, sempre se tem uma oportunidade de corrigi-la. Além do mais, ela estará constantemente em contato com outros interesses, de modo que estará continuamente sujeita a modificações. Porém, se é reprimida e isolada da consciência, jamais é corrigida, e pode irromper, subitamente, em um momento de inconsciência. De qualquer modo, forma um obstáculo inconsciente, impedindo nossos mais bem-intencionados propósitos.

*Dicionário crítico de análise junguiana – Andrew Samuels, Bani Shorter e
Fred Plaut – Edição Eletrônica 2003.*

A sombra nefasta, então, carece de conscientização e entendimento. Perguntemos a nós mesmos: O que eu não desejo ser e por quê? Ou parafraseando Paulo de Tarso: Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero (Romanos 7:19). Esse questionamento, levado às últimas consequências, deixará claro que os conteúdos e condicionamentos inconscientes frequentemente tomam a frente daquilo que queremos de nós mesmos, entretanto, nosso discernimento nos indica que não somos o que fazemos, e por mais que erremos, a possibilidade de nos transformarmos ao longo do tempo, é sempre viável apesar de trabalhosa.

A tolerância, que deve ser desenvolvida e cultivada para possibilitar relacionamentos e convívios saudáveis está diretamente relacionada com a conscientização da sombra e a consequente harmonização da persona. É difícil tolerar pessoas que apresentem características contidas na nossa própria sombra inconsciente, pois ao perceber no outro o que eu não desejo ser – e inconscientemente estou sendo – imediatamente sinto-me incomodado. Por outro lado, indivíduos que convivem numa relação de proximidade constante, de forma serena e respeitosa, são exemplos de persona madura.

Muitas preferências e traços da individualidade que poderiam ferir suscetibilidades e dificultar o convívio podem ser voluntariamente inibidos em nome da tolerância. Trata-se aqui, não de uma repressão, mas sim de uma opção livre e consciente. Sabemos que o gesto de abrir mão, em determinados momentos, de características de nossa personalidade, auxilia a manter a harmonia em nosso convívio, sobretudo, com aqueles que nos são mais próximos. É um gesto maduro e nobre.

O problema surge quando, ao invés de uma renúncia consciente, ocorre o desprezo dos próprios conteúdos e preferências, pelo medo da rejeição. O indivíduo passa a adaptar-se a um estilo de vida e a um padrão comportamental visando, acima de tudo, a aprovação alheia, o que é extremamente desconfortável e desgastante, caracterizando então, a sombra negra e densa mencionada por Jung. Através da reflexão e do autoexame, passaremos a ter consciência desse medo, e poderemos enfrentá-lo mediante decisões e posturas

harmonizadoras. Tal esforço é fundamental e prioritário, se almejamos ampliar o autoconhecimento e a transformação íntima.

Nas questões 919 e 919^a, de O Livro dos Espíritos, a seguir reproduzidas, o tema autoconhecimento é abordado de forma prática e eficaz. Nelas, o espírito santo Agostinho alerta que, se desejamos ser melhores como espíritos encarnados na Terra, e resistir ao arrastamento do mal, será imprescindível, que nos conheçamos a nós mesmos. Somos convidados à prática diária de um autoquestionamento, que consistirá no inventário de nossas horas, para que identifiquemos com sinceridade, no silêncio de nossos corações, qual tem sido a nossa postura diante da vida.

919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

— Um sábio da Antiguidade vos disse: “Conhece-te a ti mesmo”.

919-a. Compreendemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de chegar a isso?

— Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim, necessitava de reforma. Aquele que todas as noites lembrasse todas as ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá. Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que a censuraríeis nos outros, se praticastes uma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos espíritos,

onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo, e por fim contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.

O conhecimento de si mesmo é portanto a chave do melhoramento individual. Mas, direis, como julgar a si mesmo? Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga simplesmente econômico e previdente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outro, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e realmente Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim: que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las: pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos permite sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção

para os fenômenos da Natureza que vos tocam os sentidos e depois vos demos instruções que cada um de nós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos O Livro dos Espíritos.

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais precisa do que uma máxima que em geral não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas: respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma dos quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.

Comentário de Allan Kardec

O que temos acima, então, é o esboço de um roteiro prático e terapêutico, para o desenvolvimento de um hábito salutar, que nos levará, entre outras coisas, a superar conflitos íntimos e a amadurecermos na caridade. E, como sempre, poderemos contar com o socorro imprescindível da espiritualidade superior, que invariavelmente dá sustentação às nossas iniciativas de elevação.

O sair de si-mesmo

Como já vimos, quando a sombra não está harmonizada, o indivíduo tende a desenvolver uma afinidade intrínseca com comportamentos padronizados. Instala-se nele uma verdadeira aversão à manifestação da diversidade natural das individualidades humanas. Em decorrência disso, passa a projetar no comportamento do outro, os próprios conflitos. Como pode esse sujeito externar algo tão vergonhoso, pergunta a si mesmo, ao deparar-se com comportamentos diversos do seu. Dessa forma, condena, subjetivamente, não o que está no outro, mas a própria desarmonia que nele reside. Até mesmo demonstrações discretas de afeto e alegria, podem provocar repúdio e mal-estar numa alma em conflito, fechada em padrões rígidos. Vale lembrar, aqui, a oportuna orientação de Jung, quando disse que conhecer a própria escuridão é o melhor método de lidar com a escuridão alheia.

Essa distorção é frequente e gera uma postura hipócrita, na qual a máscara adquire poder dominante e repressor, e a sombra decorrente – visível no comportamento alheio – a ser percebida como vergonhosa em sua essência. A menor referência verbal a comportamentos não padrão, tidos como inadequados, torna-se motivo de reprovação, dando surgimento a assuntos proibidos e tabus. Instala-se dessa forma, na psique em conflito, a cruel tendência a rotular comportamentos e indivíduos, lesando a compreensão, a tolerância e a solidariedade. Criam-se dentro de si, e no próximo, anjos e demônios a serem aceitos ou condenados, sem apelação. Foi assim que o filho mais velho da parábola condenou e rejeitou o irmão, enchendo-se de ciúmes e revolta. Estava mergulhado na sombra, existente por detrás de uma máscara de filho fiel e trabalhador que, no entanto, ocultava o comodismo e a ambição, em relação à fortuna, que herdaria do pai. Ser invejoso ou medroso está entre as coisas que uma pessoa não quer para si.

As crianças, de maneira geral, são criaturas felizes, que brincam com a vida, colhendo desta frutos de alegria. Essa leveza, própria da infância, acontece, porque a máscara social ainda não se instalou de forma significativa, e mesmo que o espírito possa herdar máscaras e sombras, as mesmas encontram-se

adormecidas no esquecimento providencial. É nesse sentido que devemos manter viva nossa criança interna, livre do jugo acusador da máscara, tanto quanto possível, para que possamos gozar de saúde integral.

Sobre o valor da pureza infantil, o Evangelho de Jesus narra:

Então lhe apresentaram uns meninos para que os tocasse; mas os discípulos ameaçavam os que lhe apresentavam. O que, vendo Jesus, levou-o muito a mal, e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis, porque o Reino de Deus é daqueles que lhes assemelham. Em verdade vos digo, que todo aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele. E abraçando-os, e pondo as mãos sobre eles, os abençoava.

Marcos, X:13-16

No trecho abaixo, Joanna de Ângelis nos dá uma verdadeira aula sobre a integração da máscara com a sombra e sobre a manifestação do que ela denomina de si-mesmo:

Para que o si-mesmo possa manifestar-se com segurança [...] torna-se indispensável a integração da persona com a sombra. [...]

Trata-se de uma aceitação consciente do si-mesmo, compreendendo o seu lado sombra e as suas dificuldades de lidar com ele. Devem-se considerar as ocorrências negativas e perturbadoras como naturais, sem os constrangimentos nem a vergonha das manifestações pessoais, que são tidas por perversas, demoníacas.

Como esse lado não está de acordo com a persona, a aparência que se mantém, surgem os problemas interiores, os conflitos que devem ser evitados, tendo-se em vista que esse aparente mal, desde que não prejudique a outrem, é também responsável por muitos acontecimentos bons, por momentos de bem-estar e de alegria.

Estar-se aberto às diversas manifestações existenciais, sem repugnância pelo chamado lado mau, pela exteriorização do Eu-demônio, sobrepondo, sem violência nem conflito, o Eu-angélico, proporciona uma pré-individuação, porque nessa luta de opositores surge uma terceira coisa que é a conquista do estado numinoso.

Normalmente os conteúdos da sombra são contestados pela persona (o irmão mais novo e o irmão mais velho da parábola em estudos), que também podem encontrar-se no mesmo indivíduo, quando esse sofre a repulsa de si mesmo e o desejo de elevar-se, ocorrendo inevitáveis conflitos de comportamento. [...]

Essa conduta antinômica é resultado dos instintos ainda predominantes na psique, herança poderosa da natureza animal do ser em relação à sua natureza espiritual, à sua origem no Uno.

Há nas palavras de Joanna de Ângelis, uma regra preciosa e simples: as manifestações da psique, ainda que carregadas de instintos e impulsos primitivos, fazem parte da natureza humana e desde que não prejudiquem a outrem, podem trazer-nos, de forma lícita, bem-estar e alegria. Eis aí um critério seguro, em prol do discernimento maduro.

Vale, portanto, viver de maneira mais leve e feliz, vigilantes para não prejudicarmos ao próximo, nem a nós mesmos com julgamentos precipitados. Muitos prazeres, que fazem parte de nosso cotidiano de espíritos encarnados, são absolutamente lícitos. Experiências enriquecedoras, que podem ser compartilhadas, alegremente, com nossos companheiros de viagem, constituem

verdadeira celebração da vida. Isso implica, também, o nobre exercício da tolerância e da indulgência para com o próximo e para conosco mesmos, como ensina O Evangelho segundo o Espiritismo, no capítulo X, item 16, que sugerimos ao leitor ler, estudar e vivenciar.

Espíritas, queremos hoje falar-vos da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraternal, que todo homem deve ter para com os seus irmãos, mas que tão poucos praticam.

A indulgência não vê os defeitos alheios, e se os vê, evita comentá-los e divulgá-los. Oculta-os, pelo contrário, evitando que se propaguem, e se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa à mão para os disfarçar, mas uma desculpa plausível, séria, e não daquelas que, fingindo atenuar a falta, a fazem ressaltar com pérfida astúcia.

A indulgência jamais se preocupa com os maus atos alheios, a menos que seja para prestar um serviço, mas ainda assim com o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, nem traz censuras nos lábios, mas apenas conselhos, quase sempre velados. Quando criticaís, que dedução se deve tirar das vossas palavras? A de que vós, que censurais, não praticastes o que condenais, e valeis mais do que o culpado. Oh, homens! Quando passareis a julgar os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos e os vossos próprios atos, sem vos ocupardes do que fazem os vossos irmãos? Quando fitareis os vossos olhos severos somente sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos convosco e indulgentes para com os outros. Pensai n’Aquele que julga em última instância, que vê os secretos pensamentos de cada coração, e que, em consequência, desculpa frequentemente as faltas que condenais, ou condena as que desculpais, porque conhece o móvel de todas as ações. Pensai que vós, que clamais tão alto: “Anátema!” talvez tenhais cometido faltas mais graves.

Sede indulgentes meus amigos, porque a indulgência acalma, corrige, enquanto o rigor desalenta, afasta e irrita.

José, espírito protetor. Bordeaux, 1863

Não façamos, pois, como faziam os fariseus, condenando condutas alheias, poluindo-as com defeitos e imperfeições, que precipitadamente registravam, julgavam, classificavam e generalizavam como sendo padrão de comportamento negativo, pelo simples fato de diferir do deles, esquecendo-se de que somos todos filhos do mesmo Pai, em processo evolutivo na Terra, em contínua transformação.

Atirar pedras, para reprimir o mal, afronta os ensinamentos de Jesus. Ainda que não sejam proferidas palavras, a mera condenação em pensamento atingirá, com energias negativas, contrárias à caridade, julgador e julgado. Aquele que não usa de indulgência para consigo, dificilmente o fará em relação ao próximo. É dessa forma que a sombra impede que o ser essencial, ou o si mesmo, aflore, impedindo suas manifestações autênticas.

Numa atitude diametralmente oposta à dos fariseus, Jesus, como modelo supremo de superioridade espiritual, convivia com pessoas de todas as idades e gêneros, sem importar-lhe que fossem considerados a escória da sociedade de seu tempo. Pescadores rudes, crianças, velhos, leprosos, cegos e estropiados eram alvo de sua atenção amorosa. Cobradores de impostos e prostitutas, assim como mulheres condenadas por suspeita de adultério eram por ele confortados, absolvidos e orientados, para que se mantivessem numa vida responsável de vigilância, a fim de evitarem que coisas piores lhes acontecessem. Entretanto, segundo Joanna de Ângelis, era ele próprio chamado de beberrão e comilão, porque se alimentava com os infelizes. Salienta, ainda, a mentora, que ele jamais se justificou, porque não tinha sombra, era numinoso.

O mestre não tinha sombra. Em sua psique divinizada a máscara havia sido substituída pelo amor incondicional. Jesus teve, sim, que se adaptar aos

encarnados à época em que viveu entre nós, adotando muitos de seus hábitos e cultura, sem, no entanto, jamais se macular. Adaptou-se à carne, da qual prescindia na sua missão, trabalhou como carpinteiro, para ajudar no sustento da família, foi filho exemplar de Maria e José, cidadão hebreu e amigo sincero de muitos. Em sua vida pública, foi mestre ungido. A adaptação ao meio foi necessária ao seu ministério de amor, a fim de que pudesse se comunicar com as almas humanas de então, e não para que fosse aceito e bem-visto pela sociedade hipócrita de então. Em outras palavras, o que na maioria dos encarnados de qualquer época é máscara, em Jesus foi doação amorosa. Promover a felicidade e a evolução humana foi, é e será sua única motivação, o que só é possível a um ego totalmente harmonizado com o Pai.

Mesmo considerando a incomparável estatura evolutiva do Cristo, podemos e devemos procurar imitá-lo. Cada vez mais nossa máscara deverá prescindir da aprovação do outro e isso só será possível na exata medida em que assumimos a autenticidade de nosso ser íntimo, viabilizada através da conquista do discernimento e do autoconhecimento, com a conseqüente harmonização da sombra. Ao nos percebermos como possuidores de impulsos primários, que não são maus em si mesmos, e aspirantes a uma comunhão plena com o self, nossa máscara passará a ser, muito mais, o resultado de uma renúncia amorosa, consciente, parcial e segura do si mesmo, e não a conseqüência de uma busca medrosa pela aceitação alheia. Permitir-nos ser moldados ao gosto de outrem seria uma obsessão escravizadora. É primordial que sejamos íntegros, indivíduos no sentido próprio da palavra.

Assim, devemos sair de nós mesmos sem nos dividirmos, como fez Jesus na Terra, ou seja, podemos e devemos conviver e celebrar a vida com os execrados e estropiados, com os infelizes, perdidos e atormentados, mantendo sempre intacta nossa integridade, inclusive nossas características de temperamento harmonizadas, em prol da comunicação amorosa e da caridade.

Capítulo 5

Conviver e ser

A criança ferida e as perdas

A MAIORIA DAS PESSOAS conhece a satisfação de ter reencontrado algo pessoalmente valioso que se havia perdido. Nessas ocasiões é comum que se deseje celebrar o feliz acontecimento, que se procure compartilhar a alegria com parentes ou amigos. Essa reação, típica da alma humana e entranhada em nosso inconsciente, é experimentada com frequência, a nível consciente.

No capítulo XV do Evangelho de Lucas, Jesus explora esse traço indelével do comportamento humano, a fim de exortar nosso espírito ao esforço evolutivo, narrando-nos três parábolas: a do Filho Pródigo, a da Ovelha Perdida e a da Dracma Perdida. Na primeira, já bastante discutida no presente trabalho, temos a história do filho que se afasta da luz para, mais tarde, voltar a vislumbrá-la no abraço amoroso de seu pai. Na segunda, vemos o pastor amoroso, que após deixar noventa e nove de suas ovelhas em segurança, parte à procura da centésima que se havia desgarrado, experimentando imensa alegria ao encontrá-la. Na terceira, por fim, temos a mulher que, determinada e incansável, entrega-se à busca pela valiosa moeda que se havia perdido, festejando com as vizinhas, quando finalmente a encontra. As três parábolas apontam para a importância da busca e do encontro com a realidade do que somos: espíritos imortais, filhos de Deus, que nos ama incondicionalmente.

Nossas verdadeiras perdas, das quais custamos a nos dar conta, referem-se a bens como o equilíbrio emocional e psicológico, a paz de espírito, a harmonia doméstica, a saúde integral e a alegria de viver. A demora na percepção de perdas tão significativas decorre do fato de que elas se dão aos poucos e raramente de um momento para outro. No mais das vezes tais perdas são consequência de uma invigilância imprudente e de um estado de conformismo prolongado que só é abalado quando a perda atinge proporções dramáticas, que nos levam a um cair em si. Fosse o indivíduo mais vigilante e sensível, muitas perdas seriam evitadas. O desinteresse em perscrutar as causas de desânimos e tristezas que se instalam em nosso dia a dia é o grande aliado de perdas relevantes em nossas vidas.

O conformismo prolongado, que mencionamos acima, apoia-se na autopiedade resultante do acúmulo de mágoas e decepções ocorridas em nossa infância carnal, quando a psique, ainda em formação, não desenvolveu suas defesas naturais e os achaques da vida ferem mais fundo, gerando insegurança e cicatrizes difíceis de desaparecer, uma vez que permanecem na memória inconsciente ao longo de muitas reencarnações.

Vejamos o que Joanna de Ângelis nos diz a respeito:

Todos os indivíduos conduzem, no inconsciente individual, a sua criança ferida e magoada, que lhe dificulta a marcha de segurança na busca de paz interior, da saúde e da vitória sobre as dificuldades.

Essa criança ferida é o ser humano perdido no deserto, ou na casa que necessita ser varrida, a fim de retirar as camadas de ressentimentos que impedem a claridade da razão, do discernimento...

E prossegue mais adiante:

O número de transtornados psicologicamente é muito grande, em face da preservação da criança ferida em cada um... Sempre está observando o que não tem, o que ainda não conseguiu deixando-se afligir pela imaginação atormentada, fora da realidade objetiva, perdendo-se.

O comportamento infantil de focar a atenção naquilo que não temos, de nos lamuriarmos sem cessar pelas perdas sofridas, por vezes há décadas, rouba-nos o discernimento e incapacita-nos para a ação positiva. Os transtornos causados pela preservação da criança ferida dentro de nós prolongam-se inconscientemente, apoiados na preguiça medrosa de um enfrentamento dos desafios que são, na realidade, oportunidades para evoluirmos.

É comum que culpemos outras pessoas ou transfiramos para elas responsabilidades que nos cabem, acusando-as de nos terem roubado a paz, à semelhança da criança birrenta, que se recusa a tomar o remédio amargo que a curaria, uma vez que permanecendo doente poderá fugir ao trabalho e às preocupações do cotidiano, deixando que outros assumam os deveres que são seus, numa dependência doentia. Tal estado de coisas é desencadeado pelo ego que se recusa infantilmente a enfrentar a sombra, à qual se habituou. Quantos de nós não nos dizemos castigados pela vida, vítimas de injustiças e perseguições? É essencial que compreendamos que nosso desenvolvimento psicológico é contínuo e que não podemos jamais dar ouvidos aos apelos de acomodação do ego dominador. Mais uma vez, a reflexão profunda e o olhar para dentro de nós mesmos são imprescindíveis.

Cair em si

Cedo ou tarde acontece o cair em si. Há um momento em que, graças à percepção amarga da perda, partimos finalmente com determinação em busca da ovelha perdida, que somos nós mesmos, agora movidos pela esperança do encontro, o que estimula e acelera nosso passo. É neste sentido que o sofrimento humano tem valor, conforme proclama Jesus: Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

O sofrimento humano é, portanto, mera miopia espiritual e moral, consequência da falta de determinação e atitude, criação de nossa fraqueza e não de Deus, uma vez que tudo que o Pai criou é bom e belo. Permanecer no marasmo do sofrimento, ou não, é escolha nossa, visto que sabemos que o Reino de Deus está dentro de nós, como nos ensina Jesus. É tempo, portanto, de buscarmos com alegria, trabalho e determinação esse reino de amor, sem mais demora, com confiança no Pai Eterno, que nos proveu abundantemente de recursos para o êxito na oportunidade bendita da atual reencarnação.

Em Nosso Lar, livro psicografado pelo querido Francisco Cândido Xavier, no capítulo 7, o espírito Lísias dá um interessante esclarecimento a André Luiz. Diz ele:

Quando alguém deseja algo ardentemente, já se encontra a caminho da realização. Tem você, nesse particular, a lição do próprio caso. Anos a fio rolou, como pluma, albergando os medos, as tristezas e decepções. Mas quando mentalizou firmemente a necessidade de receber o auxílio divino, dilatou o padrão vibratório da mente e alcançou visão e socorro.

Muitas almas, ao caírem em si, ao invés de pedirem a ajuda do Pai, através da prece sincera, para assim dilatarem o próprio campo vibratório da mente,

acabam por resvalar para o desespero, a exemplo de Judas, que no despertar para a realidade do erro cometido, deixa-se oprimir pela culpa, entregando-se à depressão profunda, que culmina no suicídio. Na mão inversa, Pedro, que havia negado o mestre, experimenta aguda dor por se haver deixado dominar pelo medo, mas arrepende-se e, sem se deixar enredar pela culpa, passa a dar um novo sentido à sua existência, numa vida de amor, dedicação e vivência dos ensinamentos de Jesus.

Joanna de Ângelis nos ensina que é normal que uma vaga tristeza toque nossa alma ocasionalmente, o que constitui sinal abençoado e bem-vindo se tivermos a iniciativa de perscrutar com serenidade esse sentimento, num instante de isolamento e recolhimento especialmente providenciado para esse fim. O silêncio externo ajuda muito e o silêncio interno é essencial. Estar regularmente a sós consigo mesmo por alguns minutos, ao menos uma vez por dia, é para a saúde da alma, da psique e do corpo tão essencial quanto a chuva para a relva. Os frutos da paz e do bem-estar serão os primeiros a serem usufruídos pelo indivíduo, além da motivação e da alegria, que farão com que se estabeleça a capacidade de autodomínio e de autoconhecimento. A iniciativa da decisão e a persistência são, invariavelmente, necessários.

Da mesma forma, para que a tristeza não se instale em caráter prolongado, é preciso que estejamos atentos a um aspecto específico da parábola da ovelha perdida. Muitas vezes, concentramo-nos em recuperar um valor que se perdeu e reunimos esforços para fazê-lo, mas nos esquecemos de muitos outros valores que não estão perdidos. Os pastores de ovelhas, até os dias de hoje, contam com a ajuda de cães, que se ocupam em manter o rebanho unido durante sua ausência. Da mesma forma, é importante que mantenhamos a vigilância interna na preservação do conjunto dos valores que nos cabe guardar.

Quantos de nós, buscamos freneticamente posições sociais de destaque, inseridas num padrão externo de sucesso, que valoriza somente o poder aquisitivo e a sofisticação? Nessa ânsia cega, perdem-se valores que, por serem sistematicamente preteridos, deterioram-se, muitas vezes, de maneira irreversível.

Em vista dessa busca insana, profissionais submetem-se a expectativas de produtividade que exigem muito mais do que seria o razoável, comprometendo a saúde física e psíquica, o relacionamento familiar e afetivo, assim como toda e qualquer aspiração ao descortinamento espiritual. A própria moral passa a ter um

valor meramente legal, limitado e condicionado aos objetivos materiais considerados.

O êxito profissional e o bem-estar material devem, sem dúvida, ser buscados com equilíbrio. Sua supervalorização, porém, é resultado de uma distorção flagrante. Valores profundos e perenes são friamente pisoteados, até que a saúde física ou a sanidade psíquica deem o alarme e os distúrbios orgânicos graves advenham. Somente então, e às vezes a muito custo, cai em si o pastor descuidado, dando-se conta das muitas ovelhas que deixou ao abandono.

O mais surpreendente nesse processo de autodelapidação, que se desenrola por anos a fio, é a quase absoluta inconsciência que o indivíduo, vítima de si mesmo, apresenta em relação ao porvir espiritual. Os valores materiais têm caráter instável e efêmero e todos sabemos que a volta à pátria espiritual é nosso destino. Portanto, um questionamento profundo em relação à importância desses bens perecíveis é imprescindível.

Com certeza, no início de todo esse processo, quando ainda nada estava perdido, a tristeza por várias vezes visitou insinuante a alma, trazendo consigo a dor das ovelhas abandonadas, convidando-nos a uma reflexão mais profunda e atenta. Perguntemo-nos, então, se a tristeza tem nos visitado e como a temos tratado, antes que seja tarde demais. Consideremos com serenidade os valores que estamos abrigando no nosso coração. A partir dessa ponderação, busquemos aqueles valores de que nos damos falta, sem jamais abandonar os que devem permanecer.

A coragem de prosseguir em qualquer circunstância

Ninguém encarna na crosta terrestre a passeio, como caravela que desliza sobre águas calmas, movida ao sabor de ventos suaves e clima ameno. Tempestades, raios, maremotos, calmarias entediantes e assédio de piratas saqueadores, é o mínimo que se pode esperar. O naufrágio precoce, antes de se chegar ao porto de destino, é ocorrência possível e até provável. Mais do que uma imensa viagem, encarnar no planeta Terra é um desafio... Queixas, lamentações e medos prestam-se somente para tornar a aventura mais penosa e difícil, e como já proclamou Fernando Pessoa: Navegar é preciso, viver não é preciso. Por mais romântica ou ousada que possa parecer, a afirmação do poeta expressa a única disposição de espírito eficaz nos mares da encarnação terrena. Coragem também é preciso, acrescida de discernimento, lucidez e trabalho disciplinado.

A grande conquista, porém, acontece no coração do marinheiro viajor. Tempestades, calmarias e piratas podem meter medo e causar desesperança, ou, ao contrário, despertar o brio, a coragem e a disposição imbatível do homem do mar, forjado com a força dos ventos das marés.

Somos todos navegantes, forjados em infindáveis aventuras, nesta reencarnação e nos séculos de vidas passadas. Todos, sem exceção, viemos de muitos maremotos, fomos sacudidos por tempestades terríveis, incontáveis vezes fomos saqueados por nossa invigilância, mil vezes naufragamos e mil vezes recomeçamos. Busquemos, então, resgatar a sabedoria e a experiência que dormem em nossa alma. Reunamos boa vontade, determinação, e velas ao vento... A grande aventura ainda nos espera... Há o mar para navegar e o si mesmo para conquistar... E assim, com a segurança e a serenidade, frutos da determinação e da coragem, poderemos estar verdadeiramente perceptivos e sensíveis ao espetáculo das noites de esplendor, das alvoradas extasiadas de luzes e matizes, das brisas suaves e de todas as doçuras e deleites que também permeiam as grandes viagens.

Todas as experiências vividas são aprendizados que criam e ampliam o conhecimento, o discernimento e a capacidade de superar obstáculos e

dificuldades, e por elas todos passamos. O que difere em essência cada experiência individual é o esforço de progressão que cada alma empenha diante das mesmas, como esclarecem as questões de O Livro dos Espíritos reproduzidas abaixo:

115. Uns espíritos foram criados bons e outros maus?

— Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e progressivamente conduzir à perfeição, pelo conhecimento da verdade e para os aproximar dele. A felicidade eterna e sem perturbações, eles a encontrarão nessa perfeição. Os espíritos adquirem o conhecimento passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino; outros não conseguem sofrê-las sem lamentação, e assim permanecem, por sua culpa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida.

115-a. Segundo isto, os espíritos, na sua origem, se assemelham a crianças, ignorantes e sem experiência, mas adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrer as diferentes fases da vida?

— Sim, a comparação é justa: a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu menor ou maior aproveitamento depende da sua docilidade. Mas a vida do homem tem fim, enquanto a dos espíritos se estende ao infinito.

117. Depende dos espíritos apressar o seu avanço para a perfeição?

— Certamente. Eles chegam mais ou menos rapidamente, segundo o seu desejo

e a sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa que uma rebelde?

Doenças, revezes, decepções, desafetos, catástrofes e quaisquer tragédias pessoais ou individuais, recebem da doutrina dos espíritos uma abordagem nova e revolucionária, não só no que diz respeito à compreensão das mesmas mas também, e principalmente, no que diz respeito à revelação do poder incomensurável que nós, aprendizes, temos sobre as mesmas sem sabê-lo.

As condições para acessarmos esse entendimento e poder, dormentes no self e ocultos pelo ego imediatista, compreendem primeiramente a coragem e determinação de viajar ao íntimo e trazer informações ao entendimento. Como preparação para essa viagem e, ao mesmo tempo, para tirarmos melhores frutos da mesma, é imprescindível superarmos o hábito da acomodação, do marasmo, da rotina já conhecida e assumir os riscos da ousadia responsável, cientes de que perdas acontecem e as buscas decorrentes são inevitáveis.

Ninguém há, que movimentando-se no corpo físico, não esteja sujeito a tropeços e quedas, de igual maneira, ao soerguimento e à continuação da marcha.

O que é ao mesmo tempo inevitável e superável – além de proporcionar aprendizado – não pode ser considerado como um revés ao qual temos que nos resignar com tristeza e conformismo, ou pior ainda, com revolta. Enfrentar tudo com valentia ativa é o que nos cabe.

Mede-se a estrutura moral da criatura não somente pelos êxitos alcançados, mas pelo empenho no prosseguimento das lutas desafiadoras, ferramentas únicas responsáveis pelo crescimento ético-moral e espiritual ao alcance da vida.

O indivíduo deve inexoravelmente, enquanto encarnado, enfrentar frustrações e

desafios diversos, buscando bem-estar físico, relações gratificantes e respaldo adequado aos seus impulsos e instintos, harmonizando ainda todas essas demandas com heranças e compromissos morais oriundos das vidas passadas. Assim sendo, achaques físicos, melancolias, estresses, ainda que temporários ou de gravidade relativa, são consequentes e inevitáveis.

Decorre daí que, qualquer dor de cabeça sem maiores consequências, até transtornos orgânicos graves e distúrbios psicológicos debilitantes, estão intimamente conectados com as dimensões moral e espiritual do indivíduo. Uma postura moralmente conflitante e inquietante pode, de início, manifestar no indivíduo dores de cabeça evoluindo para males maiores caso não se resolva o conflito. Não existem males espirituais que persistam no indivíduo de forma localizada, ou seja, a repercussão física e psicológica é inexorável. Vale, portanto, no exame de consciência, confrontar até mesmo nossas dores e achaques físicos, considerando suas possíveis origens morais-espirituais, pois elas certamente existem.

De diversas maneiras, sempre foi pregado que o amor é terapêutico, seja o amor na sua forma conjugal-romântica ou no seu sentido mais genérico, e a verdade é que de fato o amor tem esse efeito regenerativo sobre a alma, a psique e o corpo, já que a separação entre essas dimensões é muito tênue e as interações entre as mesmas são muito mais amplas e instantâneas do que se imagina.

Todavia é natural que se ame desejando algum retorno, em face da precariedade dos sentimentos ainda não desenvolvidos. Ideal, no entanto, será que o amor se manifeste como efeito da alegria de viver e de expandir as emoções, os regozijos de que a pessoa se sente possuída, por descobrir esse dom precioso -a dracma perdida no desconhecimento -que é muito mais benéfico para quem o possui.

No amor necessariamente acontece, em maior ou menor intensidade, um sair de si que, a partir do foco no outro ou nos outros, inclui impulsos de afeto, solidariedade, fraternidade, e outras disposições nobres, inspiradas pelo self. Em todas essas disposições há uma expansão do ego que caminha do seu primitivismo, em direção à individuação.

É bastante ilustrativo e didático considerarmos o estado de espírito dos apaixonados, como forma de entendermos o mecanismo terapêutico e profilático do amor. Nos apaixonados, a vida passa a ter cores e aromas suaves e envolventes, percebe-se de repente, não só no objeto da paixão, mas também no mundo, encantos e belezas antes ocultos. A paixão, mesmo no seu sentido romântico, ainda que, por vezes, com traços limitantes decorrentes do foco na pessoa amada, traz no seu cerne as fagulhas do amor divino, proporcionando enquanto vigente e correspondida, saúde e bem-estar significativos.

Jesus, expressão máxima de paixão pela humanidade, demonstrou abundância de vigor físico e saúde integral enquanto durou sua permanência na Terra, e seus seguidores apaixonados e fiéis, apóstolos do cristianismo nascente, usufruíram, como seu mestre, de semelhante vigor, apesar das terríveis e prolongadas provas a que foram submetidos seus corpos e mentes. Não adoeciam porque amavam!

Através do amor, que transcende todo o imediatismo utilitário do ego, abrem-se no mesmo as brechas pelas quais a ... inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas penetra na consciência humana levando-a ao estado numinoso. Através do amor o ego rende-se à evidência de realidades concretas e palpáveis, provenientes dos arquivos inconscientes, que atingem a consciência. Justamente por apresentarem-se como realidades concretas é que as manifestações do amor tornam-se compreensíveis para o ego; essa é a grande barreira rompida pelo amor, que traz ao ego aspectos do self divino, revestidos da única manifestação que ele compreende com facilidade. O amor cumpre assim seu papel de ligação entre o céu e a terra, trazendo à psique humana fagulhas divinas compreendidas e abraçadas pelo ego.

As referências do amor arquivadas no inconsciente guardam, entre tantas experiências vivenciadas individual e coletivamente, fatos históricos que, como tal, são concretos tanto no que se refere ao registro factual dos mesmos na memória, quanto no que diz respeito às suas repercussões na psique humana.

O sair de si voltando-se para o outro em atitudes de amor compõe a vocação evolutiva humana, porém a maioria das culturas ocidentais modernas condicionou os indivíduos a valorizar os prazeres da sensação em detrimento das emoções que brotam da experiência do amor em todas as suas expressões. Esse condicionamento, apesar de ser criado e reforçado pelo ego, choca-se com a natureza humana, muito mais comprometida com o psicológico-emocional do que com o fisiológico-sensorial conforme esclarece Joanna de Ângelis:

O ocidental acostumou-se com os limites da emoção e adaptou-se aos prazeres da sensação de tal modo, que tudo aquilo que o convida à inversão desse comportamento parece-lhe de difícil aplicação e, por tal razão, evita viver a proposta de olhar para si mesmo, para dentro, de autopenetrar-se para descobrir os incomparáveis tesouros da alegria íntima, da vivência elevada, sem cansaço, sem ansiedades nem expectativas.

Esse esforço é realizado somente quando não tem outra alternativa e quando apresenta cansaço em torno do conhecido gozo dos sentidos.

Passar por essa experiência é de importância significativa, pois constitui o degrau evolutivo da libertação da hegemonia do prazer sensorial e consequentemente do vislumbre de realidades mais elevadas.

Ser-se integralmente

O sentido de posse material atingiu na sociedade moderna, principalmente na ocidental, uma importância exacerbada e até irracional, posto que o próprio valor de uso desses bens fica diminuído em função do valor exacerbado que se atribui a posse em si. Já não se medem com lucidez os benefícios efetivos e reais que esses bens nos trarão. Aqueles que conseguem amedidar um volume muito grande de bens, terminam por não conseguir usufruir senão uma parte ínfima dos benefícios que tamanho patrimônio pode proporcionar, utilizando-os tão somente para que rendam recursos financeiros, visando aumentar ainda mais suas posses, num círculo vicioso insano e escravizante. Já não se consideram as possíveis relações de causa-efeito entre o possuir e o ser-se feliz, ou pior ainda, tem-se a ilusão ingênua que existe aí, uma relação direta e proporcional, embora a experiência e as evidências comprovem o contrário.

A falta de discernimento ao ponderar o real valor da posse material provém, dentre outras motivações distorcidas, da possibilidade de gozo sensorial-fisiológico que essas posses podem proporcionar, o qual, como vimos anteriormente, é supervalorizado.

Em suma, possuir e gozar prazeres sensoriais passam a constituir os valores supremos diante dos quais tudo se torna secundário e supérfluo. Essa é uma tendência própria da alma humana, ainda envolta pelo ego imediatista, por isso nosso Pastor Divino, narrou-nos a parábola do homem rico e insensato:

Propôs-lhes então uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produzira com abundância, e ele arrazoava consigo, dizendo: Que farei? Pois não tenho onde recolher os meus frutos. Disse então: Farei isto: derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus cereais e os meus bens; e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe disse: Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é aquele

que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.

Lucas 12, 16 a 21

Comer, beber e regalar-se! Prazeres fisiológicos ao alcance de qualquer animal sadio, tão fugazes que duram no máximo até o túbulo e no entanto tão aquém da paz e alegria profundas e duradouras provenientes do self eterno. Aquele que prioriza ansiosamente os valores do prazer sensorial, restringe o acesso aos valores permanentes e ironicamente reduz a própria intensidade dos prazeres que, quando estão alinhados com as aspirações superiores, manifestam-se com mais nitidez e profundidade por estarem harmonizados integralmente com a psique.

A contrapartida do comportamento do homem rico da parábola é narrada pelo mestre Jesus logo a seguir em outra parábola:

Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?

Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

Mateus 6:25-30

Apesar de os lírios do campo e os pássaros do céu serem paisagens externas, é a leitura que fazemos das mesmas, através do nosso coração humano e da nossa capacidade de reflexão, o que nos alerta para realidades transcendentais.

Jesus mostra-nos que os lírios do campo e as aves do céu podem desvendar a uma alma atenta, dimensões que ultrapassam infinitamente o globo em que vivemos e as preocupações práticas acerca da nossa breve estadia no mesmo.

O medo do futuro, entretanto, considerando-se somente os possíveis percalços enquanto encarnados na crosta terrestre, nos põe cegos a essa percepção sugerida por Jesus, como fez o homem rico da parábola.

Nossa constante cegueira diante dos lírios do campo e das aves do céu, diante do convite ao eterno que eles nos fazem, é totalmente voluntária, pois apesar das influências culturais e das pressões do ego, é uma opção, uma escolha e, como qualquer escolha, exige alguma renúncia que, nesse caso, compreende fechar os olhos e ouvidos aos apelos ilusórios do que é transitório e mergulhar em mistérios e maravilhas que se insinuam diante de nós de maneira tão palpável e real. A opção pela cegueira voluntária dá-se, frequentemente, por ser a menos trabalhosa.

A reflexão investigativa do si mesmo implica na renúncia ao comodismo e à postergação, e nos premia com a aventura mais fantástica e fascinante que uma criatura humana pode experimentar. A mudança de foco e de perspectiva, nesse

caso, inclui a alegria de viver e a consciência de se estar em contato íntimo com o self, num estado d'alma muito distante da concepção falsa e apequenada do ter, do poder e do prazer sensorial como finalidades supremas da existência.

Como consequência dessa falsa concepção tem-se uma visão neurótica do mundo e de Deus, que teriam como função precípua e exclusiva atender aos desejos e caprichos do ser humano, destituindo-o da faculdade de pensar e de agir, como alguém numa viagem fantástica por um país utópico, no caso, o planeta terrestre.

[...] a conduta neurótica espera que tudo lhe seja solucionado a passe de mágica, pelo fenômeno absurdo da crença religiosa, mediante um milagre, por exemplo, ou uma concessão especial, que lhe constitua privilégio, como se fosse um ser excepcional... Como todos assim pensam, resulta que o conceito em torno desse deus apaixonado e antropomórfico, transferência inconsciente da imagem do pai que foi superada durante o desenvolvimento orgânico e mental –, e sofrem o impacto da descrença, da decepção, da amargura, que dão lugar a conflitos perturbadores.

A compreensão da essência divina que nos proporciona a parábola sobre os lírios do campo, transcende em muito a visão que comumente se tem da mesma, que vai desde a imagem ingênua de um Deus antropomórfico até a crença de que Ele livra as almas de suas dores e realiza desejos, simplesmente porque diante de súplicas e petições, num ato de bondade, decide fazê-lo. Até mesmo a troca de favores por sacrifícios físicos voluntários, num comércio onde a dor tem em si mesma, um valor de troca, é pretendida por muitos.

Religiões tradicionais, até hoje cultivam e pregam essa relação distorcida e fraudulenta com Aquele que é a essência do amor, a inteligência suprema e causa primeira de tudo. Além do escambo comercial calculista, inserem-se na mesma o temor, a culpa, o julgamento e a punição, por vezes eterna, e como possíveis tábuas de salvação a intervenção indispensável de rituais externos. No referente às punições, compromete o adepto que se preocupa mais com a forma do que

com o conteúdo, e aqueles que são sinceros, tornam-se tementes ao invés de conscientes em torno dos resultados psicológicos da identificação com o si-mesmo.

Ressalta-se nesse cenário a importância ímpar da educação infantil e consequentemente a responsabilidade à que são chamados pais e educadores. A criança ferida que trazemos em nosso inconsciente e constitui obstáculo a ser superado no caminho da evolução, pode, através da educação, inclusive a religiosa, ter suas feridas agravadas ou curadas. cedo ou tarde, com a ajuda ou com o desserviço de educadores, acabaremos por resgatar do nosso íntimo a “dracma perdida” da criança saudável.

Demonstrar à criança, por exemplos e palavras coerentes, o valor do ser e das conquistas interiores, ao invés da insanidade do ter como sentido da vida, constitui nobre ensinamento de amor.

Capítulo 6

O ser humano em crise existencial

As conquistas externas e a crise existencial

A HISTÓRIA RECENTE REVELOU questionamentos e inquietudes nunca antes imaginadas, fazendo a humanidade vivenciar e experimentar pressupostos nunca antes testados. As guerras e atrocidades do século XX, culminando com as explosões atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki no Japão em 1945, inauguraram o chamado período pós-industrial ou pós-modernidade.

A extrema crueldade e degradação expostas nas duas guerras mundiais, em que humanos causaram, sofreram e presenciaram barbáries tão impressionantes, constrangeram toda uma geração, levando-a a uma espécie de perplexidade coletiva paralisante. O espetáculo deprimente de atrocidades extremas sem fim, praticadas por humanos contra humanos, pôs em cheque todos e quaisquer valores, crenças e esperanças de um mundo fraterno, que até então podiam ser acalentadas. Não era crível que aqueles que protagonizaram tais horrores, pudessem algum dia vir a portar em seu coração qualquer traço de solidariedade ou convicções morais-éticas e, menos ainda, considerações espirituais. Não era crível, para muitos, que pudesse haver um Deus amoroso, onipotente e justo que olharia por Seus filhos sem jamais abandoná-los. Chegou-se ao limite da desesperança ao conclamar-se que “Deus está morto”, conforme a afirmação do conturbado filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) reproduzida posteriormente na capa da renomada revista norte-americana Times de 8 de abril de 1966. Tudo expressava confusão e desalento.

O descuido da alma humana, em sua coletividade, ainda à mercê do ego imaturo permitiu, portanto, que a mesma experimentasse provações extremas, as quais deixariam marcas profundas na psique humana.

Essa fase da pós-modernidade... que se torna cada vez mais perturbadora nas mentes e nos comportamentos, responde pela perda emocional dos valores de alto porte, que vêm reduzindo o ser humano à condição robótica. A estupidez e o sofrimento em escala global provocaram na psique de muitos uma dessensibilização que é, antes de tudo, uma reação de defesa ou de adaptação à uma realidade externa chocante. A sensação de impotência diante da banalização

da vida e dos valores solidários inibiam quaisquer outros sentimentos mais elevados, que pareciam inúteis e sem sentido. Em contrapartida, hábitos distanciados de relações afetivas verdadeiras e nobres, passaram a ser acolhidos pela maioria. A evolução da ciência e da tecnologia, por sua vez, facilitou sobremaneira o distanciamento, maquiando-o com a comunicação rápida e instantânea, porém superficial, e com a sedução de uma mídia corrompida e corrompedora. Por não serem valorizados os laços e comprometimentos afetivos, a sexualidade ficou também desvinculada dos mesmos e por isso banalizada como mera fonte de prazer sensorial e vaidade exacerbada, desprezando-se quaisquer consequências e desdobramentos dessa postura.

Contribuindo de maneira habilmente proposital, a mídia cria ídolos e devora-os, a cada instante, exaltando o crime e os criminosos que se lhe tornam manchete contínua, exaurindo os clientes, especialmente através da televisão, nas repetições exorbitantes das cenas de horror, nos julgamentos arbitrários daqueles aos quais atribui a responsabilidade pela desgraça, no estímulo à justiça pelas próprias mãos, encorajando psicopatas adormecidos a se tornarem famosos pela utilização dos horríveis espetáculos exibidos...

O despudor agressivo que arrebatava as multidões, especialmente acompanhando as cenas de deboche nos aplaudidos programas de degradação humana, para a conquista da fama pela imoralidade e do dinheiro pela perda da dignidade, favorece o surgimento de múmias morais, que são os seres destituídos de emoção e de sensibilidade que a tudo se submetem para atingir as metas estimuladas pelo mercado do sexo e da drogadição...

As consequências desse cenário moral e psicológico caótico foram nefastas. A propalada expressão “vazio existencial” procede desse distanciamento, ainda que temporário, de valores elevados – anteriormente desenvolvidos e conquistados pela alma humana – e da referida dessensibilização emocional/afetiva.

Claro que existem, e sempre existirão, incontáveis corações humanos nos quais essa catástrofe moral e psicológica não penetrou, ainda que os tenha tocado. São

esses que mantêm, por missão divina, a referência viva da real dimensão espiritual da saga humana, que aspira à evolução e ao encontro da plenitude.

O ser humano pleno

É da natureza da psique humana preencher o vazio deixado na psique pela fuga de componentes enquanto os mesmos não são repostos. A substituição provisória tende a ser um retorno aos anseios e impulsos primitivos do ego, com a agravante de que agora são impulsos incompatíveis com o nível evolutivo atingido, daí a sensação melancólica de vazio, de que algo está errado dentro do coração, de que falta no mesmo algo autêntico e consistente, compatível com nossa natureza evolutiva. Essa dor d'alma, jamais existiu num troglodita em seu estágio evolutivo primitivo, porém atinge a quase todos nós, que ora habitamos a crosta terrestre, e comove o coração amoroso de Jesus, que por isso nos incita a refletir sobre a seguinte parábola:

Todo aquele, pois, que ouve as minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre a rocha. E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. E todo o que ouve estas minhas palavras, e não as observa, será comparado ao homem insensato, que edificou sua casa sobre a areia. E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela caiu, e foi grande a sua ruína.

Mateus 7, 24 a 27 e semelhante em Lucas 46 a 49

Assim, por evitar o exame interno e não dar ouvidos aos chamamentos que brotam sôfregos e reprimidos do fundo d'alma, o indivíduo constrói sua existência terrena calcada somente no que é transitório, instável, circunstancial e externo. Constrói sobre a areia das vicissitudes moveáveis do mundo e não sobre a rocha firme e consistente dos valores eternos do self.

Atualmente, ventos fortes e chuvas torrenciais abatem-se sobre a humanidade, na sua maioria desprevenida. As bases psicológicas da sociedade foram construídas a partir de um padrão mentiroso que prega a satisfação das demandas do ego, centradas no prazer sensorial e no poder, enquanto garantia do domínio sobre as circunstâncias externas. É, portanto, uma felicidade falsa, proveniente do que é externo, material e instável como areia. Vive-se em ruínas, buscando freneticamente restaurar paredes e estruturas que tombam a todo o momento.

Com base nesse ensinamento do mestre divino, Joanna de Ângelis propõe reflexões práticas e profundas sobre seus desdobramentos e consequências:

Sem um valor maior, que mereça investimento, ninguém se arvora à luta, ao sacrifício, porque tudo superficial logo perde o sentido. É semelhante a determinados tipos de metas humanas, que são imediatas, como conseguir coisas, posses, amalhar fortuna, conviver com pessoas, e ao alcançá-los, terminando o objetivo, surgem as frustrações e os desencantos.

É impossível, de maneira definitiva, viver-se sem o sentimento dos conceitos eternos, daqueles que dão dignidade à criatura humana, proporcionando-lhe ética e moralidade para ser fiel aos objetivos existenciais.

Com essa percepção, descobre-se que os conflitos, as aflições em torno das posses e o medo de perdê-las são fenômenos pessoais interiores da própria insegurança, levando a transtornos de comportamento e a distúrbios orgânicos repetitivos.

A legítima psicoterapia objetiva conduzir o indivíduo ao redescobrimento da sua realidade, da sua origem espiritual, da finalidade existencial, do seu futuro imortal, que se lhe transformam em alicerces de segurança para as lutas contínuas, evitando a projeção dos seus conflitos nos outros, assumindo a culpa e liberando-a do inconsciente em que jaz produzindo sombra e desar.

Como já vimos nos primeiros capítulos, sob o ponto de vista da psicologia analítica de Jung, o que ocorre ao se construir sobre a areia é que o ego, e a consciência da qual ele é o centro, por questões práticas de adaptação ao meio externo, tende inicialmente a manter-se distanciado do self, embora um isolamento completo entre os mesmos seja impossível e uma comunicação mínima sempre é mantida pelo self. Esse distanciamento, entretanto, inibe a percepção subjetiva da realidade divina e transcendental que o self proporciona, acarretando numa drástica redução no discernimento e cedendo espaço à dominação da sombra que exerce sua influência inconsciente sobre todos os comportamentos. Entretanto, a própria frustração da constatação prática, por tentativa e erro, da precariedade e fragilidade das construções sobre as areias do ego que desabam antes mesmo de serem concluídas, levam a psique a considerar a possibilidade de se levar mais a sério os chamamentos do self, percebendo já nas primeiras tentativas, a solidez e a plenitude perene do mesmo.

Toda a religião, no seu significado profundo, objetiva religar a criatura ao seu Criador, o que representaria estabelecer o eixo ego-self, o ser aparente com o ser real, proporcionando-lhe condições de saúde e paz.

Impressiona a clareza e a profundidade dessa expressão de Joanna de Ângelis. Quão superficial e ilusório é o ego enquanto essência do significado da vida, e quão real e sólido é o self. Estabelecer o discernimento entre um e outro e integrá-los é o sentido religioso por excelência e o passo inicial para chegar a isso é, invariavelmente, perceber a transitoriedade do ego que tem por característica própria da sua primitividade, a capacidade de fingir ser o objetivo essencial da vida. Somente após intermináveis tropeços dolorosos é que o ego vai perdendo sua capacidade de dissimular.

Libertar-se da ditadura do ego é um labor interno, pessoal, intransferível e inevitável, todavia...

Quando se liberta dos tentáculos que arrastam tudo de maneira constritora para o

centro do ego, respira o oxigênio saudável da alegria inefável por estar livre das conjunturas tormentosas do ter e do temer perder, do ser admirado pelo que possui, não pelo que é, de ser visto como triunfador de fora, no que é admirado, mas raramente amado... Livre de qualquer tipo de dependência factual do cotidiano das coisas, pode voar pela imaginação e pelos sentidos em qualquer direção, sem medo nem ansiedade, porque se encontra pleno.

Capítulo 7

A possível saúde integral

A parábola dos talentos

O CORAÇÃO INEFÁVEL DE Jesus descreve-nos a parábola dos talentos, levando-nos à reflexão, de forma terapêutica, acerca de questões tão práticas e quotidianas quanto profundas, no que se refere ao sentido da vida e à nossa responsabilidade pessoal e intransferível no processo evolutivo da alma humana:

Pois é assim como um homem que, partindo para outro país, chamou os seus servos e lhes entregou os seus bens: a um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual segundo a sua capacidade; e seguiu viagem. O que recebera cinco talentos foi imediatamente negociar com eles e ganhou outros cinco; do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois. Mas o que tinha recebido um só, foi-se e fez uma cova no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Chegando o que recebera cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco, dizendo: – Senhor, entregaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que ganhei. Disse-lhe o seu senhor: – Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito. Entra no gozo do teu senhor. Chegou também o que recebera dois talentos, e disse: – Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que ganhei.

Disse-lhe o seu senhor: – Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito. Entra no gozo do teu senhor. Chegou, por fim, o que havia recebido um só talento, dizendo: – Senhor, eu soube que és um homem severo, ceifas onde não semeaste, e recolhes onde não plantaste; e, atemorizado, fui esconder o teu talento na terra; aqui tens o que é teu. Porém o seu senhor respondeu: – Servo mau e preguiçoso, sabias que ceifo onde não semeei, e que recolho onde não joeirei? Devias, então, ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, vindo eu, teria recebido o que é meu com juros. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos; porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á,

e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem, ser-lhe-á tirado.

Ao servo inútil, porém, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá o choro e o ranger de dentes.

Mateus 25, 14-30

A força mágica da simplicidade e da transparência dessa parábola leva-nos instantaneamente ao exame de nossos atos e posturas diante da vida que se desenrola diante de nós e dentro de nós. Basta um olhar minimamente atento para constatar que temos talentos, ou capacidades, reconhecidas até mesmo pelos que nos cercam. Se percorrermos nossa vida, fazendo uma análise retrospectiva, veremos que fomos capazes de muitas realizações; desde as mais singelas e sublimes, como as tarefas domésticas necessárias ao zelo de um lar digno e os cuidados de uma mãe com seu bebê, até as atividades tidas como destacadas pela sociedade, como o trabalho difícil de um cirurgião, o esforço abnegado de um professor ou a descoberta científica agraciada com um Prêmio Nobel.

Na sua essência, todas essas tarefas e realizações demandaram talentos específicos. O cirurgião foi ninado por uma mãe dedicada, o cientista não levaria a cabo suas pesquisas sem o concurso talentoso dos professores que o alfabetizaram, e de quem diariamente cozinhou suas refeições ou fez a faxina do seu laboratório. Sob esse prisma não há trabalho ou talento menos digno ou importante.

Esse mosaico fascinante de talentos que se articulam e se complementam, materializa-se no “pão nosso de cada dia” que encontramos sobre a mesa e no tecido de algodão que nos veste. É realmente terapêutico refletirmos sobre a quantidade de trabalho talentoso de milhares de mãos e corações materializado em objetos tão simples e necessários ao nosso cotidiano. É igualmente notável, ainda que deplorável, considerarmos a enorme reunião de trabalho e talentos que, em poucos segundos, ceifou instantaneamente a vida de mais de 200 mil

pessoas em Hiroshima e Nagasaki com o lançamento das bombas atômicas. São, portanto, obras do poderoso talento humano reunido, o pedaço de pão diário, tão necessário à sobrevivência, e a hecatombe da guerra.

Os ensinamentos da parábola em foco incluem, entretanto, questões menos evidentes e igualmente significativas no tocante a utilização dos talentos humanos, ora pelo ego totalitário e dominador, ora pelos eflúvios elevados do self eterno. O ego, que a tudo busca controlar, quando num estágio pouco evoluído age para deixar os talentos acomodados a esse domínio rasteiro e primitivo, e o faz como sempre, de forma sorrateira e camuflada, sob a aparência de quem almeja prazer e bem-estar inofensivos.

Em função do imenso poder dos talentos que o Universo colocou à disposição do gênero humano, a estratégia mais comumente utilizada pelo ego para evitar que os mesmos levem a alma humana, em voo livre, para o encontro numinoso com o self consiste em mantê-los inativos ou subutilizados. Esse objetivo é amplamente corroborado pela preguiça e pelo medo, típicos da “criança ferida”, que permanece na psique humana. É muito mais fácil, e menos trabalhoso, enterrar os talentos recebidos do que trabalhar no desdobramento e desenvolvimento dos mesmos, o que certamente envolve riscos e iniciativa.

O sepultamento de talentos, porém, deixa na psique e na alma sequelas significativas, provocadas pela atrofia dos mesmos. Na programação reencarnatória, os talentos que nos foram confiados são as ferramentas indispensáveis que devem não só ser preservadas, mas aperfeiçoadas, para que vençamos os desafios aos quais nos propusemos e desprezá-las equivale a abandonar a luta e a trazermos para nós mesmos o estigma inglório de desertores, pois cedo ou tarde prestaremos contas a nós mesmos do que fizemos da encarnação que nos foi concedida, ou como melhor expressa Joanna de Ângelis:

[...] Todos os valores que sejam sepultados no solo da indiferença e da falsa justificativa, se transformam em sofrimento interior, porque a culpa que se apresenta no momento da prestação de contas, leva-o às lágrimas e às lamentações...

Enterrar os talentos equivale, portanto, a deixá-los inalterados, ou seja, no estado primitivo e bruto sem o burilamento dos mesmos visando o caminhar evolutivo.

A palavra, por exemplo, é um talento, que nem todos aplicam conforme deveriam, porquanto, através dela se produzem as rixas e as brigas, as intrigas e maledicências, as infâmias e as acusações, muitas vezes culminando em guerras infernais... quando a sua finalidade é exatamente o contrário.

Os sinais do desprezo aos talentos recebidos grassam sobre todo o planeta, o próprio equilíbrio orgânico e psicológico, que no seu sentido mais amplo garante o talento da saúde é assustadoramente malbaratado através de práticas que supostamente buscam o bem-estar, mas na realidade estão causando a enfermidade, o sofrimento desnecessário e a limitação física. É lamentável a facilidade com que se trocam a vitalidade física e o verdadeiro bem-estar, por prazeres efêmeros como o êxtase torpe das drogas ou o prazer falso e estúpido do beber em excesso ou do comer compulsivamente alimentos que por sua composição desequilibrada ou por sua quantidade desmedida, matam ou adoecem ao invés de nutrir. Torna-se imensa a fila de obesos, infartados e portadores de enfermidades diversas, decorrente dessa insanidade consentida, que enriquecem hospitais, clínicas e consultórios médicos, onerando o sistema de saúde pública.

Por outro lado o culto imaturo e a busca obsessiva de medidas corporais tidas como belas pelo padrão vigente movimentam energias, talentos e recursos financeiros inimagináveis, preterindo em decorrência disso, valores consistentes de realização e felicidade. Busca-se a aparência fútil que inexoravelmente degenera com o tempo e despreza-se a essência que é perene. É um caminho no mínimo ingênuo, que lamentavelmente leva suas vítimas à frustração e ao distúrbio debilitante.

O dom da sexualidade e seu papel dignificante como linguagem sublime do amor, como fonte abundante de prazeres sadios e terapêuticos, e ainda como veículo sagrado de reprodução biológica a serviço dos programas reencarnatórios são vulgarizados e violentados ao extremo não somente como meio de prazeres promíscuos, descomprometidos e irresponsáveis, mas, pior

ainda, banalizado como instrumento de lucro, em campanhas publicitárias de grandes corporações capitalistas ou como apelos grotescos para garantir índices satisfatórios de audiência na mídia.

O maior descalabro de todos, porém, é o abandono do talento que o gênero humano, a duras penas, amealhou ao longo de milênios de evolução, ou seja, a capacidade de discernir ou o discernimento, pois o descuido com o mesmo enseja o descuido com os demais talentos. Joanna de Ângelis enfatiza o papel primordial desse talento:

[...] o discernimento, a razão constituem valores inapreciados, em razão das infinitas possibilidades que oferecem, como permitir o conhecimento do Cosmo, a identificação dos elevados valores da vida, do serviço de edificação moral e espiritual do próprio possuidor, assim como da Humanidade como um todo.

O discernimento, portanto, na qualidade de talento, foi recebido e desenvolvido, contudo carece de cultivo e exercício constante para permanecer vivo e atuante. O descuido do mesmo, enterrando-o, deixa-nos estagnados em níveis muito aquém daquele que naturalmente nos cabe. É, enfim, um desperdício voluntário digno da repreensão feita pelo Apóstolo Paulo:

Quanto a isso, temos muito que dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês se tornaram lentos para aprender. Embora a esta altura já devessem ser mestres, precisam de alguém que ensine a vocês novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido! Quem se alimenta de leite ainda é criança e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal.

Hebreus, 5:11 a 14

As palavras duras de Paulo serviram para os primeiros cristãos e, lamentavelmente, depois de dois milênios tornaram-se ainda mais úteis e cabíveis posto que pela falta de exercício constante o mundo em que vivemos perdeu o discernimento e tornou-se asilo de insanidades sem fim, como as exemplificadas anteriormente. Tornamo-nos lentos para aprender reproduzindo indefinidamente o desvario terrestre.

Por sermos criaturas gregárias, o convívio social, os relacionamentos afetivos e a interdependência econômica, fazem com que influenciemo-nos mutuamente, contudo, o que seria mera influência sugestiva, torna-se, pela falta de discernimento, imposição de comportamentos fúteis e modismos deteriorantes que, no mínimo, embaçam a visão de objetivos mais elevados.

É por essa via, a do modismo, que milhões de indivíduos cultuam, por exemplo, espetáculos sórdidos, de lutas entre dois humanos que se esmurram até o limite do sadismo, quando um dos oponentes, coberto de hematomas ou sangrando seja derrotado. Algumas regras que tentam limitar a possibilidade de morte ou de sequelas mais graves entre os combatentes, servem de desculpa esfarrapada para que muitos considerem esporte o que na verdade nada mais é do que uma apologia à violência. A verificação frequente de que ex-atletas antes idolatrados tornaram-se, por conta desse esporte, portadores de lesões cerebrais graves e irreversíveis, é simplesmente desconsiderada. Se levarmos em conta ainda, que crianças são levadas sem o menor escrúpulo a assistir tais espetáculos, que os atletas transformam-se em ídolos a serem imitados, que fortunas são movimentadas, que o tempo de milhões de indivíduos é desperdiçado nesse culto sórdido, e que campanhas antiviolência são veiculadas pela mesma mídia que divulga e explora o espancamento mútuo de humanos num show internacional, constatamos a ausência óbvia e retumbante da falta de discernimento.

Essa distorção do instinto gregário humano e suas consequências são observadas por Joanna de Ângelis:

O indivíduo é o que se faz a si mesmo, no entanto, em face do seu instinto gregário e da sua necessidade social, não se podem evitar os efeitos da convivência no grupo no qual nasceu, se educou ou permanece vivendo.

Ante a conturbação que assola as pessoas tímidas receando o enfrentamento com os alucinados enterram os talentos, dissimulando as virtudes, ocultando-as com medo de serem ridicularizadas, levadas à zombaria ou tidas por débeis mentais.

Sucedem que, em tempo de loucura a razão parece deslocada, enquanto que o desvario é o estado aceito e prescrito.

A conquista do si-mesmo

Como sempre, na saga evolutiva, nunca estaremos definitivamente perdidos. Recursos de retomada do caminho sempre estarão ao nosso alcance mediante esforços e empreitadas, muitas vezes árduas. Qualquer talento atrofiado pelo desuso deverá ser recuperado mediante exercícios tão extenuantes e prolongados quanto foi o tempo em que esteve abandonado no cárcere da inconsciência, o que, se por um lado é trabalho árduo, por outro corresponde, em última instância, à conquista do si-mesmo.

Conquistar a si-mesmo, significa estar na posse plena de todos os talentos que por direito natural de criaturas divinas nos pertencem desde a nossa criação, embora parte deles permanecesse adormecida por conta do estado primitivo em que nos encontrávamos, ou enterrada por conta da nossa preguiça. Assim como as criaturas vegetais possuem talentos peculiares que as caracterizam e as mantêm, como a capacidade da fotossíntese, as criaturas humanas para que possam manter suas características, carecem da posse ativa dos talentos próprios da espécie. Entretanto, por não ter a posse plena desses talentos, ou por não estarem cada um dos mesmos em seu estado de plena atividade, o ser humano padece de disfunções significativas, o que equivale a adoecer, psíquica ou biologicamente, ou até mesmo desencarnar.

A enfermidade pode ser vista, portanto, como um alerta benfazejo em prol do ajuste harmonioso entre o programa reencarnatório e a posse dos talentos necessários ao desempenho satisfatório do mesmo. Caso esse ajuste aconteça de forma satisfatória durante a vigência da respectiva encarnação a enfermidade, física ou psíquica, desfaz-se. Caso o apelo causado pela enfermidade prolongue-se por muito tempo sem provocar no indivíduo a iniciativa necessária para o ajuste harmonioso, o talento da vida biológica se esvai, ensejando um ajuste posterior fora da crosta terrestre ou numa encarnação futura.

Sendo o si-mesmo a somatória de todos os talentos concedidos pelo Universo à criatura humana, em plena posse e uso, compreende-se que:

O Si-mesmo é a fonte da vida do corpo em todas as suas expressões: psíquicas, emocionais e físicas. Nele residem os dínamos geradores de todos os recursos para a existência humana, e, quando liberto das injunções do processo material na Terra, ei-lo que, ideal e numinoso, avança na direção da plenitude.

E sendo os talentos, por definição, valores a serem desenvolvidos com o concurso da vontade e dos esforços individuais, compreende-se também a responsabilidade que recai sobre cada um de nós que os recebemos. Abdicar desse discernimento rendendo-nos ao comodismo leva-nos a um estado provisório de mera sobrevivência física, por si só melancólico, doente e infeliz.

É compreensível que haja uma aceitação normal do estado em que muitos se encontram, acomodados às circunstâncias, sem aspirações relevantes. Nesse nível de consciência de sono, as necessidades atêm-se mais àquelas orgânicas, quais sejam: alimentar-se, dormir, exercer o sexo, num círculo de automatismos primários. Como o progresso é inevitável, lentamente despertam as ambições emocionais, por saturação das físicas, e ocorre a mudança para o nível de consciência desperta (ainda semiadormecida, porque há prevalência da anterior), aparecendo anelos não habituais, desconforto em relação ao já vivenciado, insatisfação diante da vida...

O Self desenvolve-se mediante os esforços existenciais que lhe facultam o despertar dos tesouros adormecidos, produzindo a imaginação, a ambição de crescimento, o desejo de conquistas novas. São, portanto, muito saudáveis, alguns estados de mal-estar, de queixa, de tristeza, desde que se não transformem em tormento, em hábito doentio de reclamação inoperante, mediante a qual a pessoa justifica a própria indolência.

Quem se basta com o habitual permanece em hibernação de consciência, aguardando que fenômenos-dor o sacudam, provocando-lhe a busca da

renovação e a disposição para mudanças psicológicas, para novas aspirações que lhe constituirão objetivos a trabalhar.

A hibernação da consciência é a moléstia de maior poder degenerativo que pode atingir a alma humana, pois a atinge justamente na fonte da vida psíquica, emocional e física, anulando-lhe a razão, o discernimento e por consequência o senso moral e o anseio pela busca de horizontes mais elevados. Todas as potências internas desmoronam e anulam-se – ainda que temporariamente – deixando o indivíduo distante do si-mesmo e à mercê dos instintos primitivos. Nesse estado a estagnação evolutiva é total, e os valores e talentos outrora conquistados agora hibernam inoperantes. Instala-se assim, o vazio existencial.

Por todas essas contingências, a hibernação da consciência tende a perpetuar-se, pois somente na própria consciência – que ora dorme – é possível surgir os primeiros ímpetos de reação. Por outro lado a embriaguez do prazer e do possuir embaçam a percepção ...tornando o possuidor possuído pela posse possuidora... e, até certo ponto, anestesiando os fenômenos-dor que cedo ou tarde, finalmente, sacudirão a consciência.

Binômio saúde-doença

O conceito de saúde no seu sentido mais amplo e moderno, não se refere a simples ausência de enfermidades; mais do que isso refere-se ao equilíbrio harmonioso das realidades psíquicas, fisiológicas e socioeconômicas. Depreende-se desse conceito que não é possível, por exemplo, ser plenamente saudável fisiologicamente se houver um desequilíbrio psíquico significativo ou um desajuste socioeconômico grave. Depreende-se também que uma enfermidade que atinja com gravidade o fígado do indivíduo fará com que o corpo físico como um todo também adoça, ou seja, não há somente um fígado enfermo, mas sim um indivíduo enfermo.

Cabe ainda refletirmos sobre as origens da enfermidade. Uma disfunção fisiológica em um órgão do corpo físico não surge espontaneamente, por força do acaso, naquele órgão. Houve uma ou várias causas articuladas que manifestaram-se, com maior intensidade, num ponto específico do corpo físico, e a causa original invariavelmente situa-se no comportamento moral. Mesmo quando há, no desequilíbrio fisiológico ou psíquico, uma causa claramente genética, a mesma foi intencionalmente assumida quando da programação reencarnatória, pois deficiências hereditárias não poderiam jamais ser frutos do acaso, que passam despercebidos pela Providência Divina. Há, portanto, uma causa moral que demandou a decisão de uma reencarnação com determinadas limitações físicas, psíquicas ou socioeconômicas que objetivam correções e aprendizados específicos, decorrentes dos desvios morais ocorridos em encarnações anteriores.

O Livro dos Espíritos aborda o aspecto da programação reencarnatória nas questões abaixo:

334. A união da alma com este ou aquele corpo está predestinada, ou no último momento é que se faz a escolha?

– O espírito é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que deseja sofrer, o espírito pede para se encarnar; ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, sabe e vê com antecedência que tal alma se unirá a tal corpo.

335. O espírito tem o direito de escolher o corpo ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?

– Ele pode escolher também o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha nem sempre depende dele, que pode pedi-la.

Mesmo moléstias contagiosas, adquiridas durante o período encarnado, podem ser consequência de um sistema imunológico deficiente, previamente programado no plano espiritual, em consenso com o próprio espírito prestes a reencarnar.

Restam ainda os distúrbios provenientes do desvario moral e da falta de discernimento perpetrados na própria encarnação, que agridem diretamente e imediatamente o precioso talento da saúde integral. Comer e beber em excesso, ingestão de alimentos pouco saudáveis, o uso de drogas, o descuido com os ritmos e dosagens naturais aos quais o aparelho físico-psíquico humano deve harmonizar-se, como o período destinado ao sono e ao descanso, a carga de trabalho adequada, exercícios e atividades físicas, impactam diretamente sobre a saúde integral.

Em resumo, a manifestação da saúde, considerada do seu ponto de vista mais profundo ocorre de acordo com premissas e condições a seguir descritas por Joanna de Ângelis:

Compreende-se que o nobre instrumento corporal, de acordo com a maneira

como é utilizado, experimente alterações compatíveis com o uso, seja do ponto de vista estrutural orgânico, seja de natureza mental ou emocional. Essa tríade que constitui a realidade do ser – mental, emocional e fisiológica – é regida pelo self que, dominado pelo ego sob os impulsos do primarismo, mantendo o desequilíbrio de qualquer natureza abre espaço a disfunções normais, como ocorre com qualquer veículo mal utilizado ou cuja manutenção se faça precária.

Pode-se afirmar que a enfermidade também resulta do natural processo de envelhecimento celular, do desgaste neuronal e do seu contínuo desaparecimento, do enfraquecimento do fluido vital que mantém o equilíbrio geral, anunciando o fenômeno inevitável da morte. Apesar disso, é possível, mesmo com as diversas disfunções e depreciação de forças, manter-se um estado saudável, harmônico, propiciador de alegria e de atividades responsáveis pelo perfeito ajustamento do indivíduo no grupo social.

O aspecto socioeconômico que Joanna de Ângelis inclui como componente integrante da saúde é assim considerado em decorrência de ser a criatura humana gregária por natureza, sendo que, na medida em que evolui, transmuta o instinto gregário, presente até mesmo no ego primitivo, em solidariedade harmoniosa, culminando no puro amor. Não é de forma alguma feliz e saudável o indivíduo que não experimente harmoniosamente no seu cotidiano essa realidade gregária que se manifesta não somente no convívio social e afetivo, mas também no seu aspecto econômico, ou seja, nas relações sociais que colocam o indivíduo inserido no processo coletivo do trabalho humano, na produção de bens materiais e de serviços, necessários à sobrevivência condigna e ao saber-se útil.

Portanto, a inserção do indivíduo numa reencarnação, pressupõe uma posição socioeconômica pré-definida, numa família conturbada ou não, numa situação de pobreza extrema ou de abundância, compondo o cenário específico que cabe àquele espírito no seu processo evolutivo. Essa visão reencarnatória do processo evolutivo explica e dá sentido às desigualdades sociais degradantes impostas por regimes políticos egoicos, às guerras e à violência que permeia o convívio social e a todas as aberrações e tribulações próprias da realidade terrestre. Antes de serem meras contingências da sorte de alguns e do destino trágico de outros, as circunstâncias em que encarnamos configuram-se como escola ideal, elaborada

sob medida para cada alma, que por seu esforço pessoal pode tornar-se aprendiz feliz e saudável, ou, por sua displicência e revolta, enferma e infeliz.

O bem-estar decorrente da saúde provoca o efeito próprio da mesma, animando o indivíduo de forma irresistível à busca de desafios que satisfaçam a natureza do seu espírito que aspira a novas conquistas. Já não lhe basta a mesmice rotineira e entediante da mera sobrevivência ou do comportamento egoico que a essas alturas começa a ser desmascarado mostrando sua natureza fraudulenta, como observa Joanna de Ângelis:

Quase ninguém, que seja portador de normalidade, pode viver indefinidamente na inconsciência de si mesmo. Os mecanismos que regem o corpo e a mente propiciam inevitavelmente o despertar dos interesses para aquilo que já não atende aos hábitos, porque repetitivo, sem sentido psicológico, monótono, despertando o herói adormecido que tem necessidade de ir a um país longínquo, onde as experiências são todas novas e desafiadoras.

É necessário investir os recursos da mente e da emoção – talentos preciosos – aguardando que se multipliquem e ofereçam rendimento de saúde e de paz.

Quando isso não ocorre, a saturação e a indiferença pelos familiares e amigos estabelece-se, levando o indivíduo a patologias delicadas.

Ocorrendo, portanto, a descoberta dos caminhos para a saúde integral e concentrando-se esforços por obtê-la, é inevitável que o self passe a provocar no ego respostas imediatas objetivando manter seu domínio, que passa a ser questionado. A descoberta do self é realmente incompatível com o ego totalitário e dominador e por isso provoca determinados efeitos colaterais como alguns desconfortos emocionais e físicos, que não podem ser considerados doenças, mas resultado das naturais transformações que se vêm operando no mundo íntimo do indivíduo que se conscientiza da realidade. Como o ego é perseverante, pode utilizar-se da circunstância e infundir entusiasmo exagerado,

quase narcisista, no qual a necessidade de buscar-se a tranquilidade da natureza, a meditação, a prece, apresentando-se a tentação de o mesmo converter-se em guia e líder de outros, infelizmente sem a estruturação plena para empreendimento de tal natureza.

A imensa força do self que o indivíduo começa a entrever está, a princípio, impregnada de outras impressões provenientes do inconsciente que se confundem com o mesmo. Até que a filtragem não ocorra de forma plena, a confusão decorrente faz com que o ego possa apropriar-se ilusoriamente dessa força descomunal – o self – considerando-a como sua, como um poder sobrenatural de efeitos mágicos que o mesmo passa a possuir. A essa apropriação aparente por parte do ego, Jung denomina personalidade-mana, expressão derivada da antropologia, e que pode ser traduzida coloquialmente como personalidade mágica.

Sendo a personalidade-mana caracteristicamente uma distorção provocada pelo ego, a mesma deve ser tratada pelo crivo do discernimento que além de desmascarar o ego deve reconhecer a existência dessa energia que necessita ser orientada de forma consciente e construtiva, desobstruindo o conflito que se instalou. A criatividade surge, quase que inevitavelmente, como uma solução para a canalização saudável dessa energia fantástica. A arte, por exemplo, é frequentemente carregada de impressões sublimadas e transcendentais próprias do self.

Capítulo 8

A busca do significado

A expressão do self na arte

AINDA QUE SÓ SUTILMENTE abraçado pelo consciente, o self faz-se presente na psique humana, e na sua infinita sabedoria expressa-se de forma subliminar, induzindo o indivíduo à descoberta gradativa do infinito e do sentido supremo da vida. Ao vislumbrar o self e sua infinitude há o desejo incontido de perscrutá-lo e expressá-lo, entretanto, por ser uma realidade transcendente, muito além da mera lógica do ego, o mesmo expressa-se com auxílio da arte que por sua própria natureza vai além dos limites da lógica e do intelecto.

Assim, toda expressão artística, desde os tempos primitivos da evolução humana, traz consigo, já nas pinturas rupestres, a ânsia incontida de desenvolver a consciência, de conhecer o universo que o cerca e de comunicar-se. O próprio conceito de beleza e percepção do belo são indicadores históricos da evolução do espírito humano. Quando o ser humano, no despertar na sua consciência, pela primeira vez encantou-se ao observar a harmonia das formas e das cores numa flor, já percebia de forma primitiva, porém concreta, a magnitude indefinida e incalculável do self.

Quando, a partir da idade moderna, a arte deixa de ser uma mera reprodução da beleza percebida na natureza para ser uma manifestação da liberdade e da criatividade do gênero humano, as impressões do inconsciente encontram uma via de expressão não somente da beleza indefinida e infinita do self, mas também dos conflitos internos deste com o ego grotesco. Abre-se assim uma possibilidade concreta de exteriorizarem-se conteúdos inconscientes e até mesmo conscientes, que vão muito além dos limites habituais da busca da sobrevivência segura e do prazer sensorial.

Assim entendida, a arte passa a ter um papel terapêutico e construtivo da evolução humana exortando o artista e o observador da obra ao enfrentamento com o inconsciente, como bem define Joanna de Ângelis:

Graças a essa aventura em direção ao interior, ao inconsciente, a arte se transformou em um fenômeno místico, quase religioso pelo seu significado libertador, sem qualquer vínculo com denominação, mas dirigido à imensidão do Cosmo e da vida. [...]

O observador consciente e sincero, diante de alguma dessas expressões que romperam com o tradicional, identifica-se além da forma, em mensagens subliminais ou diretas, auxiliando-o a melhor entender-se, decifrar-se, em face dos padrões que o limitavam e lhe dificultavam a autocompreensão, atormentando-o e alienando-o. [...]

Costuma-se dizer que a maioria das pinturas da arte contemporânea, expressa angústia, dor, sofrimento, discórdia, luta, o que, de certo modo, é verdade, porquanto, representa a visão da jornada longa da evolução e reflete a realidade existencial, muitas vezes disfarçada pela hipocrisia ou oculta pelos denominados multiplicadores de opinião.

São exemplos clássicos dessa arte contemporânea a obra Guernica na qual o pintor espanhol Pablo Picasso retrata, de forma subliminar, a tragédia da guerra e da destruição implacável de uma cidade num bombardeio aéreo, assim como a obra O Grito na qual pintor norueguês Edvard Munch expressa a angústia e o tormento presentes nas almas em conflito.

Há nessas expressões artísticas o registro da luta entre a força transcendente da alma humana e o poder escravizante do ego animal.

O bem e o mal

Desde o início do desenvolvimento da consciência humana, a ideia do bem e do mal e da eterna luta entre os mesmos permeou todo o imaginário, todas as culturas, mitos e crenças religiosas. A tendência de personificar o bem e o mal como forças autônomas e independentes que se digladiam pelo domínio das almas humanas, tem origem ancestral e permanecem como lembranças, no inconsciente coletivo, do alvorecer da consciência humana, quando eventos físicos como tempestades, secas e demais ameaças do meio ambiente podiam atingir cruelmente a sobrevivência física do clã primitivo, ou ao contrário trazer benesses de caça abundante, colheitas generosas e clima agradável. A total incompreensão da origem desses fenômenos e a importância dos seus efeitos induziram nossos ancestrais à construção de mitos e alegorias para explicá-los, proporcionando a sensação de que, através de rituais e cerimônias, os mesmos poderiam ser minimizados ou evitados. Nesse contexto, os deuses poderosos que controlavam a natureza e a sorte poderiam ser benevolentes em troca de oferendas e sacrifícios.

As sequelas dessas estruturas mentais permanecem até hoje no inconsciente coletivo confundindo o discernimento humano que, ainda ligado à ideia do sacrifício como ferramenta útil, mantém vivos os mitos de deuses do bem e do mal, rotulando também como boas ou más, todas as ocorrências e fatos da vida cotidiana.

O que significa, porém, o bem? Tudo aquilo que contribui em favor da vida, do seu desenvolvimento ético e moral, a sua construção edificante e propiciadora de satisfações emocionais, é considerado como o bem. Necessário, no entanto, evitar confundir o de natureza física com a emoção de harmonia, de equilíbrio interior, de felicidade que se adquire por meio de pensamentos, palavras e ações dignificantes, não geradoras de culpa.

O mal, por sua vez, é tudo quanto gera aflição, que se transforma em problema, que trabalha pelo prejuízo de outrem e do grupo social, levando ao desconforto moral, à destruição... Entretanto, do ponto de vista educacional, se for observada criteriosamente essa ocorrência, poder-se-á constatar que muito mal de determinado momento, administrado corretamente pode transformar-se em grande bem. Por outro lado, o que pode parecer um mal para determinado indivíduo, proporciona-lhe o despertar da consciência, o caminho que o levará ao autodescobrimento.

A dificuldade, muitas vezes, em diferenciar-se no íntimo o que é bem e o que é mal, dá origem à sombra, que também tem raízes no ego dominador e arbitrário.

Portanto, não oferecer resistência aflitiva aos fatos consumados e circunstâncias inexoráveis da vida, é discernimento maduro e fonte de serenidade; e qualquer fato que tenha a aparência de mal pode, a partir da postura assumida pelo indivíduo, ser fonte de aprendizado evolutivo.

O Livro dos Espíritos aborda esse tema na questão 630:

– Como se distingue o bem do mal?

– O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.

Segundo esse ensinamento dos espíritos superiores, não há mal externo que possa atingir a alma humana. Todo mal possível só pode acontecer dentro do seu próprio coração, em consequência da inobservância deliberada da lei de Deus. Vale acrescentar ainda que Deus na Sua onipotência, sabedoria e amor infinitos, não permitiria jamais que algum mal real atingisse Seus filhos por mero acaso ou

por obra do azar. Tudo que chega até a criatura foi permitido pela Providência Divina, e por isso, ainda que não pareça, é sempre uma bênção amorosa. Mesmo o mal que nasce da não observância da lei de Deus, trará ao coração que erra, pelos sofrimentos decorrentes, a experiência e a consciência do erro, o que, em última instância, significa aprendizado e evolução.

O eminente Sigmund Freud, ao desvendar aspectos da psique humana constatou que os desejos, motivações e sentimentos que compõem os impulsos dominadores, uma vez tidos como males vergonhosos, indesejados e aviltantes, provocam o fenômeno psíquico da transferência ou projeção, ou seja, o indivíduo atribui e transfere a terceiros tudo aquilo que considera repugnante em si próprio, livrando-se assim, num mecanismo inconsciente, da vergonha e da humilhação que o atingiriam.

Ocorre que nessa transferência, que pode ser coletiva, classifica-se como mal indesejável e passível de ataques, tudo aquilo que foi transferido para o outro, considerando-se que o outro pode ser uma pessoa determinada ou um grupo, sempre identificados como demoníacos e contra os quais todas as armas e formas de aniquilamento podem e devem ser utilizadas. É o mal personificado nos outros, contra o bem personificado em quem faz a projeção. É em suma a justificativa insana para a estupidez de guerras e conflitos sociais sem fim.

Ironicamente, quem se arma contra alguma coisa utiliza-se do mal para combater o mal. O apóstolo Paulo por sua vez aconselha: Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem. (Rom. 12-21). A exortação de Paulo inverte terapêuticamente a insanidade da projeção, neutralizando o azedume da sombra e restabelecendo o equilíbrio emocional do indivíduo e do grupo social.

Vencer o mal com o bem, na prática, supõe reconhecer que temos instintos e impulsos primitivos que persistem ainda em nossa psique e que os mesmos devem ser tratados com o discernimento necessário para gerar providências compatíveis. Assim como a lagarta abandona o casulo que até então lhe foi útil, para transmutar-se em borboleta, devemos fazer o exercício constante de reconhecermos a existência do casulo primitivo dos instintos que nos serviu de proteção, abandonando-o sem julgá-lo ou renegá-lo, conscientes de que estamos simplesmente evoluindo para um estágio em que o mesmo não nos tem mais serventia.

Considerar que o outro esteja ainda envolvido pelo domínio desses instintos é

suposição inútil, pois não temos responsabilidade ou poder de ingerência sobre os mesmos, além do que, seria impossível confrontar ou burilar instintos alheios combatendo-os ou doutrinando-os. Instintos são por natureza desprovidos de discernimento e de valores éticos ou morais; instintos não têm convicções, opiniões ou princípios; instintos não ponderam e não tomam partido; instintos não são do bem nem são do mal; instintos são imutáveis em si, ou seja, não evoluem, não retrocedem e não se alteram, simplesmente existem na essência da sua natureza, por isso não podemos burilá-los, nem em nós mesmos e muito menos nos outros. Compete-nos simplesmente neutralizá-los conscientizando-nos de sua natureza e não delegando aos mesmos, poder de decisão. É muito útil ainda termos sempre presente que os instintos, por mais primitivos que se apresentem, são traços da criação divina, e como tal partícipes da Sabedoria Infinita que os criou.

Em contrapartida, o discernimento humano é essencialmente mutável e evolui, adquire princípios, valores e convicções, porém sua interação com os instintos somente é possível no controle do comportamento, ou seja, no sentido de comportar ou não, a atuação dos instintos.

Jesus, que nunca abandonou os que o procuram com o coração sincero de aprendizes, ensina:

O reino dos céus é como um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e se foi. Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: “O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?”

“Um inimigo fez isso”, respondeu ele. Os servos lhe perguntaram: “O senhor quer que vamos tirá-lo?” Ele respondeu: “Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderão arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro”.

Mateus 13:24-30

Essa lição abrange toda a questão da dialética do bem e do mal na sua dimensão prática e moral, evidenciando a inconveniência de precipitações e julgamentos tempestivos e a sabedoria de não resistir-se ao inevitável, aguardando a oportunidade adequada para agir com discernimento. Joanna de Ângelis comenta o ensinamento do mestre como segue:

Jesus, o incomum psicoterapeuta, utilizou-se de uma bela imagem para essa dualidade quando se referiu ao joio e ao trigo, portanto, àquilo que é danoso na seara e o que é benéfico, porque fomentador de vida. Ao mesmo tempo, propôs que não se resistisse ao mal, ao que equivale dizer, que através da ação cordial e perseverante, sem entrar em oposição ao pernicioso, consegue-se a situação ideal, a vitória sobre o que é prejudicial.

Permitir que o ódio pelos que cometeram atos maus instale-se no coração, praticando atos de vingança ou alimentando o rancor, é exemplo de ataque em nome do bem, ou ainda, de ataque a tudo aquilo que contribui em favor da vida, do seu desenvolvimento ético e moral em nome do bem, gerando aflição, que se transforma em problema, que trabalha pelo prejuízo de outrem e do grupo social, levando ao desconforto moral, à destruição... Para arrancar-se o joio, destrói-se o trigo.

É necessário ainda lembrarmos de que não fazer o bem constitui um tremendo mal, não bastando, portanto, apenas deixar-se de o mal praticar... Talvez seja esse o mal mais frequentemente praticado; o tremendo mal da omissão e da indiferença, o mal dos talentos enterrados e da ignorância consentida, por não haver o esforço mínimo de conhecer a vontade divina em relação à nossa jornada evolutiva. Na época em que vivemos, a responsabilidade por essa omissão apresenta-se mais grave e comprometedora, uma vez que o acesso às informações de qualquer espécie é pleno e facilitado, e a oportunidade

de servir ao próximo apresenta-se a cada esquina. Temos a doutrina dos espíritos amplamente divulgada, comentada, esclarecida e disponível e o terceiro milênio diminuiu drasticamente as restrições de acesso às pesquisas.

Na questão 909 de O Livro dos Espíritos, percebe-se, de forma inquietante, a responsabilidade de cada alma na prática do bem:

– O homem poderia sempre vencer suas más tendências pelos seus esforços?

– Sim, e algumas vezes, por fracos esforços. É a vontade que lhe falta. Ah! quão poucos dentre vos fazem esforços!

Finalmente, o critério mais simples e mais sábio, posto que nos indica a diferença essencial entre a prática do bem e a do mal, além de exortar-nos ao cultivo da caridade, é o estabelecido por Jesus:

Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.

Mateus 7:12

Os sofrimentos no mundo

A questão do sofrimento humano sempre foi repleta de interpretações e significados divergentes. A existência do sofrimento em todas as épocas e em todos os povos é incontestável, contudo, a experiência individual a esse respeito é tema a ser tratado e refletido com especial atenção, posto que o sofrimento nunca é um fenômeno com abrangência limitada ao corpo físico ou ao campo moral. Ainda que uma dor física, por exemplo, possa ser interpretada como sofrimento, a mesma, em decorrência das ligações com a dimensão moral e a espiritual, pode ser percebida como isenta de sofrimento. O mesmo ocorre com a dor moral que depende, antes de tudo, da postura do espírito para que possa existir como tal, ou seja, a dor ou sofrimento moral só existe dentro de circunstâncias evolutivas específicas. Uma alma que tenha atingido determinado grau evolutivo, mesmo encarnada, estará isenta de sofrimentos morais e, por ação do superconsciente, até mesmo da dor física.

Não nos é dado ainda, na crosta terrestre, conhecer em profundidade, mesmo no meio científico, o significado e o papel do superconsciente, todavia, o espírito André Luiz nos revela na sua obra, No mundo maior, psicografada por Francisco Cândido Xavier, que o mesmo contém materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre do nosso organismo divino em evolução e mais adiante, que nele temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que nos cumpre atingir. É certo, entretanto, que o superconsciente na medida em que vai sendo conquistado em nosso esforço de ascensão, nos traz, dentre muitas outras coisas, o domínio gradual da psique e do corpo físico, e por consequência, a extinção do sofrimento e da dor.

A essência e o sentido último de todo sofrimento é educativa ou, em outras palavras, é proporcionar experiências de aprendizado no sentido moral, psíquico e espiritual. É visível a maturidade e serenidade experimentada pela alma que superou sofrimentos. Todo aturdimiento suportado, transforma-se em serenidade na proporção em que consegue despojar-se dos resquícios últimos de revolta, mágoa, medo e melancolia. Nessa percepção reside grande parte dos conteúdos

aprendidos, faltando acrescentar ao mesmo a compreensão dos reais motivos que provocaram o que então foi tido como sofrimento. Verifica-se, depois de muito trabalho, que os sofrimentos não são provocados por agressores externos, mas pela interpretação distorcida e primitiva de fatos que o ego entende como ameaças. A repetição exaustiva desse enredo e a constatação, igualmente repetitiva, de que há nele uma farsa engendrada pelo ego, vai desgastando o caráter negativo e debilitante do mesmo, trazendo à psique maior discernimento e racionalidade. Descobre-se, por fim, que o sofrimento nada mais é que uma mentira sórdida. Trata-se, pois, de saber lidar com os fatos antes de rotulá-los como sofrimento.

Quando se sabe encarar o sofrimento como uma necessidade de entendimento do ego com todas as suas máscaras, inclusive a do bem aparente, o trágico e o desvalimento transformam-se em alicerce para a construção da realidade humana, no seu sentido divino e transcendente, porque o ser, em si mesmo, é indestrutível, é imortal.

Como valioso contributo para a vitória nesse teste da evolução, a prece, que significa a comunicação com Deus através do pensamento otimista e confiante, proporciona a captação de energias poderosas que dão resistência para as lutas transitórias que se encarregam de eliminar as sucessivas camadas de primitivismo, de paixões asselvajadas em predomínio, diluindo-as até o cerne...

Os sofrimentos, portanto, no mundo, são portadores de variada conceituação, de significados específicos e próprios, dependendo daqueles indivíduos que os experimentam, tornando-se grande mal para uns e superior bem para outros.

Estranham-se, muitas vezes, as resistências morais de que são portadores determinados indivíduos que, postos a provas de sofrimentos inenarráveis, permanecem tranquilos e estoicos...

Descartado o sofrimento, o que resta na jornada de uma alma é a sucessão de fatos que permanecem representando experiências de aprendizado, porém, sem esse fardo angustiante, as mesmas abrem mais oportunidades para ações proativas e positivas em substituição aos impulsos reativos de mera repulsa ao sofrimento e à dor. As descobertas pessoais e o respectivo entendimento de traços da alma humana e do Universo tornam-se assim mais frequentes e amplos. Por consequência multiplicam-se os exercícios, no início tímidos e desajeitados, de vivência prática dessas descobertas, como a caridade, o autoenfrentamento e a sobriedade da observação dos fatos sem a interferência ruidosa do sofrimento. A caminhada evolutiva torna-se mais leve, prazerosa e produtiva.

Todavia, a concepção de um deus primitivo e antropomórfico, já vista anteriormente, tende a alimentar a permanência do sofrimento no coração dos homens. A relação do indivíduo com esse deus humanizado é pautada por regras igualmente primitivas; a ele, poderoso e miraculoso, cabe a solução dos problemas pessoais e coletivos da humanidade, em troca de obediência, reconhecimento e gratidão.

Claro que essa relação está fadada a uma crise, que se instalará e trará amadurecimento. Chegará o momento, ou os momentos, em que o indivíduo considerar-se-á não ouvido ou não atendido. Interrogar-se-á onde está esse Deus tão bom e poderoso que não o socorre e questionará, em muitos casos, se Ele realmente existe.

A evolução para uma visão de Deus mais amadurecida, é comentada por Joanna de Ângelis:

A fé religiosa saudável, bem direcionada, também adquire e oferece significado à existência humana, emulando o crente ao prosseguimento dos compromissos que abraça, dignificando-se com os esforços que empreende para ser sempre melhor e numinoso como resultado das disposições internas voltadas para a felicidade.

Os indivíduos dúbios, imaturos psicologicamente, encontram-se despreparados para o sofrimento, sempre esperando que a solução venha do exterior, de outrem,

permanecendo na mesma dependência em que transcorre a sua existência, sem o esforço pessoal para a aquisição da consciência lúcida e produtiva.

À medida, portanto, que sejam adquiridas a consciência de si, a compreensão do significado existencial, o dever de superar a sombra após aceitá-la, o sofrimento cede lugar ao estágio de harmonia propiciadora de individuação.

Jesus socorreu, enquanto encarnado, aflitos e estropiados de toda espécie, imprimindo sempre no gesto de socorro, a exortação para que o próprio assistido colaborasse no seu processo de recuperação, por isso sempre interrogava: Crês que eu posso te curar? ou Queres que eu te cure? A ação da vontade própria tem, em decorrência de leis naturais, poderes imensos na transformação e na regeneração física e psíquica. A própria neurologia moderna identificou que a postura da vontade induz o organismo humano a produzir substâncias (neuropeptídios e neurocomunicadores) que refazem a saúde integral e tornam o indivíduo receptivo às forças regeneradoras provenientes do Universo.

A individuação

O conceito junguiano de individuação, já tratado anteriormente, tem papel fundamental na busca do significado existencial. Cabe compreendermos melhor ou aprofundarmos alguns aspectos do mesmo, objetivando o sucesso da nossa viagem interna.

Existem características profundas e verdadeiras de cada indivíduo que compreendem o si-mesmo, ou seja, o que o mesmo tem de original, verdadeiro e autêntico, sem as contaminações do inconsciente coletivo e sem as manipulações distorcidas do ego. É nessa pureza que o self, enquanto a expressão da divindade interna no ser humano realiza-se e manifesta-se.

O cultivo dedicado de purificação do si-mesmo, desembaraçando-o de tudo que não o compõe, permite uma manifestação mais ampla do self, e é ao resultado desse esforço contínuo que Jung denomina individuação. Podemos dizer, portanto, que a individuação é o movimento voluntário e laborioso de colocar o si-mesmo, purificado e íntegro, à disposição do self infinito.

Já no Antigo Testamento percebe-se o sentido, ainda que intuitivo, e por vezes simbólico, da individuação e do self. O salmo 24 (1 a 4), por exemplo, refere-se ao caráter universal e criador do self e às condições propícias para a individuação:

Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem; pois foi ele quem fundou-a sobre os mares e firmou-a sobre as águas.

Quem poderá subir o monte do Senhor? Quem poderá entrar no seu Santo Lugar?

Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro, que não recorre aos ídolos nem jura por deuses falsos.

Subir o monte do Senhor e entrar no seu Santo Lugar, comungando assim com a intimidade do self, só é possível com as mãos limpas e o coração purificado.

É comum às culturas humanas o conceito de coração como sendo a sede dos sentimentos, das emoções, dos desejos e da vontade. Há fundamentos sólidos nessa ideia, respaldados não só na experiência vivida de sentir-se no peito as ocorrências afetivas e emocionais, mas também na ciência, que atribui inúmeras cardiopatias às causas emocionais. O chacra cardíaco ligado ao coração é milenarmente conhecido, nas culturas orientais, como canal das energias provenientes dos sentimentos e emoções. Desse modo, ter o coração puro, significa estarmos livres da carga emocional negativa gerada pelos instintos primitivos e apelos constantes do ego imaturo, que sempre se porta como um deus falso.

Buscar a individuação é um movimento interno que requer também o desprendimento seguro dos ditames externos da sociedade. Modismos e hábitos sociais distorcidos, que ultrapassam o discernimento e o bom-senso, podem gerar as máscaras rígidas que descaracterizam a identidade legítima do indivíduo. Não há individualidade verdadeira se o si-mesmo for constantemente preterido em função do modismo desmedido ou do padrão social estabelecido e imposto como condição obrigatória para uma imagem estereotipada de pessoa bem-sucedida.

Os eflúvios de paz, serenidade e plenitude decorrentes da individuação são profundos e indescritíveis, entretanto Joanna de Ângelis nos faz um alerta:

No conceito junguiano, a individuação plena e total não pode ser conseguida, por motivos óbvios, em face da sua transcendência à consciência, o que significa a momentânea impossibilidade de o espírito alcançar os horizontes infinitos da perfeição, somente pertencente a Deus.

Dentro desses limites que lhe dizem respeito, a plenitude significa um estado de iluminação e de paz, não de conquista absoluta, na relatividade do seu processo evolutivo.

Essa compreensão é útil para que a alma que experimenta os primeiros passos da individuação não seja tentada pela autopresunção de desejar tornar-se um super-homem, conforme sonhado por Friedrich Nietzsche... o que pode ocorrer pelo aspecto inusitado e relativamente intenso das experiências vividas.

Embora a experiência de alcançar o self seja específica e individual, há nela um caráter coletivo decorrente da própria natureza solidária e amorosa do self. Essa natureza amorosa indica-nos um possível atalho para a individuação no sentido de acelerar a experiência através da percepção e valorização de aspectos gratificantes da mesma. Ao vivenciar, na prática, os princípios comportamentais básicos da ética e da moral, o indivíduo transpõe o entendimento intelectual e teórico da psique humana, tocando o corpo sagrado do self de forma simples e humilde, porém incisiva. A conquista de virtudes morais e a eliminação de hábitos viciosos é decorrente do esforço contínuo, mas a motivação que leva a alma a optar por esse caminho é simples e baseia-se unicamente na decisão honesta e determinada de aprimorar-se e de buscar o convívio harmonioso com o próximo, seja ele quem for.

Tal decisão açambarca consequências inimagináveis na psique, na alma, e conseqüentemente, no panorama existencial do indivíduo. Claro que haverá dificuldades a serem superadas por conta dos hábitos anteriores. Entretanto, se a decisão for verdadeira e os esforços constantes, transformações significativas acontecerão na alma, na psique e na saúde física, ainda que se esteja distante das metas. É uma experiência ao alcance de todos e os resultados são gratificantes.

Quando se opta com determinação por viver a honestidade, defronta-se imediatamente com as seguintes conseqüências: Muitas máscaras tendem a cair ou harmonizam-se conscientemente. Máscaras são desnecessárias quando, honestamente e abertamente, se assume estar desempenhando, dentro das relações sociais, uma função útil e válida. Os erros e limitações involuntários, por serem honestamente assumidos não são sombras, mas imperfeições a serem corrigidos. Ficam dessa forma mais evidentes as influências dos instintos que, expressamente tenta-se domar. Nada a ocultar, nenhuma mentira a ser

engendrada! Somente um coração, humilde, por saber-se ainda portador de instintos e de um ego imaturo que ainda não foram totalmente domados, mas ao mesmo tempo puro, sereno, feliz e seguro por ser o que é, ou seja, por estar consciente do si-mesmo e na sintonia do self.

Muitos espíritos assim determinados percorreram e percorrem a Terra, muitas vezes aclamados, outras condenados e na maior parte das vezes sem os alardes da fama, mas invariavelmente refletindo fagulhas do self infinito.

Há, entretanto, um fenômeno decorrente do reconhecimento dos conteúdos do inconsciente que por estarem repletos de posturas cruéis e perturbadoras, vividas, presenciadas e consentidas por todas as almas em evolução, causam, em determinado momento a angústia, a rejeição de si mesmo, a surpresa com os significados mórbidos e perversos, vulgares e destituídos de sentimento que se encontravam adormecidos, podendo produzir alguns transtornos neuróticos... No entanto, perseverando-se no objetivo, passa-se a outro nível do inconsciente, com diferentes conteúdos amenos e estimulantes. Superada essa fase, colhem-se os frutos da saúde, da alegria e da serenidade.

Ainda que a individuação, pela lei da evolução seja inexorável, sua concretização no tempo é fruto da iniciativa voluntária de cada indivíduo, com a condição de ter-se galgado os degraus evolutivos que necessariamente a precedem. Entretanto, a coletividade humana ainda padece pela sonolência da maioria em relação ao autoenfrentamento e ao desertar do self. A harmonia dos indivíduos da sociedade, considerando-se todos os seus aspectos, aguarda esse despertar, e enquanto tal não ocorre prolifera-se a neurose moderna decorrente da somatória de milhões de almas transtornadas em busca de si mesmas.

Esse tipo de transtorno neurótico expressa-se em forma de ansiedade, de insatisfação, de frustração, de desconfiança e de solidão, asfixiando os mais belos ideais da humanidade intelectualizada, tecnologicamente rica e profundamente infeliz em seu sentimento pessoal.

Os efeitos imediatos são as depressões bipolares na área da afetividade, a síndrome do pânico, as fugas hediondas pelo suicídio, pelo homicídio, as opções

tormentosas pela violência, pelo estupro, pelo esdrúxulo e primitivo no comportamento para chamar a atenção, em face do desprezo que as suas vítimas sentem por si mesmas. Ante a impossibilidade de considerar a sua valorização pelos significados nobres, assume as agressivas posturas que lhes atendem ao desconforto interior, tornando-se temíveis, por saber que não são amadas, em carência profunda e em estado de infância abandonada...

Desse modo, a busca da individuação é também a maneira psicológica de encontrar-se o melhor meio para o bom relacionamento com o si-mesmo, com o outro, com a sociedade.

Nessas palavras, Joanna de Ângelis descortina as causas profundas do triste cenário que todos testemunhamos no mundo contemporâneo, quase sempre sem nos darmos conta das mesmas.

Capítulo 9

Busca interior

Identificando o inconsciente

COMO JÁ VIMOS NO início desta obra, o inconsciente motiva a maior parte dos nossos atos e comportamentos, sem a interferência da consciência lúcida, o que equivale a dizer que desconhecemos a maior parte das verdadeiras motivações responsáveis pelas nossas decisões, escolhas e posturas e nisso reside, em grande parte, as causas dos nossos conflitos e sofrimentos.

Apesar de há muito tempo já ter sido objeto de estudos, o conceito de inconsciente foi, aprofundado e ampliado pelo fundador da psicologia analítica, ressaltando-se que a mesma esbarrou em aspectos já anteriormente tratados e revelados pela doutrina dos espíritos, tais como, memória de encarnações passadas, mediunidade, manifestações e materializações de espíritos, etc. Com referência a esses estudos e reflexões, Joanna de Ângelis resgata-nos as seguintes declarações do próprio Jung:

Se, de um lado, nossas faculdades críticas duvidam de todo caso individual de aspecto espírita, somos, contudo, incapazes de demonstrar um caso sequer da não existência de espíritos.

Devemos, por esse motivo, limitar-nos, a esse respeito, a julgamento “non liquet”, ou seja, não está claro, a coisa oferece dúvida, não está bem esclarecida, há necessidade de maiores informações.

Noutra oportunidade, escreveu:

Embora eu nunca tenha feito qualquer notável pesquisa original nesse campo

(psíquico), não hesito em declarar que observei uma quantidade suficiente de tais fenômenos (participando, então, das surpreendentes pesquisas do barão Albert Schrenck-Notzing), que me convenceram inteiramente de sua realidade.

O barão Albert Schrenck-Notzing foi um médico psiquiatra e parapsicólogo alemão, contemporâneo de Jung, que notabilizou-se por suas pesquisas acerca dos fenômenos paranormais e hipnotismo. Investigou médiuns famosos da época como Willi Schneider, Rudi Schneider e Eva Carriére.

Apesar de Jung ter focado sua pesquisa na alçada da psique humana e na construção da psicologia analítica, pela seriedade e profundidade do seu trabalho, foi inevitável que o mesmo tocasse em realidades que ultrapassam o mundo físico e que ficaram expostas ao seu esforço investigativo. A esse respeito Joanna de Ângelis comenta:

O ser humano é, desse modo, muito mais complexo do que a dualidade psique-corpo, mente-matéria, nele se encontrando o espírito imortal e o seu envoltório perispiritual encarregado da modelagem das formas físicas nas multifárias reencarnações.

Mediante a visão espiritual do ser, muitos conceitos junguianos encontram confirmação de alto significado, por estarem centrados na realidade subjetiva expressa por intermédio da vasta fenomenologia mediúnica e pela conjuntura de ser o indivíduo possuidor de recursos não próprios, que se lhe associam mediante o intercâmbio com outros seres desencarnados que o cercam e que fazem parte do seu comportamento psíquico, emocional e físico.

A busca interior não se pode deter na periferia da realidade física, mas penetrar no cerne do ser e das suas faculdades, ampliando o elenco de realizações com a visão do indivíduo indimensional, o self com os seus atributos divinos.

Dessa forma, considerando os conhecimentos que nos foram trazidos pela doutrina dos espíritos, revelada e codificada pelo trabalho hercúleo de Allan Kardec, as influências advindas do inconsciente com todos os seus efeitos perturbadores, ocorrem a partir da somatória das incontáveis lembranças que incluem encarnações passadas. É notável a frequência com que, nos procedimentos psicoterapêuticos de regressão da memória, lembranças perturbadoras de fatos ocorridos em vidas passadas ressurgem vigorosas e possibilitam ao terapeuta a oportunidade de, em conjunto com o paciente, diluir o objeto do desequilíbrio. Há também muito aprendizado nobre e edificante nos arquivos, que embasam e impulsionam a evolução do espírito, ainda que as experiências que o construíram fiquem temporariamente veladas. Tendências, sentimentos e aptidões, positivas ou negativas, na maior parte das vezes têm raízes em existências passadas.

A penetração no inconsciente, tornando conscientes suas manifestações significativas, possibilitando o cultivo das que forem construtivas e a diluição das que forem nefastas, é portanto necessária à conquista do equilíbrio e da saúde integral. Se os processos terapêuticos dirigidos por especialistas constituem caminhos possíveis de êxito, há também, ao alcance de todos, a possibilidade de esforços pessoais como a reflexão e o franco autoenfrentamento com tudo que evoca perturbação assim como a prece dirigida à espiritualidade superior, as leituras esclarecedoras inspiradas por essa espiritualidade, os exercícios de meditação, e todos os recursos sublimes que inspirem paz, harmonia e bem-estar, tipicamente provenientes do self, pois enquanto o inconsciente permaneça ignorado pelo ego, que se atribui a capacidade de impor-se ao self, na tormentosa ambição do poder e do prazer, serão liberadas impressões destrutivas, porque tormentosas, insustentáveis.

A ideia de integração do eixo ego-self amplamente abordada nesta obra, fica íntegra com o entendimento da realidade espiritual reencarnacionista, que verdadeiramente situa a psique humana no contexto físico transitório que a mesma ocupa, acumulando e herdando experiências que retrocedem a eras distantes.

Fé e religião

Edmund Burke, filósofo, advogado, político e escritor anglo-irlandês (1729-1797) afirmava que “O homem é por natureza um animal religioso”. Há realmente uma crença universal em Deus. Praticamente todas as civilizações de todas as épocas guardam na sua cultura a crença em Deus, independentemente do nome que se Lhe dê ou da forma como se O compreenda e a psicologia analítica identificou essa crença natural como a expressão do self na existência humana. Joanna de Ângelis, entretanto, distingui essa “religião natural” da religião que foi aprendida, esclarecendo que nessa última interferem fatores educacionais, familiares e sociais que acrescentam à mesma, desde a infância, alegorias e acessórios frequentemente carregados de ameaças, punições e terror, porém, à medida que a razão e o discernimento substituem a ignorância e a ingenuidade, os conflitos que surgem também entram em confronto com a conduta religiosa, especialmente se é castradora, imposta, ou se tem o caráter policialesco de vigiar todos os passos com ameaças de punição.

Após a idade média, com o início das primeiras ciências ditas racionalistas, os choques destas com as doutrinas religiosas vigentes foram constantes, até que no final do século XX, em decorrência do próprio esforço e desprendimento ideológico de cientistas e pensadores, a investigação imparcial de fenômenos que fugiam à compreensão científica e filosófica, criou as condições mínimas para que o mundo espiritual passasse a ser considerado como possibilidade real e objeto da pesquisa científica convencional. Dessa forma, na atualidade:

[...] Neurocientistas e astrofísicos, matemáticos e biólogos, psicólogos e psiquiatras, assim como outros profissionais dos diferentes ramos do conhecimento científico têm defrontado a realidade transpessoal e adotado comportamento compatível com a filosofia imortalista, como a mais avançada conclusão das suas experiências nos campos de trabalho nos quais operam.

Até mesmo os fenômenos mediúnicos, descritos por Kardec em meados do século XIX, depois de vencerem mais de um século de mistificações, superstições e preconceitos passaram a ser objetos de estudo e pesquisas sérias, muito embora vultos de renome no meio científico e acadêmico mundial, contemporâneos de Kardec, já houvessem atestado e comprovado, dentro do melhor rigor da metodologia científica, a existência da alma e da sua comunicação com os vivos. Entre eles destacam-se: William Crookes (1832-1919), Camille Flammarion (1842-1925), Charles Robert Richet (1850-1935) Prêmio Nobel de medicina em 1913, Léon Denis (1846-1927) e Ernesto Bozzano (1862-1943).

Mais recentemente mentes brilhantes debruçam-se sobre temas antes tratados somente dentro da competência religiosa. Amit Goswami, por exemplo, Ph. D. em física quântica pela Universidade de Calcutá, Índia, conferencista de renome mundial e professor emérito do departamento de Física da Universidade de Oregon, EUA, desenvolveu uma explicação científica, com base na física quântica, não só para a imortalidade da alma, como também para a reencarnação. (Tema tratado na obra, A física da alma, título original, Physics of the soul – Goswami, Amit – 2001).

O próprio Jung, quando viajava de Zurique (Suíça), onde residia, para cidades da Itália onde nunca havia estado em sua existência atual, visualizava-as como se as conhecesse, confirmando depois a exatidão de suas visões. Esses fenômenos muito o surpreenderam, assim como o sonho-visão que teve, referente à uma onda gigantesca que destruiria a Europa, o que posteriormente confirmou-se pelo evento horrendo da Grande Guerra Mundial que, de fato, arrasou boa parte da Europa. São claramente eventos paranormais e/ou mediúnicos que transcendiam o que a psiquiatria de então contemplava como episódios passíveis de investigação séria.

Assim características da alma imortal e da realidade espiritual são questões inseridas no contexto cotidiano da ciência contemporânea, e uma das contribuições mais recentes refere-se à influência regeneradora e vitalizadora que provém do espírito e da fé religiosa sobre a saúde física e psíquica. A maioria dos profissionais da saúde, mais do que nunca, consideram imprescindíveis os pressupostos do espírito e da fé, na cura e na manutenção da qualidade de vida dos pacientes, pois pela mera observação empírica é sabido que quando se crê, todo o organismo atende aos impulsos da psique e responde de maneira eficaz, produzindo recursos propiciatórios à sua realização.

Mesmo considerando-se o conceito mais amplo de saúde integral, que como já vimos abrangem a realização afetiva, social e econômica do indivíduo, a fé é fundamental como afirma Joanna de Ângelis:

Graças à fé natural, desenvolvem-se as aptidões humanas e os projetos desenhados para a existência transformam-se em realidade, porquanto os estímulos e a fortaleza que dela se derivam, proporcionam os meios para o prosseguimento nos tentames até quando concluídos.

A fé é portadora de força tão excepcional, que muitas vezes o indivíduo que tem um objetivo luta contra tudo que se lhe opõe, vence os impedimentos com a certeza de que é viável o que deseja e que conseguirá.

Jesus, a partir de sua sabedoria infinita, afirmou que:

Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível.

Mateus: 17 a 20

Na profundidade que sempre imprimiu em seus ensinamentos, Jesus evidentemente não se referia a remoção espetaculosa de montes físicos, mas sim a tudo que possa interpor-se como barreira nefasta às aspirações mais elevadas da alma humana, bastando para isso um lampejo sincero de fé, ainda que minúsculo como um grão da mostarda, tido como um dos menores grãos existentes na Terra. A fé revela-se assim, como fonte de realização plena, de saúde e de felicidade.

Pensamento e ação

Desde tempos imemoriáveis o pensamento tem sido objeto de considerações filosóficas e especulações de todo tipo. René Descartes chegou a afirmar que a “essência do homem é pensar”. Propaga-se que há um poder imenso proveniente do pensamento, popularizando-se expressões como pensamento positivo ou a força do pensamento, etc. Entretanto, é certo que há muito de verdadeiro nessas expressões que merecem ser aprofundadas.

A doutrina dos espíritos e a ação constante da espiritualidade, comprometida com a causa da evolução humana, muito têm nos instruído a esse respeito, seja através da obra de Kardec, seja através de outros tantos trabalhos mediúnicos sérios e abnegados.

Joanna de Ângelis ressalta de maneira sucinta o papel do pensamento na trajetória evolutiva do espírito humano:

Através do pensamento cada ser humano eleva o seu estágio de evolução, caracterizando-se pela nobreza das ideias que formula ou pela vulgaridade em que se compraz.

O pensamento, além de instrumento evolutivo fundamental, é também fruto do processo de evolução. Tendo origem no instinto, que pode ser considerado como uma forma primária de pensamento, ampliou-se por força das necessidades ambientais e da luta pela sobrevivência as quais estimularam o espírito a liberar as funções que se encontravam em latência, dando lugar ao surgimento das ideias, ao desenvolvimento das faculdades psíquicas.

Assim, os desafios do meio ambiente e a respectiva adaptação genética ocorrida ao longo de milhões de anos resultaram na construção de um aparelho físico harmonioso, complexo e ultradelicado, onde atuam em sincronismo, neurônios,

nervos, sistemas perceptivos, reações eletroquímicas e todo um conjunto ainda minimamente compreendido pela ciência humana terrestre. Em última instância esse aparelho destina-se a decodificar o pensamento que é de natureza transcendente e não de natureza eletroquímica do próprio cérebro, conforme asseveram alguns respeitáveis estudiosos.

Assim sendo, quem pensa é o espírito e não o aparelho físico que serve simplesmente de veículo necessário, nobre e adequado ao espírito, durante a enriquecedora experiência reencarnatória.

Como emanção do espírito, o pensamento é o instrumento hábil para o estabelecimento da razão, do discernimento, da consciência que se desenvolve através de níveis específicos até fundir-se na identificação cósmica, conforme sucede com o próprio pensamento.

É oportuno lembrarmo-nos que embora surja por ampliação e evolução do instinto, o pensamento coexiste com o instinto, ou seja, o instinto não fica suspenso ou inerte por força do desenvolvimento do pensamento. O Livro dos Espíritos aborda esse tema com detalhes no Livro Primeiro, capítulo IV, incluindo comentários do próprio Kardec.

Assim, o instinto que permanece, mesmo no homem mais evoluído, é também instrumento valioso da alma humana, desde que utilizado de forma harmônica com a razão, o que equivale a interpretar e dirigir os apelos instintivos com o crivo do discernimento, o que constitui exercício de evolução no seu sentido mais amplo e sublime.

A visão que O Livro dos Espíritos nos traz sobre o papel do instinto é singular ao ressaltar o mesmo como guia seguro e potencialmente infalível no atendimento das necessidades humanas, e não somente como impulso bruto a ser refreado. Assim o instinto, harmonizado com o pensamento, pode indicar-nos aspectos que estariam fora do alcance imediato do raciocínio lógico, levando-nos a ações e decisões acertadas.

Além de instrumento para o estabelecimento da razão, e com isso as ações conscientes do indivíduo, o pensamento tem efeitos involuntários significativos que, por vezes, ultrapassam o conhecimento de quem os emite como veremos a seguir.

Formações fluídicas, forças ideoplásticas, formas-pensamento são expressões

que compõem a literatura espírita clássica que inclui, além da obra basilar de Kardec, psicografias de Francisco Xavier pelo espírito André Luiz, estudos de Ernesto Bozzano e outros. O aspecto essencial dessas expressões fixa-se na capacidade, própria do pensamento, de interferir nas realidades materiais/físicas e psíquicas do próprio indivíduo e do ambiente que o cerca. Essa interferência pode manifestar-se, por exemplo, como cura e refazimento físico e psíquico, próprio ou em terceiros, como transmissão de eflúvios balsâmicos tranquilizantes e reanimadores para uma alma debilitada, na manipulação da matéria bruta, própria da crosta terrestre, ou da matéria sutil, comum no plano espiritual, de acordo com objetivos específicos.

É extraordinário o poder e a abrangência do pensamento, e se tal ocorre com os meios físicos e psíquicos externos, quão decisiva será a influência do mesmo nas resoluções nobres e elevadas, tomadas com firmeza e determinação pelo indivíduo, e quão exposto estará o indivíduo incauto que não tome a rédea dos seus pensamentos abrindo-se, dessa forma, ao assédio de forças nocivas criadas e acalentadas por ele próprio e por terceiros?

A displicência e a invigilância no pensar pode, portanto, induzir a descaminhos. Um bom exemplo desse perigo é o alerta de Jesus: Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. (Mateus 5:28). A natureza imediatista da libido, aliada ao pensamento desregrado e sem disciplina, antes mesmo de desdobrar-se em ato físico, e mesmo que tal não aconteça, desencadeará forças fluídicas, invisíveis ao encarnado que a emitiu, capazes de provocar os efeitos. Irritação psíquica, depressão, distúrbios orgânicos e degenerações diversas são consequências diretas desse tipo de influência tanto para o emissor como para aqueles que mentalmente estiverem receptivos a tais vibrações.

Capítulo 10

A vida e a morte

A bênção do corpo físico

NA CONDIÇÃO DE HUMANOS encarnados, estamos viajando no envoltório da matéria considerada bruta, porém ainda que receba esse adjetivo, é admirável, posto que além de atender ao projeto evolutivo enquanto seu estágio na Terra, compreende um equipamento fantástico de complexidade inimaginável. A engenharia biológica e genética aplicadas ao corpo humano, em conexão perfeita com a psique e com o espírito, que a ambos anima, é uma maravilha que mesmo o conhecimento científico terrestre mais avançado alcança somente uma parcela ínfima. Equipamentos tecnológicos avançadíssimos, concebidos somente na ficção e pela mais ousada imaginação humana, não passam de imagens pálidas e primitivas da engenharia e tecnologia contidas em um corpo humano pleno de vida.

Ainda que apreciemos isoladamente alguns componentes dessa máquina, os dados impressionam. Existem, por exemplo de 150.000 a 190.000 quilômetros de artérias, vasos e veias, suficientes para completar quatro voltas no globo terrestre, constituídos num circuito único que leva sangue para nutrir um total de aproximadamente 100.000.000.000.000 (cem trilhões) de células, as quais renovam-se continuamente num processo de reencarnação celular preciso e controlado que mantém saudável a vida do indivíduo. Há no cérebro aproximadamente 100.000.000.000 (cem bilhões) de células pensantes, os neurônios, cada um dos quais conectados a 10.000 (dez mil) outros neurônios o que possibilita a existência de 100.000.000.000.000 (cem trilhões) de conexões destinadas à troca e processamento simultâneo de milhares de informações recebidas por segundo, acerca de todo o tipo de estímulos externos e internos através dos sofisticados aparelhos perceptivos da visão, audição, tato, paladar e olfato. Cabe ainda a esse conjunto neurológico administrar através de ferramentas químicas e elétricas, de forma harmônica, o funcionamento de todos os órgãos e tecidos da máquina humana, em todas as suas complexas interações.

É admirável que esse veículo carnal esteja totalmente preparado e adaptado não somente como receptáculo específico para uma determinada alma, mas também apto a sobreviver naturalmente no ambiente terrestre, respirando a composição

atmosférica que responde perfeitamente às suas necessidades, nutrindo-se dos milhares de frutos e vegetais que, abundantes, satisfazem seu refazimento e manutenção fisiológica, recebendo os raios solares que, após atravessarem a atmosfera, são atenuados na exata medida para a adequada e necessária absorção pela epiderme, dentro de temperaturas e condições climáticas também viáveis à sobrevivência física, ainda que com a ajuda de acessórios específicos para enfrentar as temperaturas mais extremas. Tudo demonstra a harmonia providencial do Universo; da água que mata a sede e rega o solo, ao sol tão distante e tão intimamente partícipe da vida humana em todo seu delicado equilíbrio.

Todo esse aparato incrivelmente complexo, desenvolvido ao longo de 2.000.000.000 (dois bilhões) de anos pelo Princípio Inteligente Universal é posto à disposição dos espíritos que estagiam no orbe terrestre, para servir como instrumento de experiências evolutivas que só poderiam ser vividas na condição de encarnados. Desperdiçar tamanha oportunidade, respaldada por equipamento tão magnífico, equivale a retardar de forma profundamente comprometedora a caminhada evolutiva.

O respeito infinito que inspira o corpo humano, que reflete a fagulha divina presente no ser humano.

Nesses incomparáveis equipamentos encontram-se os mecanismos que expressam a inteligência, o sentimento, as tendências de toda natureza, graças ao perispírito que os modela, obedecendo às exigências da Lei de Causa e Efeito, no desempenho da tarefa para a qual foi elaborado pela Divindade, na sua condição de envoltório sutil da alma ou Espírito.

A bênção, portanto, de um corpo, para o crescimento espiritual, por mais limitado e destroçado que seja, é de não apreciado valor, porquanto reflete as necessidades do seu agente espiritual, sempre responsável pela maneira como se condensa no mundo das formas.

Respeitá-lo com imenso carinho, oferecendo-lhe os contributos próprios para

que sejam alcançadas as finalidades às quais se destina, é o dever inteligente do viandante na romagem terrena.

Desse modo, é incumbência do discernimento e da livre vontade, resguardar e cultivar as potencialidades do sagrado invólucro material recebido das mãos amorosas do Universo. Sendo obra única, jamais repetida, é construído especialmente para acolher o espírito nas circunstâncias previamente estabelecidas e atendendo as necessidades e desafios específicos daquela encarnação, deve por iniciativa do próprio espírito ser utilizado de forma produtiva, além de conservado e preservado não somente das agressões do meio externo, mas também das provenientes dos conflitos ínsitos nele próprio.

Nesse esforço de autopreservação, enquanto não ocorre a harmonização, o ego ainda arrogante, num mecanismo de fuga da responsabilidade, identifica externamente supostos agressores, estabelecendo hostilidades e ataques inúteis que redundam, estes sim, em danos reais em quem os engendrou, perpetuando conflitos e postergando o necessário e inevitável autoenfrentamento.

A paz e a serenidade próprias da harmonia entre ego e self, percebidas no estado numinoso, provêm da constatação segura de que não há ameaças externas reais quando se está consciente de si mesmo e sinceramente empenhado na reforma íntima. Há uma sensação real de invulnerabilidade que traz alívio e liberdade, posto que o clima de alerta defensivo e a expectativa constante, ainda que falsa, de infortúnios e sofrimentos permeou toda a existência pretérita da alma humana. Constata-se, ironicamente, que a principal causa de infortúnios e sofrimentos é a expectativa e o respectivo medo de que os mesmos possam ocorrer. Assim nos tornamos vítimas antecipadas de meras expectativas, que talvez jamais se concretizem.

A admiração e encantamento profundo, nos momentos mágicos em que o self nos leva a contemplação da Natureza e da Sua criação infinita, deve ser dirigida também a esse magnífico corpo que gentilmente nos hospeda, sofrendo humildemente os desmandos e desatinos do nosso espírito ainda embrutecido. A imagem sublime que Joanna de Ângelis nos resgata a seguir é de profunda e comovente sensibilidade:

O amor, portanto, para com o doce e calmo jumentinho, conforme o denominava o santo de Assis, em reconhecê-lo como o animal em que montava, é a proposta mais bela e rica de contribuições para a sua preservação e harmonia.

A vida harmônica

Alguns biólogos definem a vida como o fenômeno que anima a matéria. Tal afirmação pode ser correta a partir da coerência estabelecida com o que se entende por vida, conceito muitas vezes associado à capacidade de reprodução e funções fisiológicas presentes já na célula que compõe organismos mais complexos. Entretanto, o sopro da vida já pulsa nos átomos que se agregam para constituir os elementos que compõem a célula. A própria transição da matéria, tida como inanimada, para o estado de vida orgânica, não é compreendida pelo saber humano, todavia sabemos que: É assim que tudo serve, tudo se coordena na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo. (O Livro dos Espíritos – Questão 540)

No estágio de alma humana, a repetição do ato inevitável de libertar-se da primazia carnal, com todas as ligações que a mesma mantém com os instintos e com o ego, é prática preciosa de aprendizado evolutivo. A libertação dá-se pelo esforço da razão que busca um discernimento cada vez maior durante a vigência de encarnado ou, repetidamente, pela experiência muitas vezes conturbada e prolongada da desencarnação, com os desligamentos naturais que, cedo ou tarde, deverão ser totalmente consumados. O desconhecimento da realidade espiritual, que transcende o mundo sensorial e os ditames do ego, dificulta o abandono da matéria, pois não se pode adentrar com serenidade numa realidade que se desconhece. O desconhecido, nesse caso, causa a repulsa, a desconfiança e o medo.

Todavia, quando o indivíduo vive uma existência carnal na busca autêntica, determinada e consciente dos valores mais elevados que já presente, experiencia-se, desde cedo, um natural desapego pela mesma, como consequência da visão espiritualista que se possui da vida. Tendo-se em mente que tudo é transitório no mundo físico, e que o corpo é somente um instrumento para a evolução, ama-se a organização material, consciente, porém, da sua relatividade, da sua destrutibilidade pela morte. A transição para o mundo espiritual, a partir desse estado da alma, tende a ser serena e auspiciosa, sem percalços ou medos. Quem se prepara para bem viver, prepara-se para

desencarnar em harmonia com a vida espiritual.

A consciência dessa transitoriedade faculta o indivíduo a abrir-se ao por vir, ao que não é instável, aos valores eternos entendendo as demais motivações como circunstanciais e não essenciais, portanto passíveis de serem cerceadas ou harmonizadas, sem culpas, em prol do sentido existencial soberano e inestimável. Essa postura é por si só, sólida, sem conflitos, e traz ao indivíduo o entusiasmo do estado numinoso. O mestre divino demonstra de forma inequívoca, o estado exultante do pobre coração humano, já cansado dos percalços e das mentiras do ego que tocado pelo self finalmente experiencia o estado numinoso que é comparado ao reino dos céus:

O reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo.

O reino dos céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo o que tinha e a comprou.

O reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes. Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então se assentam e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. (Mateus 13, 44-48).

Nada é mais empolgante e significativo ao ser numinoso do que o mero vislumbre das maravilhas e da plenitude eterna do reino dos céus, que mesmo infinito cabe no coração humano. Por isso vende e desfaz-se de tudo o que tem, para ser indivíduo – aquele que não é dividido – e para que não haja qualquer divisão ou separação entre seu coração e o reino dos céus.

Nesse estado o ser numinoso exala equilíbrio, segurança, autoconquista.

Transforma-se em um polo de atração que beneficia todos aqueles que se lhe acercam, porque a sua exteriorização é benéfica e enriquecedora. A mera proximidade física do ser numinoso provoca efeitos significativos, compatíveis à afinidade moral e psíquica de quem se aproxima. É perceptível e contagiante a paz e a serenidade do numinoso para aqueles que se dispõem sinceramente à solidariedade e, por outro lado, causa indiferença ou até mesmo repúdio ao indivíduo insensato e boçal.

O mais perfeito exemplo de irradiação sublime da divindade pode ser observado no mais perfeito e sublime ser que pôs os pés sobre a Terra, conforme descrição do espírito Emmanuel:

Jesus, em sua passagem pelo Planeta foi a sublimação individualizada do magnetismo pessoal, em sua expressão substancialmente divina. As criaturas disputavam-lhe o encanto da presença, as multidões seguiam-lhe os passos, tocadas de singular admiração. Quase toda gente buscava tocar-lhe a vestidura. Dele emanavam irradiações de amor que neutralizavam moléstias recalcitrantes. Produzia o mestre espontaneamente o clima de paz que alcançava quantos lhe gozavam a companhia

**Do livro Pão Nosso – capítulo 110 – psicografado por Francisco C. Xavier –
FEB)**

Os miseráveis, os estropiados fisicamente e os desprezados e discriminados pela sociedade conturbada de então, como as prostitutas, os cobradores de impostos e aqueles tidos como pecadores, sorriam embevecidos as emanações de puro amor que brotavam da presença de Jesus, e a elas tinham acesso porque ainda que fossem pecadores e fracos, esses seres traziam na alma as brechas humildes da boa vontade e da simplicidade de coração, que davam passagem ao amor divino. Contudo, os fariseus poderosos, com suas personas pesadas e seus sentimentos avaros, mesquinhos e arrogantes, encolerizavam-se com o doce Jesus, em quem viam nada mais do que uma ameaça ao seu falso prestígio e poder, ensejando-lhe a morte perversa. Cegos pelo ego exacerbado, não deixavam brechas nos seus

corações empedernidos por onde pudesse entrar o amor de Jesus.

Se por um lado a aproximação entre ego e self é consequência evolutiva alcançada após muitas reencarnações, são também consequências as enfermidades e os desvios morais. Assim, onde se encontre o enfermo psicológico ou físico ou mental, aí está a totalidade dos seus atos em reencarnações anteriores agora refletidos na conduta angustiosa ou aflitiva que o aturde. Entretanto, a reação de mudança e a vida harmônica estão ao alcance de todos que as busquem com determinação, e os auxílios do alto a essa empreitada são muitos.

A coragem e a determinação do autoenfrentamento conduz o indivíduo à descoberta de inúmeras alternativas e caminhos de reconstrução, ou ao menos, num primeiro momento, ao conhecimento sóbrio do que deve ser reconstruído. Há terapias, técnicas de meditação, autoanálise, leituras pertinentes e inúmeros outros recursos válidos. Quem verdadeiramente quer os fins busca os meios, porém, não enxergar os meios é pretexto frequente de quem não quer enfrentar a labuta. É a fuga dos que optam pela máscara de vítimas das crueldades e injustiças dos que o cercam e do mundo em geral. É em suma uma fuga da responsabilidade intransferível pelo que acontece consigo próprio e no mundo.

Equipamentos psicológicos para o ser

O self, na condição de energia pensante, ou princípio inteligente do Universo, segundo conceituação de O Livro dos Espíritos (Questões 23 e 24), apetrechou a alma humana com todo um arsenal de equipamentos psicológicos para o desempenho da tarefa que deve executar – a autoiluminação.

Há, portanto, na alma humana, recursos originalmente em estado latente que aguardam para serem despertados, com o concurso da vontade e do discernimento. Joanna de Ângelis, de forma didática e prática, agrupa esses recursos em seis vertentes distintas: A alegria de viver, a reflexão antes de qualquer atitude, a prática da caridade, a autoanálise frequente na busca do si mesmo, já examinada no capítulo 4, o cultivo do relacionamento criatura-Criador através da oração e por fim o pensamento conforme já abordado no capítulo anterior.

A alegria de viver encerra a condição básica para o êxito de qualquer empreendimento humano saudável e, inversamente, a ausência da mesma envenena e até inviabiliza realizações construtivas, pois destrói as intenções dignas já no seu nascedouro com o ranço do pessimismo e do desânimo.

É natural na criança sadia, até os sete ou oito anos aproximadamente, a alegria de viver. Até essa idade permanecem, via de regra, em suspenso as tendências e heranças morais das existências passadas, prevalecendo assim a vida na sua forma pura, sem a degeneração provocada pelos conflitos desatinados do ego insatisfeito. Por isso a verdadeira alegria não se obtém, mas se mantém.

A alegria é, portanto, o estado puro ou original da vida e desaparece quando surgem os conflitos e quando vêm à tona os condicionamentos que há séculos residem no inconsciente. Os conflitos manifestam-se quase sempre através de estruturas mentais ou condicionamentos inconscientes que, por não serem racionais, transformam os simples desafios da vida cotidiana em sofrimentos (vide capítulo I). As estruturas mentais fazem brotar na psique sensações, imagens e medos que, embora desprovidos de qualquer sentido racional,

estabelecem-se sorratamente como realidades possíveis.

Para que se alcance a alegria de viver, portanto, há que subordinar a mente e a imaginação ao jugo da vontade lúcida e do discernimento, eliminando a ação de devaneios e projeções mentais carregadas de imagens negativas, sombrias e sempre improváveis, substituindo-as por procedimentos mentais saudáveis onde o pensamento ativo, sob a tutela do discernimento lúcido, serve de respaldo criador, trabalhando a favor das ações nobres, mantendo sempre a vitalidade saudável do entusiasmo e esquivando-se dos conflitos inúteis.

A alegria de viver pressupõe também a existência de problemas e desafios que, fora da visão dilatada do self, são classificados como sofrimento pelo ego imaturo. A compreensão dessa fraude engendrada pelo ego, qual criança birrenta, deveria bastar para que ao menos questionássemos a autoridade do mesmo para discernir a natureza real dos desafios que a vida nos traz. A análise criteriosa desses desafios, sem a interferência estúpida do ego infantil, invariavelmente revela-nos que os mesmos são nada mais que questões práticas que requerem a construção e escolha de providências igualmente práticas. Tudo o mais são acessórios falsos, como monstros de papelão, que o ego traveste de sofrimento utilizando-se dos materiais e fantasias que habilmente encontra nos arquivos do inconsciente.

Toda essa compreensão deve ser secundada pela vivência prática, ou seja, pelo esforço pessoal de manter-se alerta, no correr da vida e dos fatos, mantendo assim afastada a mentira do sofrimento.

A busca dessa consciência profunda transforma-se em meta que conduz à plenitude psicológica, quando o sofrimento não encontra lugar para instalar-se, ou quando ali presente, ser superado. Embora o sofrimento permaneça no mundo e nas criaturas como uma fatalidade do seu processo de evolução, mediante os equipamentos psicológicos da busca da luz, torna-se factível diluí-lo na claridade do amor inefável.

O sonho alquimista era a transmutação dos metais comuns em ouro de alto valor, que não foi conseguido. Nada obstante, psicologicamente, é possível essa

alquimia no ser, ao transformar a sombra em luz e os conflitos com as suas marcas de perturbação no ouro da harmonia.

Para tal cometimento, os recursos a serem utilizados são internos e fazem parte da construção da consciência, pois que, somente por seu intermédio, é possível a conquista da sabedoria, ao discernir entre o que é necessário e inútil na existência, de real ou de aparente valor...

A reflexão antes de qualquer atitude, por sua vez, viabiliza a ação do discernimento ao mesmo tempo em que impede a ação sempre tempestiva do ego imediatista. Impedir a reflexão prévia é, entretanto, habilidade natural do ego, o que torna conveniente e sábio o antigo conselho de se “contar até dez” antes de qualquer atitude passional. Quantos transtornos teriam sido evitados e quanto tempo teria sido utilizado de forma mais sensata se cada um de nós, incautos aprendizes, tivéssemos refletido por mais alguns momentos, ou em alguns casos por mais alguns dias, antes de tomar uma decisão ou agir de determinada maneira. A reflexão é, por excelência, o discernimento posto em prática, a ponderação que possibilita o uso da criatividade na elaboração de soluções adequadas e na escolha do melhor caminho a seguir. Contudo, para que o talento do discernimento atue plenamente, a psique deve estar aberta a essa criatividade e isso pressupõe estar livre dos paradigmas, dos condicionamentos e dos padrões preestabelecidos, os quais se incrustam no inconsciente e, sob o comando do ego medroso, repudiam tudo o que for novo e inusitado, por julgar mais seguro manter-se no já experimentado e aceito padrão social.

Portanto a criatividade, como exercício de reflexão, provém do espírito, que para romper com os padrões egoicos e libertar-se do jugo dos instintos, pressupõe certa dose de coragem e de ousadia. Já a impulsividade provém do atrevimento insano do ego que busca, de forma imediatista, a mera satisfação sensorial e a falsa sensação de domínio sobre o meio. Retrata-se assim, mais uma vez, o conflito ego-self que deve ser extinto pela consciência e pela compreensão do primitivismo do ego.

A reflexão, desenvolvida e aprimorada pela constância, induz naturalmente o indivíduo a considerar sua relação, enquanto criatura, com Aquele que o criou. É

inevitável que em algum momento chegue à consciência vislumbres da infinitude em que estamos submersos e integrados. A reflexão contemplativa da natureza em seu equilíbrio e harmonia tem levado muitos indivíduos à percepção da relação criatura-Criador ou ao pensamento-oração que faculta sintonia com as forças cósmicas de onde procedem todas as coisas materiais, e em forma de energia vitaliza e acalma quantos se utilizam desse comportamento.

Dessa forma, a relação criatura-Criador, uma vez introspectada no consciente, inicia, por fazer parte da sua natureza intrínseca, o movimento livre e voluntário em direção à integração harmoniosa consigo mesmo, com o outro e com o Universo, ou seja, em direção à caridade. Como expressão pura do amor, a caridade eclode e se aperfeiçoa no caminho evolutivo que, após milhões de anos, atingiu na consciência humana a percepção, ainda incompleta, da vocação suprema da alma humana para o amor, para o estado numinoso permanente segundo expressão de Joanna de Ângelis.

A fatalidade da morte

A finitude do corpo físico como tal, ou seja, a aglutinação de moléculas que se mantém temporariamente reunidas até a desencarnação, é constatação flagrante e óbvia para qualquer ser humano, desde os mais remotos tempos, em decorrência da mera observação da morte em toda a natureza, nos reinos vegetal e animal, incluindo o próprio ser humano. Porém, o medo da morte sempre habitou a psique humana, como descreve Joanna de Ângelis:

Atavicamente, porém, o medo da morte e do aniquilamento permanece como um arquétipo terrível e ameaçador, herança do período da caverna, quando ocorria o fenômeno que não era interpretado pelo homem primitivo, que via o outro ser decompor-se, tresandar podridão e não mais voltar ao convívio... Sem a capacidade de discernir, o culto do sepultamento desenhou-se-lhe no self, dando lugar às superstições compatíveis com o nível evolutivo e gerando no inconsciente profundo o horror da ocorrência não compreendida.

Assim o horror da morte sempre esteve atrelado, dentre muitas outras coisas, ao horror do aniquilamento, do final inexorável e total da existência do indivíduo. Entretanto, o caminhar evolutivo, através de todas as suas contingências, trouxe lentamente à psique humana a compreensão, inicialmente carregada de alegorias e acessórios fantasiosos, do prosseguimento da existência após a morte. Inicia-se, dessa forma, um estado de consciência da imortalidade que, no início, limita-se à crença de que algo da individualidade permanece após a morte física.

A consciência da imortalidade representa um passo evolutivo gigantesco, principalmente considerando-se o seu desdobramento imediato que é a percepção de que o que sobrevive é a essência do indivíduo. Há também uma graduação evolutiva na qualidade dessa percepção, na medida em que se distingue a essência transcendente e infinita do indivíduo das percepções

sensoriais e instintivas do ego. O indivíduo passa a constatar que ele não é o seu corpo e nem o seu ego, embora os possua; que ele não é apenas a somatória da sua história, embora tenha registros inconscientes e conscientes da mesma.

Sofrer, pois, enquanto encarnados, as pressões do ego, as tentações absorventes da sensualidade e do orgulho, as sensações acachapantes do medo e dos conflitos internos, a dor e a debilidade física, as frustrações de não açambarcar ainda no consciente o sentido fraudulento do sofrimento e por isso amargá-lo por séculos a fio, são instrumentos nobilíssimos de descoberta e aprendizado do sentido da vida.

Considerando-se que a presença do sofrimento em todos os segmentos da sociedade é normal, qual seria, então, o sentido da vida, além disso?

Nada obstante, o ser espiritual, vencedor de mil embates, em cada dolorosa vivência aprimora-se mais, adquire mecanismos de defesa, robustece a confiança nos valores ético-morais, experiencia as gloriosas possibilidades que lhe dormem no íntimo. [...]

O prosseguimento da inteligência e do pensamento, além da esfera carnal, representa o mais extraordinário sentido existencial, pelo abarcar de todas as expressões da emotividade e dos outros demais sentimentos.

Tendo-se em mira esse significado, mais exequível se torna viver, seja em qual situação ou circunstância for, por saber-se que é temporária e breve a jornada carnal, portadora de finalidade educativa, psicoterapêutica, responsável pelo engrandecimento do si-mesmo.

Com esse equipamento, a certeza da imortalidade faculta que todos os fenômenos humanos adquiram lógica e possam ser compreendidos como

edificantes, portadores de futuro bem-estar e de harmonia.

Assim consideradas, a morte enquanto desagregação biológica e a vida física enquanto permanência provisória de um espírito eterno no corpo adquirem perspectivas e sentidos inusitados. Só assim todas as mazelas, misérias, infortúnios e tragédias incluídas no drama da história humana passam a ter sentido, o que de outro modo seria o caos existencial, a falência de todo e qualquer significado possível da existência humana e de quaisquer realizações da mesma. A própria morte seria a acusadora implacável do absurdo patético da vida.

A vida do espírito como inteligência suprema e causa primária de toda as coisas, expõe-se assim de maneira palpável e vivenciada. Jung, estudando idosos na proximidade do fenômeno da morte fez a famosa declaração:

(...) a psique inconsciente faz pouquíssimo caso da morte.

Por fim o apóstolo Paulo exortou os fiéis da igreja nascente a encarar a morte de forma positiva e construtiva e não como ameaça nefasta, ao provocar:

Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?

1 Coríntios 15:55

Fim